



DEFENDER A REVOLUÇÃO DERROTAR A REACÇÃO

As forças revolucionárias portuguesas encontram-se outra vez empenhadas numa batalha decisiva. Os acontecimentos dos últimos dias confirmaram que a reacção retomou a iniciativa e desencadeou uma ampla e envolvente ofensiva em várias frentes.

O inimigo principal é o mesmo, mas a sua estratégia e a sua tática mudaram. Sucessivas derrotas tornaram a reacção mais cautelosa e imaginativa.

A actual escalada contra-revolucionária tem características muito particulares.

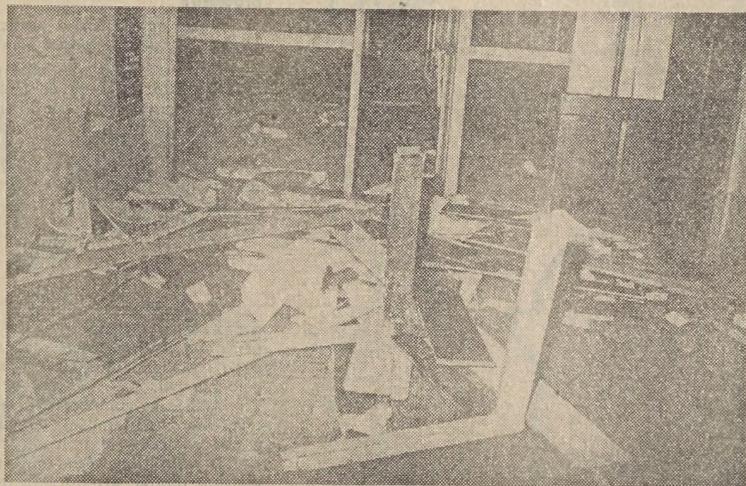
1. Em primeiro lugar, diferentemente do que se passou no 28 de Setembro e em 11 de Março, a conspiração é mais subtil, a identificação dos inimigos do processo é mais complexa. As forças que se empenharam na luta contra o processo revolucionário esgotaram as suas reservas e firmaram alianças tácitas ou abertas com as forças das mais heterogêneas inimigas do processo.

2. Os responsáveis pela

onda de violência em curso actuam a coberto da acção desenvolvida pelos partidos da burguesia que provocaram a crise política. A exploração demagógica do caso «República», o papel negativo e objectivamente contra-revolucionário da maioria da Assembleia Constituinte, o surto de reivindicações irrealistas em certas empresas nacionalizadas, os ultimatos do PS e do PPD ao Conselho da Revolução e ao Presidente da República, as críticas constantes ao MFA e particularmente ao Primeiro-Ministro, o fim do Governo de Coligação permitiram à reacção forjar explicações falsas para a onda de violência por ela própria promovida.

Os boatos mais absurdos são espalhados pelo País, desde o 4 de Julho. Falas de descontentamento popular, de mal-estar social, de perda de prestígio do MFA. Mas todos esses argumentos-pretexos não resistem a uma análise serena dos factos. O clima de desordem e violência que tentam implantar, artificialmente, em certas regiões do País nada tem de espontâneo, não mergulhar as suas raízes numa mudança de atitude do Po-

(Continuação na 3.ª página)



Um aspecto do estado em que ficou a sede do MDP em Matosinhos depois do assalto dos reacçãoários. Das instalações apenas ficaram as paredes e mesmo estas bastante danificadas.

O ANTICOMUNISMO NO CAMINHO DA VIOLÊNCIA

O anticomunismo tem várias faces, utiliza diversos processos. Logo após o 25 de Abril de 1974, as forças que o sustentam se lançaram ao ataque, nomeadamente através da utilização das falsidades e das calúnias que, entre as populações mais vítimas pela opressão cultural e ideológica do fascismo, já no

tempo de Salazar e Caetano produziram os seus efeitos. Desde há meses que tinhamos a experiência do anticomunismo subtil e «inteligente», veiculado por palavras mansas, manobras de bastidores, conceitos venenosos embulhados em discursos doces.

Desesperados pelo fracasso das suas tentativas, as forças reacçãoárias recorrem agora ao anticomunismo descarado, traduzido por uma escalada de violência sem precedentes, verdadeiros actos de banditismo que têm merecido a repulsa do Povo Português.

COMUNICADO DO PCP SOBRE OS ACONTECIMENTOS DE 19 DE JULHO

1. Em estreita aliança com o MFA, o povo português cortou o passo à «marcha sobre Lisboa» do dia 19 de Julho. Uma vez mais foi assim desmantelada uma grande operação reacçãoária. Os dirigentes do PS contradizem-se irremediavelmente quando por um lado afirmam que não havia qualquer marcha sobre Lisboa e por outro lado afirmam que, se não fossem as barragens, teriam tido no seu comício de Lisboa não os modestos 40 ou 50 000 participantes, mas cerca de meio milhão.

O objectivo tinha-se já há alguns dias tornado completamente claro. Tendo como iniciativa mobilizadora a realização de um comício do PS em Lisboa, pretendia-se fazer uma muito grande concentração de forças reacçãoárias que, em força, aparatosamente, «ocupando» a capital, exigiriam a demissão do Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves e a formação de um Governo de direita. As diatribes de Mário Soares no comício do PS em Lisboa puseram completamente a claro este objectivo. Graças à luta popular e à acção das Forças Armadas, a «marcha sobre Lisboa» ficou pelo caminho e a operação sofreu uma estrondosa derrota.

2. A Comissão Política do CC do PCP saúda calorosamente as organizações e os militantes do Partido, os jovens e as mulheres comunistas, os militantes de outras organizações revolucionárias e todos os trabalhadores e pessoas progressistas que, em estreita cooperação com o MFA, se mantiveram firmemente nas barragens ou intervieram por outras formas para dificultarem e finalmente impedirem a marcha reacçãoária sobre Lisboa.

Saúda todos os camaradas que, nos Centros de Trabalho, cercados ou atacados pelos reacçãoários, nas localidades ocupadas e aterrorizadas por bandos fascistas, souberam e sabem corajosa e serenamente fazer frente à situação, a fim de que seja rapidamente restaurada a ordem democrática.

O PCP saúda igualmente o MFA, os oficiais, os sargentos e soldados das forças militares e militarizadas que, unidos ao povo ao qual pertencem, fizeram gorar a marcha sobre Lisboa e em muitos casos defenderam instalações e camaradas da fúria criminosamente de bandos fascistas e de provocadores.

A Direcção do PCP apresenta as suas sentidas condolências às Forças Armadas e à família do soldado caído na defesa contra assaltantes reacçãoários do Centro de Trabalho do PCP em Aveiro.

A luta de 19 de Julho uma vez mais aproximou e uniu numa fraternidade de combate as massas populares e as Forças Armadas. A aliança Povo-MFA é uma realidade viva da Revolução portuguesa, a sua força motora e a garantia da sua vitória final.

3. A «marcha sobre Lisboa» aparece como parte integrante de uma vasta ofensiva reacçãoária, ainda não inteiramente dominada, que visa interromper o processo revolucionário e provocar uma radical viragem à direita da política portuguesa.

É profundamente lamentável que os dirigentes do PS estejam prossequindo uma política que se torna o eixo das actividades reacçãoárias e que converge nos mesmos objectivos políticos imediatos com a reacção. Os dirigentes do PS aliam-se às forças reacçãoárias e conservadoras contra as forças revolucionárias e progressistas, a começar pelo MFA. O seu anticomunismo atingiu uma violência que nada inveja ao anticomunismo do tempo da ditadura. Os dirigentes do PS atacam a reacção de Norte a Sul do País, pregam o ódio e a intolerância contra o MFA e contra os militantes da esquerda, animam arruaceiros contra-revolucionários, como sucedeu na Portela de Sacavém.

No desenvolvimento da ofensiva reacçãoária, têm lugar atentados e acções provocatórias anticomunistas. Em diversas localidades, bandos reacçãoários implantam um clima de intimidação de tipo fascista, assaltam os Centros de Trabalho do PCP e de outras organizações progressistas, espancam militantes, declaram a sua expulsão das localidades.

É necessário fazer frente, com firmeza e decisão, ao desenvolvimento das actividades contra-revolucionárias, garantindo a segurança das populações e o exercício das liberdades e direitos dos cidadãos, prendendo e fazendo julgar os responsáveis por desactos e violências, impondo o respeito pela ordem democrática.

Os membros do PS, tal como quaisquer outros

(CONTINUAÇÃO NA 3.ª PÁGINA)

26 DE JULHO DE 1953—MONCADA



«A liberdade custa muito cara. É necessário resignar-se a viver sem ela ou decidir-se a pagá-la pelo seu preço.»

(NA PÁG. 12)

José Martí



Que mudanças notáveis se produzirão nas duas componentes motoras do processo revolucionário com a rutura da coligação governamental?

Quais as novas condições de desenvolvimento desse processo?

Quais as exigências práticas principais que se põem na hora actual às forças revolucionárias?

Estas questões têm uma grande acuidade e acodem naturalmente à cabeça de quantos estão empenhados na defesa e consolidação das liberdades e direitos conquistados pelo nosso povo.

Há problemas políticos de fundo, decorrentes da rutura da coligação governamental, que deverão ser equacionados num quadro mais vasto. Também há problemas de fundo sectorizados nas duas componentes motoras da Revolução portuguesa.

A componente militar e a componente popular do processo revolucionário, tendo natureza diferente, convergem num mesmo objectivo — a construção de uma sociedade socialista, sem classes, sem exploração do homem pelo homem.

Ambas as componentes se defrontam com problemas que, diferentes também, têm um imperativo comum para a sua solução — a unidade.

A solução unitária dos problemas internos da componente militar é naturalmente uma tarefa que compete ao MFA, aos seus organismos deliberativos e executivos, e o nosso povo tem amplas razões para esperar muito da dedicação revolucionária e da maturidade política dos dirigentes militares. As massas populares, os partidos e organizações democráticas, respeitando a não ingerência nos problemas internos do MFA, podem, contudo, facilitar essas soluções unitárias não acirrando divisões, não criando situações susceptíveis de conduzir a confrontações, quer entre as massas populares e as forças armadas e militarizadas, quer no seio destas forças.

Respeitando escrupulosamente as regras de não ingerência nas questões internas da componente militar — do MFA — não vamos, portanto, abordar aqui os seus problemas específicos.

O mesmo não se coloca quanto aos problemas do movimento popular de massas e às suas soluções unitárias, que são tarefas específicas do partido do proletariado.

O fim da coligação governamental põe na ordem do dia a necessidade de uma reformulação da componente popular e da sua dinâmica. A unidade do movimento popular de massas e dos partidos e organizações democráticas foi a substância inicial incontestável daquela componente até à irrupção da feroz campanha anticomunista conduzida por dirigentes dos mais destacados do PS a partir de Janeiro do ano corrente.

Os obstáculos à inserção da unidade sindical na lei, os ataques à Intersindical, a contestação da legalidade revolucionária de muitas comissões administrativas das autarquias locais, que na sua formação obedeceram ao inegável mandato do povo, introduziram os germes da divisão entre os partidos da coligação, particularmente entre os dois grandes partidos — PS e o PCP.

A partir do 11 de Março viu-se como eram justas as conclusões do PCP quando prevenia que o movimento de

massas não se pode amoldar a qualquer carapaça que contrarie a sua dinâmica.

A linha divisionista dos dirigentes do PS assumiu a sua expressão mais grave com as suas práticas eleitoralistas antes e depois das eleições e particularmente com a chantagem do «Caso República».

Os acontecimentos da última semana permitem ver hoje como, utilizando tais pretextos, os dirigentes do PS queriam, afinal, atacar o processo revolucionário nos seus fundamentos, isto é, dividir o movimento de massas e desmembrar o MFA, quebrar a aliança Povo-MFA e impor assim ao País um regime e um Governo de direita.

O movimento de massas ganhou já a sua própria dinâmica — o divisionismo dos dirigentes do PS prejudicou-o mas não o fez recuar.

O fim da coligação pelo abandono do PS e do PPD, que se destinou a dar o golpe final no movimento democrático organizado das massas populares, encontrou-o já com sólidas raízes, notavelmente estruturado nas fábricas, nos campos, nos escritórios, em muitas vilas e aldeias e para as actividades mais variadas da população.

Perante o divisionismo do PS e a linha de classe consequentemente burguesa do PPD, que no Governo eram já um travão ao processo revolucionário, a estruturação da aliança Povo-MFA impunha-se aos partidos integrados no processo e ao próprio MFA, cujas campanhas de dinamização cultural foram e continuam a ser uma positiva contribuição para a força e o alargamento do movimento popular.

As novas condições de desenvolvimento deste processo só serão alteradas pelo facto de, possivelmente, o novo Governo não vir a ter a representação dos partidos.

As mudanças operadas ao nível do Governo pelo fim da coligação não alteram porém antes dão nova força e urgência à estruturação da aliança Povo-MFA como base do processo revolucionário, no qual os partidos revolucionários, aqueles que estão de acordo com o processo, em primeiro lugar o PCP, vanguarda da classe operária, têm um papel insubstituível.

A defesa da Revolução, a estruturação do movimento popular de massas, a sua dinamização e consciencialização, constituem as tarefas práticas imediatas mais importantes dos partidos e organizações democráticas.

A classe operária tem de ser a força principal deste amplo movimento unitário de massas, sem o qual seria impossível solucionar pela via revolucionária os agudos problemas do País e do Povo na perspectiva do Socialismo.

O movimento sindical unido, viva expressão do democratismo proletário, tem um papel de dianteira na organização do movimento popular e na resolução das tarefas imediatas do Estado democrático neste período de transição. A vocação do movimento sindical é unir todos os irmãos de classe na luta contra a exploração do capital sejam quais forem as suas convicções políticas ou religiosas. Nas fábricas, herdades e escritórios as comissões de delegados sindicais devem unir esforços com todas as outras comissões de trabalhadores. Razões de competência não podem separar irmãos de classe em compartimentos estanques. É o pensamento unitário que tem de presidir à mobilização e organização dos trabalha-

dores no enfrentamento dos problemas que hoje afectam quem trabalha.

Problemas como os da batalha da produção, do «contrôle» operário, da luta antimonopolista, da gestão das empresas nacionalizadas, da Reforma Agrária, da defesa da Revolução e outros exigem soluções arrojadas que só podem encontrar-se numa base amplamente unitária de acção das classes trabalhadoras.

São diferentes as cidades das aldeias, diferentes os bairros burgueses citadinos dos bairros de lata que proliferam nas zonas industriais, mas as Comissões de Moradores representam já e devem representar ainda mais no futuro o peso dos interesses das camadas populares mais desfavorecidas e serem um dos principais elementos dinamizadores na solução dos problemas locais. Em contacto estreito com as autarquias locais, com a mobilização activa das mulheres e da juventude, problemas muito vastos e agudos das populações começarão a encontrar as respostas e soluções adequadas.

Problemas como os da habitação, em especial o das barracas; os da cobertura sanitária e hospitalar; os das zonas verdes; os das creches e jardins de infância; os dos transportes e do abastecimento público; os da educação, dinamização cultural e desporto, e outros, só podem ser resolvidos em prazos razoáveis com a participação ampla e activa dos moradores respectivos.

Em contacto com instituições estatais desburocratizadas e abertas aos interesses da população mais pobre, estes organismos populares, que estão já a dar magníficas provas na solução dos problemas locais, podem ser elementos dinâmicos de uma nova vida colectiva, verdadeiramente democrática.

As experiências já colhidas em inúmeras assembleias populares, com a participação de organismos da mais variada natureza, saídos da iniciativa criadora das massas e da acção organizada dos partidos e organizações democráticas, apontam um caminho que vai ao encontro do Plano de Acção Política do MFA na parte relativa à estruturação de um estado democrático em transição para o socialismo.

O democratismo popular está a revelar-se uma prática fecunda que levará a uma renovação total da vida de um País destruído por quase 50 anos de fascismo e ao revigorecimento das energias populares libertas por uma revolução que não parará nas meias realizações.

Neste amplo movimento popular e democrático de massas, em que participam já com um papel insubstituível, também os militares do MFA, toda a discriminação política e religiosa deve ser combatida. Comunistas, socialistas, democratas, sem partido, ateus ou religiosos, devem superar as suas divergências e encontrarem os elos que a todos liga num objectivo comum de libertação e participação populares.

A acção dirigente dos partidos e organizações democráticas deve exercer-se estreitamente vinculada aos interesses populares, à democracia, ao revigorecimento da aliança do movimento popular de massas com o MFA.

Acção dirigente não é dirigismo no sentido estrito da palavra. O dirigismo no pior sentido mata a iniciativa criadora das massas.

O democratismo popular tende a ser uma prática extremamente rica e operativa na solução dos problemas do Povo.

O fim da coligação governamental e as alterações produzidas ao nível do Governo emprestarão um novo conteúdo ao movimento popular, cuja dinâmica garantirá no quadro das instituições democráticas o desenvolvimento da revolução portuguesa rumo ao socialismo.

O fim da coligação e a aliança Povo-MFA



A ORGANIZAÇÃO E PLANEAMENTO DA OFENSIVA REACCIONÁRIA EXIGEM MEDIDAS IMEDIATAS DE DEFESA DA ORDEM DEMOCRÁTICA

(Continuado da 1.ª página)

perante o processo revolucionário e a sua componente militar. É a reacção quem inventa isso para mais facilmente mover os tentáculos da sua ofensiva.

3. O anticomunismo, mais uma vez, é a arma principal utilizada pela reacção para tentar dividir as forças revolucionárias, travar o processo, lançar trabalhadores contra trabalhadores, provocar o caos. Mas, sintomaticamente, o pólo de convergência da ofensiva em curso localiza-se numa zona do País, na qual as forças da contra-revolução nunca dispuseram de posições, especialmente, sólidas. Surpreendentemente, não foi em Trás-os-Montes, no Minho, ou na Beira Alta, onde o caciquismo fascista impera ainda, que se verificaram assaltos a sedes de partidos revolucionários, invasões de autarquias, incêndios e agressões físicas e outros actos de vandalismo.

Por que motivo essa ofensiva se concentra numa área bem definida, em vilas próximas umas das outras, como Alcanena, Alcobaga, Rio Maior, Minde, e também na cidade de Aveiro, de antigas tradições democráticas? Trata-se, tudo o indica, de um teste. A reacção conhece bem o mapa político do País. Sabe que o Sul é revolucionário; sabe que os seus baluartes se encontram no Norte e nas ilhas. E, contudo, ataca numa zona de equilíbrio. Essa táctica ajuda a compreender a sua estratégia. Provocando confrontações em centros onde as forças revolucionárias dispõem de recursos para enfrentá-la e batê-la, procura criar uma situação que favoreça os seus planos. Fortalece-se com as indefinições e hesitações. Esforça-se por colocar as Forças Armadas e as forças mi-

litarizadas numa postura ingrata e difícil. Monta as provocações e explora-as. O seu jogo não tem mistérios. Se a ofensiva não for contida e esmagada, enquanto tem por cenário a zona de equilíbrio, estendê-la-á, quando quiser, ao Norte, imprimindo-lhe, então, noutro contexto, uma dimensão muito maior.

A reacção conseguiu alguns dos seus objectivos. Em numerosos centros urbanos e rurais da Estremadura, do Ribatejo e da Beira Litoral, a escalada anticomunista, comandada por caciques fascistas e executada por grupos de choque bem treinados, produziu efeitos extremamente preocupantes. Geram-se tensões graves e o verdadeiro objectivo da onda de violência é muitas vezes esquecido. O alvo não é apenas o PCP; é também o MFA, a Revolução.

Quando jovens reaccionários colocam cravos vermelhos nas G-3 dos elementos das Forças Armadas chamados a intervir em defesa da ordem democrática, os seus sorrisos e palavras têm um fim: confundir os soldados de Abril, neutralizá-los, criar condições para o choque das duas componentes, para a divisão das FA.

Entretanto, a corajosa resistência popular, a desarticulação pelo povo e pelo MFA da grande manobra de 18/19 de Julho, a recuperação de posições momentaneamente perdidas, mostram que o Povo Português está em condições de fazer frente vitoriosamente à ofensiva reaccionária.

4. Não é por acaso que as assembleias populares, as autarquias, e as sedes de partidos revolucionários e progressistas são especialmente visadas pelos organizadores da escalada de violência. A tónica, em todos esses ataques, é o anticomunismo.

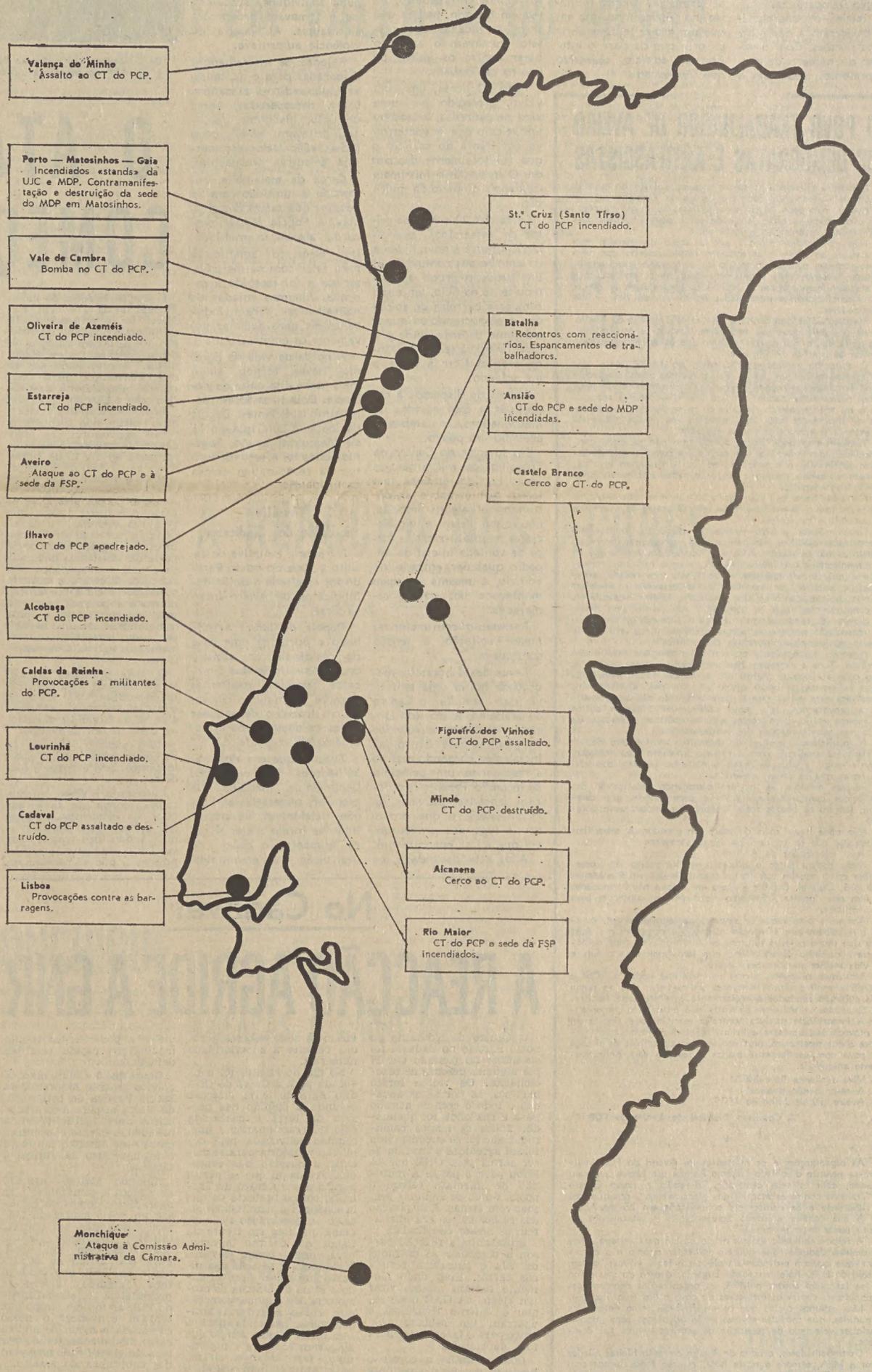
Torna-se, assim, claríssima a meta: a reacção pretende boicotar a institucionalização da aliança Povo-MFA, impedindo que as organizações populares de base se estruturam com o apoio activo dos partidos revolucionários.

5. O PS tem graves responsabilidades na escalada em curso. Com o seu comportamento inqualificável divorciou-se do processo revolucionário. O PS não quer o fascismo; sonha com a social-democracia, bate-se pela democracia burguesa. Mas os seus dirigentes demonstraram uma total cegueira histórica. A opção é Revolução ou Reacção. Sem alternativa. Ao assumir a responsabilidade de desafiar o Conselho da Revolução, de contestar a legitimidade da Assembleia do MFA, ao agitar o espantinho das ameaças à liberdade de Imprensa, ao promover comícios e manifestações anti-comunistas, fabricou o caldo de agitação que abriu as portas a todas as manobras reaccionárias. A marcha sobre Lisboa foi um fracasso. A direcção do PS pretendia reunir 500 000 pessoas. Mas os discursos fanaticamente anticomunistas pronunciados na Alameda Afonso Henriques foram escutados por umas escassas dezenas de milhares. Foram ouvidos pela reacção, pois os trabalhadores não se deixaram iludir. E, portanto, uma gravíssima responsabilidade a que o PS resolveu assumir. Quando o seu secretário-geral ataca o Primeiro-Ministro e exige a sua substituição, quando organizações do PS criticam as Forças Armadas, imitando a linguagem de Cícero no Senado Romano, servem apenas a reacção, abrem à reacção o espaço político indispensável à escalada contra-revolucionária.

O atentado terrorista de Vilar Formoso confirma, por outro lado, o óbvio. A reacção conta com poderosos apoios fora do País e actua de acordo com um plano ambicioso. Deseja o banho de sangue, a volta do fascismo.

As forças democráticas e revolucionárias são suficientemente fortes para esmagar a actual ofensiva. Para isso torna-se imprescindível, em primeiro lugar, identificar, com clareza, o inimigo, estudar a sua estratégia e a sua táctica e denunciá-las. O reforço da aliança Povo-MFA, o reforço da unidade entre todos os partidos e forças revolucionárias e progressistas é uma tarefa imediata e vital. A reacção não passará. Unidos, venceremos!

É necessário fazer frente, com firmeza e decisão, ao desenvolvimento das actividades contra-revolucionárias, garantindo a segurança das populações e o exercício das liberdades e direitos dos cidadãos, prendendo e fazendo julgar os responsáveis por desacatos e violências, impondo o respeito pela ordem democrática



O mapa assinala os principais pontos do País onde a violência reaccionária provocou incidentes, quer assaltando e incendiando Centros de Trabalho do nosso Partido e sedes de outras organizações políticas progressistas, quer perseguindo e espancando os trabalhadores que lutam pelos direitos da sua classe ou ainda enveredando pela provocação declarada. Para além dos incidentes referenciados, muitos outros sucederam no Continente e ainda nos Açores, onde a reacção anda de braço dado com os interesses imperialistas

COMUNICADO DO PCP

(CONTINUADO DA 1.ª PÁGINA)

democratas, estão interessados na derrota da reacção. A cooperação estreita dos socialistas com os comunistas e com outras forças da esquerda seria um importante factor da consolidação do processo revolucionário e do triunfo final da Revolução Portuguesa.

4. O fracasso da «marcha sobre Lisboa», que, segundo o cálculo dos seus promotores, deveria culminar a degradação da situação política e social, não põe fim às tentativas da reacção para conseguir que, da actual crise governamental, resulte uma viragem à direita que ponha em causa os resultados alcançados e os objectivos da Revolução.

A reacção tem ainda campo de manobra e procurará muito rapidamente recuperar o terreno que perdeu em 19 de Julho. A reacção continua manobrando, intrigando, fazendo as mais diversas pressões, conspirando activamente à escala nacional e internacional para impedir a formação de um Governo que corresponda às necessidades da hora actual.

Procurando organizar a acção de forma a que os militantes de vanguarda não se esgotem fisicamente, é necessário manter muito viva a vigilância popular, especialmente contra actividades de conspiração e acções de violência terrorista.

O PCP alerta para a necessidade urgente de impor a ordem democrática em regiões onde está a instaurar-se de facto uma situação contra-revolucionária. O PCP alerta para a necessidade de firmes e urgentes medidas nos Açores, onde a situação se degrada em virtude das actividades reaccionárias.

Os perigos para a Revolução continuam. A rápida constituição de um Governo que assegure a realização da política democrática e progressista já definida e que imponha o respeito pela autoridade do Estado é essencial para fazer recuar a reacção e consolidar o processo revolucionário.

O PCP apela para a unidade na acção de todos aqueles que não queiram que Portugal volte ao passado fascista, que queiram viver em liberdade, que queiram construir um regime democrático, que queiram assegurar a independência nacional, que queiram a realização em Portugal de profundas reformas económicas e sociais, rumo ao socialismo.

20 de Julho de 1975.

A COMISSÃO POLITICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Pedidos à Editorial «Avante!»

O ATAQUE AO CENTRO DE AVEIRO CAUSOU A MORTE DE UM SOLDADO

Entre os numerosos incidentes verificados na escalada reaccionária dos últimos dias, assumiram particular gravidade os verificados em Aveiro e que causaram, além de numerosos feridos, a morte do soldado Eugénio Manuel Ferreira das Neves, de 22 anos, natural de Verdame (Aradas) que prestava serviço no destacamento militar de Aveiro e que encontrou a morte durante o ataque reaccionário ao Centro de Trabalho do PCP naquela cidade.

A meio da tarde do dia 18, um grupo de fascistas concentrou-se frente ao centro do nosso Partido. Pouco depois, a Av. Dr. Lourenço Peixinho, principal artéria de Aveiro, era palco de cenas que, em violência, em ódio, em reaccionarismo, não ficavam atrás das que a polícia de choque ali praticou há mais de dois anos aquando do Congresso da Oposição Democrática.

De início, os reaccionários começaram a dar murros aos portões. Com o engrossar do número de pessoas presentes, passaram a

apedrejar e a tentar entrar no Centro de Trabalho, chegando mesmo a passar os muros que dão para um pátio anexo.

Cerca das 18 e 30 horas, os elementos da Polícia acorreram mas não intervieram. Contactado, o comandante da Polícia de Aveiro disse que daria ordens para intervir.

Pelas 18 e 55, chegaram as primeiras forças militares, no preciso momento em que um grupo tentava abrir a porta que dá para o interior do edifício, objectivo que viu gorado.

As forças militares, que pouco depois eram reforçadas, começaram a formar um dispositivo de segurança em frente do edifício.

Pessoas bem postas, bem vestidas, ex-legionários, dirigentes dos partidos de direita, riam-se, aplaudiam e proferiam frases contra o MFA e do mais feroz anti-comunismo. Ex-legionários, patrões, reaccionários de todo o calibre, militantes do grupelho provocatório do MRPP que vendiam o «Luta Popular» constituíam a fauna que no exterior se manifestava.

A presença das Forças Armadas fez esfriar um pouco os ânimos. No entanto, de vez em quando, pedras que eram arrancadas dos passeios cortavam o ar, indo bater contra os vidros do Centro de Trabalho.

Pelas 22 horas, um indivíduo, protegido por uma vaga de pedradas, incendiou um veículo que se encontrava em frente do edifício e que foi totalmente destruído. O incendiário misturou-se depois no meio da multidão.

Cerca das 22 e 30, aos gritos de «assassinos, assassinos», «morte à nova Pide» e de «morte aos comunistas», um pequeno grupo aproximou-se do edifício, tentando romper a barreira de soldados e empurrando-os quase até junto da sede, onde gritaram «fogo à sede», tentando mesmo tirar a arma a um soldado.

Depois de dispersos à corronhada e com rajadas de metralhadora, o ambiente acalmou um pouco.

No interior do Centro de Trabalho, os militantes do nosso Partido, embora sem terem que comer e encontrando-se alguns feridos, não diminuíram a vigilância. A mesma firmeza, a força de vontade inicial de impedir qualquer entrada no edifício, a mesma coragem manteve-se nos nossos camaradas.

Entretanto, com maior ou menor agitação, a tensão continuava.

Cerca das 4 horas da madrugada houve uma tentativa para incendiar o Centro de Trabalho, tendo sido lançados archotes envolvidos em gasolina para dentro das instalações chegando mesmo a registar-se um princípio de incêndio. Perante isto, foram lançadas granadas lacrimogéneas, o que provocou a fuga dos provocadores que ali se encontravam.

Após esta debandada, os nossos camaradas foram evacuados num carro militar, o que se registou cerca das 5 horas—12 horas, portanto, após o início do cerco.

O ambiente, à medida que o tempo passava, ia-se tornando mais tenso, começando a engrossar o número de reaccionários em frente ao Centro de Trabalho, pelas 15 horas.

O ambiente de tensão, com grupos perfeitamente orquestrados a tentar forçar a porta, foi-se agudizando.

Apedrejamentos, feitos por fascistas armados e com capacetes, nitidamente instigados e orientados por alguns indivíduos, sucediam-se e tomavam proporções alarmantes. A histeria da violência aumentava.

Rajadas de metralhadora disparadas para o ar, tentavam dissuadir os atacantes. Estes, desesperados, caras de ódio, histéricos, fascistas, gritavam: «MFA, nova Pide», «São todos comunistas» e outras provocações.

Cerca da meia-noite, aumentou a multidão com as pessoas que saíam dos cinemas. A Polícia Militar procurou afastar a multidão. Um elemento adiantou-se para falar com os mais histéricos e foi recebido à pedrada. Algumas rajadas de metralhadora foram indistintas para acalmar novamente os ânimos.

A perda de vida de Eugénio Neves tornou ainda mais negra esta noite de violência. Dois tiros foram para tanto suficientes. Depois do Joaquim Luís, que em 11 de Março foi morto, Eugénio Neves foi a segunda vítima da reacção, em defesa da Revolução.

Assalto à União dos Sindicatos

Durante a tentativa de assalto à sede do nosso Partido foi assaltada a União dos Sindicatos de Aveiro/Inter-sindical.

Depois de terem arrombado a porta de uma casa de residência do edifício onde fica a União dos Sindicatos, aqueles assaltantes durante 10 minutos deram-se ao trabalho de saquear todos os documentos e mobiliário ali existente.

Tudo o que era dos trabalhadores foi destruído. Documentos, máquinas de escrever, secretárias as ligações telefónicas, as portas internas foram material para alimentar o desejo de destruição dos assaltantes.

No Cadaval

A REACÇÃO AGRIDE A GNR

O Centro de Trabalho do nosso Partido no Cadaval foi assaltado no passado dia 17 por algumas dezenas de reaccionários. Os vidros foram partidos, as portas arrancadas e todo o recheio atirado para a rua onde foi queimado. Todos os nossos camaradas que ali se encontravam foram agredidos e tiveram de ser salvos pela GNR que se levou para o posto. A multidão de imediato cercou o posto, vendo-se algumas pessoas com armas. A disposição dos reaccionários era linchar os nossos camaradas.

Entretanto, a reacção passou a controlar as entradas da vila e passavam revista aos carros. Num dado momento tentam mesmo virar um «jeep» da GNR onde segue o tenente Henriques e agarram um soldado pelo braço para o fazer saltar para fora da viatura.

Começa então a correr o boato de que no dia seguinte iria suceder o mesmo no Bombaral. As pessoas presentes gritam: «O povo não está com o MFA», como mais tarde se viria a gritar nas manifestações realizadas durante o fim-de-semana em Braga, Porto e Lisboa.

Os incidentes originaram alguns feridos da parte dos nossos camaradas que apesar de resistirem aos assaltantes

viram os seus esforços gorados perante a superioridade numérica.

No dia do assalto foi convocada para a Caixa do Crédito Agrícola, cuja direcção segundo a opinião das pessoas da terra é conhecida pelo seu reaccionarismo, uma reunião convocada pela comissão venatória para se discutir a questão das cotas.

Foi daqui que se partiu para o nosso Centro de Trabalho com o pretexto de que lá existiam armas. Outro local de concentração foi o cinema que fica em frente da Caixa do Crédito Agrícola para onde foram levados convidados e pessoas das aldeias limítrofes. Aproveitando da saída do cinema os promotores do ataque começaram então a gritaria anti-comunista apelando para o assalto ao mesmo tempo que lançavam foguetes e pretendiam fazer soar a sirene. Entretanto, tinham cortado o telefone da residência do presidente da comissão administrativa da Câmara para que este não chamasse as Forças Armadas.

Os factos provam um plano organizado que aproveitou a experiência dos erros cometidos pela reacção noutros locais. Isto é arranjaram albis como a reunião de caçadores, a sessão no cinema, de



Os incidentes verificados no Porto, após o comício do PS, no Estádio das Antas, culminaram com o incêndio das baracas da UJC e do MDP no centro da cidade e com outras manifestações de violência, como o assalto às instalações do Rádio Clube Português na capital nortenha

O ATAQUE DA REACÇÃO COMEÇOU EM RIO MAIOR

O assalto às sedes do nosso Partido e da FSP em Rio Maior foi a primeira acção do plano concertado da reacção. Ali se deram vazão a todos os sentimentos anticomunistas. Aproveitando-se de uma convocação para uma reunião preparatória destinada a criar a Liga dos Pequenos e Médios Agricultores e para a qual tinham sido convocados vários agricultores das mais diferentes freguesias, na hora aprazada do dia 13 de Julho, junto ao Grémio da Lavoura, onde se deveria realizar a reunião, encontrava-se uma aglomeração de pessoas, a maior parte das quais jovens que pela sua aparência mais idosa e pela sua aparência era difícil de dizer a que extracto social pertencia e por último numerosas pessoas que pela maneira de vestir e pela tranquilidade com que se comportavam pareciam nitidamente aos agricultores convocados.

Os dois primeiros grupos, pouco antes da hora marcada manifestavam já profunda agitação tentando arrombar a porta do Grémio e ouvindo-se exclamações deste tipo: «Eles vão vir. Quando lá chegarem temos que já estar lá dentro. Isto é nosso e não deles».

Entretanto, o vinho, em garrafas, corria de boca em boca. Os elementos da Liga que tinham vindo para a reunião, vendo toda aquela efervescência, perguntavam às pessoas o que se passava recebendo as seguintes respostas: «Isto vai dar castanha. Isto vai dar que falar. Isto às quatro horas é que aquece porque é a essa hora que eles vão chegar».

Entretanto, uma trabalhadora rural que se encontrava presente, possivelmente, para assistir à reunião manifestava o seu espanto:

«Por que é que eles fazem isto? Por que não deixam reunir as pessoas?»

Como a multidão tivesse conhecimento (devido à informação solta de algum reaccionário) que quem tinha as chaves do Grémio era um elemento da Comissão Liquidatória, Carlos Santos, dirigiu-se então para casa deste sequestrando-o na Casa do Povo para que desta maneira não pudesse abrir as portas do Grémio onde a reunião se devia desenrolar. Uma pessoa que tomou publicamente a defesa de Carlos Santos, dizendo: «O que querem do homem? O que é que ele fez?» Foi acusado de ser conivente e de imediato se ouviu «agarrar, agarrar» e o homem que teve a coragem de expressar publicamente a sua opinião foi agarrado por um grupo de reaccionários. As provocações subiam de tom, mas as pessoas que pelo seu aspecto mostravam estar ligadas à vida do campo mostravam estar alheios a tudo o que se passava. Entretanto, os agitadores gritavam frases provocatórias para o Governo, Provisório, o MFA e o próprio Presidente da República, ao que alguns agricultores respondiam: «Isto não tem nada a ver com a política» ou «Isto vai tudo acabar mal, não há segurança e são só perturbações».

Depois de já do conhecimento geral. O assalto às sedes do nosso Partido e da FSP. O espancamento de elementos progressistas da região. A violência nas ruas.

Aproveitando estes acontecimentos, que aliás tinha preparado, a reacção não deixou de soltar os seus gritos de vitória como sucedeu com o núcleo de Rio Maior do PPM, que num comunicado, intitulado «O povo de Rio Maior venceu! Portugal vencerá!» manifesta o seu regozijo pelos acontecimentos verificados, acrescentando, toda uma fraseologia demagógica em que fala de tractores, adubos e melhores preços para os produtos, esquecendo-se que para que isso seja possível torna-se necessário que desapareçam para sempre os exploradores, coisa que o PPM não estará certamente muito interessado.

Após os acontecimentos de Rio Maior os trabalhadores, os pequenos e médios agricultores devem pensar seriamente se realmente os agitadores estavam a defender os seus interesses ao impedi-los de participar numa reunião onde abertamente, de olhos nos olhos, eles poderiam expor os seus problemas e tomar decisões para os resolver. Ou se, pelo contrário, os agitadores não estariam daquele modo a tentar evitar que os pequenos e médios agricultores se associassem pondo em perigo a continuidade de certos sectores que até agora outra coisa não têm feito senão, explorar os mais fracos. E quando o PPM fala em tractores, adubos e melhores preços para os produtos agrícolas tem unica-

mente em vista estes senhores, que sempre exploraram os trabalhadores e os pequen-

nos proprietários e não querem perder facilmente os privilégios de que gozavam.

mente em vista estes senhores, que sempre exploraram os trabalhadores e os pequen-

nos proprietários e não querem perder facilmente os privilégios de que gozavam.

SAUDAÇÃO DA DOROR AOS MILITANTES COMUNISTAS

A Direcção da Organização Regional do Oeste e Ribatejo do Partido Comunista Português, saudá fraternalmente todos os militantes do Partido, muito em especial os camaradas que durante os últimos dias, não obstante os exvovaisos de que foram vítimas, souberam, com serenidade, mas com firmeza e dignidade, defender com honra o nome do Partido.

Extensiva que é esta saudação a todos os militantes dos Distritos de Leiria e Santarém, queremos aqui deixar bem expressa uma saudação muito especial aos camaradas, aos trabalhadores e ao povo de Rio Maior, Flandas de Almeirim, Batalha, Porto de Mós, Minda, Alcáçova, Figueiró dos Vinhos, vítimas directas das provocações e agressões por parte de elementos reaccionários e contra-revolucionários.

Para as organizações políticas progressistas que estiveram ao nosso lado e que nos prestaram a sua solidariedade ou que como nós foram vítimas de torpes ataques físicos ou que viram as suas sedes assaltadas por parte daqueles que pretendem travar o processo revolucionário e anular as conquistas históricas já alcançadas pelo Povo Português, as nossas calorosas saudações de combate.

Saudamos também muito fraternalmente todos os elementos das forças militares e militarizadas que souberam, nos momentos difíceis que o País viveu, honrar a sua farda, colocando-se ao lado do Povo de que são filhos e parte integrante, servindo assim a Revolução Portuguesa.

— A REACÇÃO NÃO PASSOU NEM PASSARÁ!
— A CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA E A MARCHA PARA O SOCIALISMO SÃO IRREVERSÍVEIS!
— VIVA O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS!
— VIVA A ALIANÇA POVO-MFA! VIVA PORTUGAL!
20 de Julho de 1975.

TRABALHADORES ESPANCADOS NA BATALHA

Numa reunião da Comissão de Moradores da Batalha, a pretexto de os trabalhadores quererem ocupar uma estalagem reaccionária em que os comunistas foram procurados de porta em porta e vários agredidos.

Entretanto, como resultado dos incidentes viriam a ser presos quinze reaccionários, entre os quais o proprietário da estalagem, que viriam a ser libertados dias depois. O engenheiro Almeida Monteiro foi presidente da direcção da Federação dos Grémios da Lavoura. Um dos reaccionários que foi preso com ele teria confessado pouco depois que aquele cacique o teria instigado e aliado nos incidentes que se verificaram.

Um comunicado do Sindicato dos Empregados da Indústria Hoteleira relata os acontecimentos.

De facto os trabalhadores da Estalagem Mestre Afonso Domingues nada mais pediram todo este tempo que direito ao trabalho e ao salário. Disso não gostou o patrão (cacique local) e por isso levou ao assalto das suas próprias instalações onde não ia por cobardia (mas onde notificava a sua mulher), a turba que na Batalha estava manobrada para sentimento anticomunistas.

E o incrível aconteceu. Espancaram-se todos os trabalhadores, pendura-se a

EXPLOÇÃO DE UMA GRANADA

Em Fafe, no quintal da residência de um operário fabril de 60 anos, conhecido militante do Partido Comunista Português, Jaime Alves Gomes, explodiu, na madrugada do dia 20, uma granada, ao que parece de tipo ofensivo. O engenheiro destruiu o quintal, todos os vidros do prédio e causou, ainda, danos nas paredes. Os prejuízos deste acto reaccionário elevam-se a mais de 20 contos.

Investigando o sucedido, a GNR descobriu no local três bombas de dinamite, geralmente utilizadas nas pedreiras, mas que não chegaram a explodir.

AO POVO TRABALHADOR DE AVEIRO AOS DEMOCRATAS E ANTIFASCISTAS

Perante a gravidade do selvagem ataque desferido durante a noite e a madrugada contra o Centro de Trabalho do PCP de Aveiro, não pode haver mais dúvidas: as forças da reacção e do fascismo estão longe de estar desmanteladas, possuem meios organizados e forte apoio.

Não pode haver dúvidas que a acção divisionista, que os ataques ao MFA e as medidas revolucionárias que vêm sendo tomadas para a construção da democracia rumo ao socialismo, desencadeada ultimamente por forças políticas que se afirmam democráticas e socialistas encorajaram as forças contra-revolucionárias interessadas na divisão do povo e dos trabalhadores.

No caso do ataque contra o Centro de Trabalho de Aveiro, alguns dos indivíduos que incitavam traziam os seus emblemas na lapela, o que demonstra bem que os agitadores sabiam manejar as brechas na unidade.

O grupelho pseudo-revolucionário do MRPP mais uma vez marcou a sua posição de fiel aliado das mais tenebrosas forças fascistas aparecendo no meio da concentração de bandeiras desfiladas dando o braço aos provocadores reaccionários no apedrejamento da sede do nosso Partido, na tentativa de lhes pegar fogo, nas agressões aos nossos militantes no exterior e insultos às Forças Armadas.

Também não pode haver dúvida que não se pode contemporizar com indivíduos sem escrúpulos como os que devastaram totalmente o exterior do edifício e causaram enormes estragos chegando mesmo a lançar garrafas inflamadas pelas janelas despedaçadas.

Não pode haver qualquer vacilação e quanto mais enérgicas e prontas forem as medidas, mais eficazes serão os resultados no imediato e no futuro.

Deve merecer análise rigorosa o dispositivo militar em Aveiro para responder aos perigos que representam no nosso distrito os nichos reaccionários e os conhecidos apoios que se têm manifestado. A intervenção das forças militares consumou-se quando ultrapassada a resistência dos nossos camaradas no exterior, os reaccionários já estavam a arrombar a porta de entrada. Mais um segundo e seriam incalculáveis as consequências para os camaradas no Centro sem meios de defesa. O apedrejamento selvagem prosseguiu, um carro foi incendiado perante as forças militares numa atitude de desafio intolerável à autoridade democrática.

A acção desencadeada no fim da madrugada teve efeito imediato. Toda a vantagem haveria em colher esses resultados mais cedo até porque muitos dos agressores foram recrutados entre indivíduos de baixo estato atraídos pelo ajuntamento; e também para evitar esta tarde o recomeço dos agrupamentos e provocações, tais como «MFA-nova Pide» e outros do mesmo estilo, bem como as consequências dolorosas da desta vez pronta reacção das forças militares.

A insuficiência possível do dispositivo militar tem de ser rapidamente analisada com o recurso imediato para reforços, como o exigia a situação ontem à noite no decorrer das longas horas que se foram passando.

Severas medidas se impõem começando pela prisão dos conhecidos contra-revolucionários e provocadores que calculiam, lançam os boatos mais ignóbeis, intimidam as populações.

Não pode haver mais delongas em prender os cabecilhas da reacção que se acoitam em vários concelhos.

Povo trabalhador de Aveiro!

Nada poderá deter o processo revolucionário em curso. Acções como aquelas que foram desencadeadas em Rio Maior, Lourinhã, Cadaval, Batalha e agora em Aveiro não intimidarão aqueles que durante o fascismo resistiram em condições bem mais difíceis.

Apelamos para todos os sinceros democratas e antifascistas que saibam que a reacção continua a conspirar e agir, para que unam os seus esforços na construção de uma democracia a caminho do socialismo que fará finalmente o futuro de vida melhor para os portugueses.

Saudamos as outras forças democráticas como o MDP e o MES e muitos outros corajosos antifascistas que ao nosso lado suberam combater energeticamente este atentado fascista.

Saudamos os militares patriotas que mostraram compreender a importância da luta contra a reacção, que ripostaram às provocações, ameaças e intimidações dos provocadores fascistas e que mostraram, portanto, que com a solidez da aliança do povo com as Forças Armadas a reacção será definitivamente aniquilada.

Viva a aliança Povo-MFA!
A reacção não passará!
Aveiro, 19 de Julho de 1975.

A Comissão Distrital de Aveiro do PCP

As organizações e os militantes de Aveiro do PCP inclinam-se perante o soldado Eugénio Pereira das Neves que caiu quando, com os seus camaradas, defendia o nosso Centro de Trabalho contra os ataques dos reaccionários e dos inimigos da liberdade e da democracia conquistada em 25 de Abril.

A sua família enlutada apresentamos o sentimento do nosso pesar mais profundo.

A responsabilidade da sua morte pesará para sempre sobre os ombros daqueles que querem fomentar o ódio e a desordem, que querem provocar a violência e fazer vítimas, ontem o soldado Luís, hoje o soldado Eugénio, dentro do seu plano de se lançarem contra o MFA, as organizações democráticas e populares, contra os interesses do povo e dos trabalhadores.

Mas estamos certos que os responsáveis serão detectados e punidos, que medidas severas serão adoptadas para impedir qualquer veiledade de repetição de acontecimentos tão dolorosos.

Os trabalhadores, o povo de Aveiro cerrarão fileiras aliados com o MFA, sempre e nesta hora, estarão todos juntos com o soldado Eugénio Neves, mostrando que a causa por que caiu é a nossa, do nosso povo acompanhando uma família portuguesa enlutada, solidários com os nossos militares que fizeram o 25 de Abril e defendem as conquistas alcançadas, a liberdade e a democracia.

A Comissão Distrital de Aveiro do PCP convida os trabalhadores, os democratas e antifascistas a associarem-se à última homenagem ao soldado Eugénio Neves.

Aveiro, 21 de Julho de 1975.

A Comissão Distrital de Aveiro do Partido Comunista Português

ASSINA O "AVANTE!"

INCENDIADO O CT DE ALCOBOÇA

Na manhã do dia 21 de Junho um grupo de indivíduos assaltou a Câmara Municipal de Alcobça, onde retirou o presidente da Comissão Administrativa. O grupo que assaltou o edifício propunha-se a imposição de uma nova comissão para a presidência da qual apontariam um elemento do PS. O grupo era relativamente pequeno e só passou a actuar a partir do momento em que apareceu um indivíduo de megafone que passou a comandar as operações, o qual se apresentava com uma faca dizendo que era uma das armas dos militantes do Partido Comunista pelo que acirrava os presentes a que fossem ao Centro de Trabalho do nosso Partido para daí serem retiradas as armas que na sua opinião lá se encontravam.

Não comunicados que distribuiu depois dos acontecimentos, a Comissão Conceleira de Alcobça do PCP salienta que durante todo o dia, aproveitando o mercado

semanal da vila, reacçãoários profissionais ludibriam o povo das aldeias das redondezas, convencendo-os a acções de violência e desmandos que não são apamago do nosso povo. Durante todo o dia, assistiu-se ao avanço da escalada reacçãoária, insultando os oficiais do MFA e do Conselho da Revolução, nomeadamente o general Otelio Saraiva de Carvalho.

Os elementos reacçãoários conseguiram atingir o Centro de Trabalho através de um prédio contíguo que se encontrava em obras. De imediato se lançaram às depredações habituais lançando fogo a tudo o que encontravam. Os dois camaradas que se tinham recusado a abandonar o Centro reagiram aos invasores embora o seu gesto ficasse submerso na multidão de gente que entrou por ali dentro e os nossos dois camaradas ficaram bastante feridos. Na rua, manifestantes, alguns dos quais



A decisão das massas trabalhadoras na defesa das conquistas alcançadas já pela Revolução e a sua determinação em caminhar firmemente rumo ao socialismo tem sido manifesta sempre que a reacção procura travar o processo revolucionário. E cada vez é maior a consciência e empenhamento das massas trabalhadoras na luta que travam contra a exploração

EXPULSAR OS COMUNISTAS DA LOURINHÃ

Na madrugada do dia 18, o Centro de Trabalho da Lourinhã foi assaltado e destruído todo o seu recheio pelas forças reacçãoárias. Nos dias anteriores tinham-se feito já sentir as manobras nesse sentido só não levadas à prática devido à acção enérgica dos elementos da GNR destacados na localidade.

Mas naquela noite, impotentes para deterem cerca de 200 indivíduos, muitos dos quais eram estranhos à terra, o Centro de Trabalho do nosso Partido foi finalmente assaltado e destruído.

Mas a reacção não ficou satisfeita com a sua acção e no dia 21, pelas nove horas da manhã, passou à caça dos comunistas. Em frente à filial do Banco Nacional Ultramarino, elementos reacçãoários exigiram a expulsão de dois empregados, Manuel Beló Fernandes e Rogério Gomes Ferreira, que tiveram de ser retirados da vila sob a protecção das Forças Armadas.

Entretanto, o projecto dos reacçãoários que conferenciam com as Forças Armadas era a expulsão de todos os comunistas da vila, a que estas não acederam.

Os reacçãoários que dirigem a agitação na região são bem conhecidos pelo seu envolvimento nos negócios de vinho a maré, engajamento de emigrantes e contrabando. A população aponta como cabeleiras José António Ferreira Rocha, Joaquim Leoni da Fonseca Ficarra, Daniel Luís dos Santos Fernandes, dono de um talho na Lourinhã, Benjamin Luís Malvar Cruces, que possui uma casa de mobílias, Graciano Jesus de Almeida, militante do PPD, António Paulo, António Manuel e outros de menor importância.

ASSALTO EM VALENÇA DO MINHO

Em Valença do Minho, tal como em numerosas localidades do País, a reacção atacou, desta feita descaradamente e às claras. Por volta da 1 hora da madrugada do dia 19, um grupo de cerca de quinze elementos concentraram-se junto do Centro de Trabalho do PCP nesta localidade. Denunciando desde logo as suas intenções, fixaram uma tocha num varapau e tentaram lançar fogo à bandeira dos proletários e dos oprimidos e ao pano que guardava a varanda. Mas não conseguiram realizar os seus intentos, pela firme e pronta acção dos camaradas encarregados da segurança do Centro.

Mas os reacçãoários não desarmaram e, pouco depois, puseram a circular o boato segundo o qual teriam entrado para o nosso Centro de Trabalho 2 ou 3 caixotes carregados de armas. Para justificar as acções terroristas que viriam a praticar, os reacçãoários, na esteira dos seus pares Salazar e Caetano, lançaram mão de torpes calúnias.

A concentração frente ao nosso Centro começou, desta vez mais numerosa. Alguns dos indivíduos presentes identificavam-se, por entre insultos, provocações e ameaças de morte aos comunistas, como pertencentes ao PPD, ao PS e ao PPM, chegando a haver arruaceiros que se identificavam como pertencentes ao ELP.

Logo o nosso Centro, foi invadido por numerosos reacçãoários armados de mactras e ferros, que tudo destruíram, danificaram móveis, rebentaram uma parede divisória, chegando a penetrar no interior de casas particulares do mesmo prédio, procurando armas.

Os camaradas que se encontravam na sede, tinham-se entretanto refugiado num pato interior e só a chegada, tardia, de uma força do BC9 impediu que fossem chacinados.

Logo o nosso Centro, foi invadido por numerosos reacçãoários armados de mactras e ferros, que tudo destruíram, danificaram móveis, rebentaram uma parede divisória, chegando a penetrar no interior de casas particulares do mesmo prédio, procurando armas.

Os camaradas que se encontravam na sede, tinham-se entretanto refugiado num pato interior e só a chegada, tardia, de uma força do BC9 impediu que fossem chacinados.

Iniciaram-se então as conversações entre o capitão das forças militares e o grupo de provocadores. Agradeceu-se aos nossos camaradas para assomarem à janela, a fim de acalmar os ânimos dos arruaceiros. Os nossos camaradas recusaram, alegando não serem os comunistas nenhuma feras de circo. Perante o «impasse» da situação, os nossos camaradas de Valença do Minho estiveram retidos na sede até cerca das 18 horas, altura em que foram evacuados por um jipe militar colocado à porta, passando por um cordão, formado por militares e populares, alguns dos quais ostentavam emblemas do PS.

Os reacçãoários, quais «pides» enraivecidos perante a fuga do perseguido, procuraram ainda atravessar-se a frente do jipe e perseguiram-no, mas os militares opuseram-se desta feita aos seus desígnios.

A propósito destes graves incidentes, a Comissão Distrital de Viana do Castelo do PCP emitiu um comunicado, no qual salienta nomeadamente:

Este facto demonstra mais uma vez que a aliança Povo-

MFA não se reforça dando alento à reacção, não actuando decidida e oportunamente. E neste caso esta acção poderia ter acontecido se tivesse havido, uma intervenção durante a noite.

Assim, face à escalada generalizada da reacção, a Comissão Distrital de Viana do Castelo do PCP apela para a vigilância de todos os comunistas e de todos os revolucionários para cerrarem fileiras e travarem o passo à reacção.

Em Estarreja, os provocadores reacçãoários não só não se limitaram a repetir as manobras que desenvolveram por todo o distrito de Aveiro, atacando, incendiando

TENTATIVA DE ASSALTO A UM CAFÉ DE ESTARREJA POR PERTENCER A UM COMUNISTA

Em Estarreja, os provocadores reacçãoários não só não se limitaram a repetir as manobras que desenvolveram por todo o distrito de Aveiro, atacando, incendiando

de e destruindo Centros de Trabalho do nosso Partido e de outras organizações revolucionárias e progressistas, como até tentaram invadir e assaltar um café da localidade, pelo único e simples motivo da sua proprietária ser militante do Partido Comunista. O bando de reacçãoários, após ter lançado o fogo a materiais que tiraram do Centro, após ter agredido selvaticamente camaradas que se encontravam no seu interior, dirigiram-se ao Café Venezuela, procurando aí repetir a façanha. Só a pronta intervenção das massas populares e dos bombeiros conseguiu demover os citados indivíduos dos seus intentos.

Tudo começou no domingo, dia 20, após uma reunião realizada na cooperativa local, facto que denota o carácter bem orquestrado dos atentados perpetrados contra o processo revolucionário e o avanço do movimento popular de massas.

Grupos de pessoas começaram então a concentrar-se perto do Centro de Trabalho do nosso Partido. Cerca das 22 horas, o número de pessoas elevava-se já a mais de meio milhar. Denunciando as suas intenções, os cabeleiras reacçãoários agrediram logo, nessa altura, um operário, membro do PCP, que se encontrava no local.

O ataque ao Centro de Trabalho foi desencadeado cerca das 23 horas, tendo os sete guardas da GNR presentes no local sido incapazes de sustentar a ofensiva reacçãoária. Os agressores penetraram no edifício pelas traças e, uma vez no seu interior, agrediram selvaticamente os camaradas que procuraram opor-se a tão covarde acção.

Uma vez vencida a resistência dos poucos militantes do Partido presentes, os reacçãoários lançaram para o exterior todo o material que apanharam à mão. Os que entretanto permaneceram no exterior lançaram então o fogo a tudo o que conseguiram apanhar.

Quando as Forças Armadas de Aveiro chegaram, apenas restavam cinzas a comprovar a acção dos provocadores reacçãoários. Estes, nos satifetos com as acções que acabavam de cometer, lançaram ainda fogo a uma baraca de propaganda do MDP/CDE e assaltaram as sedes locais do MES e da FEC (m-1).

de fazer avançar o processo democrático local, poderão continuar a ser intensamente dificultados quando não votados a um fracasso completo». Acentuando que a gigantesca escalada reacçãoária em curso deu origem a uma situação em que os partidos verdadeiramente progressistas não encontram, neste momento, em certas instâncias superiores dos Açores, condições favoráveis a uma apreciação objectiva e imparcial das suas propostas e das suas direcções de trabalho, a Comissão Distrital do PCP informou o governador militar de que o nosso Partido tomara a decisão de apresentar, directamente, aos membros do Conselho da Revolução, os nomes dos elementos de reconhecida competência técnica que — atendendo ao convite recebido — sugere para integrarem a futura junta governativa.

A REACÇÃO NOS AÇORES

A escalada reacçãoária nos Açores intensificou-se, também, nos últimos dias. A sede do nosso Partido, em Ponta Delgada, foi atacada, no domingo, por um grupo de mais de 30 indivíduos. Os assaltantes arrombaram a porta, destruíram a instalação eléctrica, rasgaram cartazes e a documentação que encontraram, danificando ainda as paredes. Agiram com gente, especialmente treinada para esse género de «tarefas», pois preocuparam-se mais em causar estragos do que propriamente em agressões físicas directas, pois, ante a resistência dos nossos camaradas e a pronta intervenção de uma patrulha da Polícia Militar, retiraram-se, rapidamente, depois de cumprida a sua acção de vandalismo. Dois dos atacantes foram identificados. A maioria do grupo era constituída por elementos marginais, recrutados pela reacção.

Em Angra do Heroísmo, a situação agravou-se também esta semana. Agitadores reacçãoários andam pelos campos fazendo propaganda anti-comunista e aliciando gente para organizarem uma «marcha» sobre o Centro de Trabalho do nosso Partido, na capital do distrito.

Em consequência do clima de constantes provocações e da diversidade das formas que está a assumir a escalada anticomunista, a Comissão Distrital de Ponta Delgada do nosso Partido considerou oportuno definir, numa carta enviada ao governador militar dos Açores, general Pinto de Magalhães, a sua posição perante a publicação do diploma legal que cria uma junta governativa para o arquipélago. Nesse documento, que foi tema de abusivas interperações, por parte de certos órgãos de Informação, salienta-se que o nosso Partido não encara a junta governativa como mero instrumento técnico para resolução eficaz dos grandes problemas insulares. Vê nela, igualmente, «um órgão eminentemente político onde não poderá deixar de ter expressão bem clara a componente militar que é fundamental para o desenvolvimento do processo revolucionário nos Açores, sem a qual todos os esforços desenvolvidos pelas classes trabalhadoras açorianas — e pelas forças políticas interessadas na sua defesa — no sentido

de fazer avançar o processo democrático local, poderão continuar a ser intensamente dificultados quando não votados a um fracasso completo». Acentuando que a gigantesca escalada reacçãoária em curso deu origem a uma situação em que os partidos verdadeiramente progressistas não encontram, neste momento, em certas instâncias superiores dos Açores, condições favoráveis a uma apreciação objectiva e imparcial das suas propostas e das suas direcções de trabalho, a Comissão Distrital do PCP informou o governador militar de que o nosso Partido tomara a decisão de apresentar, directamente, aos membros do Conselho da Revolução, os nomes dos elementos de reconhecida competência técnica que — atendendo ao convite recebido — sugere para integrarem a futura junta governativa.

O ataque ao Centro de Trabalho do nosso Partido naquela vila não contou com a possibilidade de mobilização de pessoas e recorreu à bomba. Cerca das 22 horas, no passado domingo, à porta do Centro de Trabalho, deflagrou um engenho explosivo que destruiu a porta, algumas janelas e parte da varanda do edifício, causando ainda um princípio de incêndio que foi debelado pelos bombeiros.

Não foi ainda possível identificar o tipo de engenho utilizado, tudo levando contudo a crer que se tratasse de uma bomba fabricada e não de uma granada, dada a rapidez com que as chamas se propagaram. O engenho foi colocado no exterior e só por acaso não causou feridos, uma vez que a força da explosão e as destruições causadas denunciam uma razoável potência que provocaria ferimentos graves se tem atingido não só alguém que na altura se dirigisse para o Centro de Trabalho, como até qualquer transeunte que passasse na rua.

O atentado de Vale de Cambra constituiu um significativo aviso para os organizações progressistas no que diz respeito à defesa das suas sedes: a reacção, quando não dispõe de força suficiente para assaltos, saques e fogos-postos, não hesita em recorrer ao ataque bombista, de «controle» mais difícil, mas de resultados muito graves.

VALE DE CAMBRA

Também em Vale de Cambra os ataques da reacção deixaram marcas.

O ataque ao Centro de Trabalho do nosso Partido naquela vila não contou com a possibilidade de mobilização de pessoas e recorreu à bomba. Cerca das 22 horas, no passado domingo, à porta do Centro de Trabalho, deflagrou um engenho explosivo que destruiu a porta, algumas janelas e parte da varanda do edifício, causando ainda um princípio de incêndio que foi debelado pelos bombeiros.

Não foi ainda possível identificar o tipo de engenho utilizado, tudo levando contudo a crer que se tratasse de uma bomba fabricada e não de uma granada, dada a rapidez com que as chamas se propagaram. O engenho foi colocado no exterior e só por acaso não causou feridos, uma vez que a força da explosão e as destruições causadas denunciam uma razoável potência que provocaria ferimentos graves se tem atingido não só alguém que na altura se dirigisse para o Centro de Trabalho, como até qualquer transeunte que passasse na rua.

O atentado de Vale de Cambra constituiu um significativo aviso para os organizações progressistas no que diz respeito à defesa das suas sedes: a reacção, quando não dispõe de força suficiente para assaltos, saques e fogos-postos, não hesita em recorrer ao ataque bombista, de «controle» mais difícil, mas de resultados muito graves.

NOTA DO SECRETARIADO DO CC DO PCP

O Secretariado do Comité Central do PCP, ao ter conhecimento de um documento relativo aos acontecimentos de Alcobça, distribuído pela Comissão Distrital de Melria do PCP, torna público o seguinte:

- O PCP, todas as suas organizações e os seus militantes, são activamente solidários para com os camaradas, os trabalhadores e os democratas de Alcobça e de todas as outras localidades sujeitas à ofensiva de bandos contra-revolucionários.
- O PCP confia em que, pelas autoridades competentes, serão tomadas medidas para impedir e reprimir, se necessário, as desordens e violências dos bandos contra-revolucionários, garantindo o exercício dos direitos e liberdades e defendendo eficazmente a ordem democrática.
- O Secretariado do PCP, embora tendo alguma coisa a dizer no devido lugar acerca das deficiências na protecção ao Centro de Trabalho e embora compreendendo o estado emocional das camaradas da Comissão Distrital de Melria, considera subjectiva e injusta certas considerações que se fazem neste documento acerca das forças militares e por isso desaprova essas considerações.

23/7/75

O SECRETARIADO DO CC DO PCP

EM MINDE: CAMPANHA ORQUESTRADA

Em Minde, localidade próxima de Torres Novas realizou-se uma manifestação reacçãoária que englobava mais ou menos cerca de cem pessoas e que era constituída fundamentalmente por patrões, familiares e alguns empregados. Desta manifestação resultou uma caça aos delegados sindicais da indústria têxtil, os quais ao serem apanhados pelos manifestantes eram espancados. Dos três reacçãoários presos em Minde pelas Forças Armadas um deles foi visto durante os acontecimentos verificados em Rio Maior e em Alcancena e não lhe é conhecida qualquer profissão pelo que as pessoas da localidade supõem que é pago para aquelas actividades.

Os reacçãoários de Minde e Covão Coelho, outra localidade próxima, ameaçaram também invadir Torres Novas.

A movimentação da reacção em Minde foi absolutamente orquestrada. Às nove da manhã do dia do assalto a reacção tocou uma sirene e às 11 horas a multidão cercou a fábrica Raposo, perseguindo os delegados sindicais. Ao mesmo tempo os patrões faziam ameaças de despedimento aos trabalhadores progressistas. Os reacçãoários iam de fábrica em fábrica expulsar os trabalhadores e chegavam mesmo a ir a casa deles para perseguir as famílias.

As massas trabalhadoras de Torres Novas, tendo conhecimento do que se passava com os seus camaradas de Minde localizaram-se a ir para aquela localidade a fim de os defenderem.

No entanto, as Forças Armadas e militarizadas conseguem estabelecer a ordem e prendem três elementos dos quais dois eram patrões, não sem que antes a multidão tivesse assaltado o Centro de Trabalho do nosso Partido onde levaram todo o recheio depois de espancarem dois camaradas nossos, enquanto um terceiro foi intimado a não mais regressar àquela localidade.

De manhã, os arruaceiros,

Foram, entretanto pedidos reforços às Forças Armadas de Viana do Castelo, enquanto os efectivos da GNR eram reforçados para o dobro. Apesar de o bando de reacçãoários ter debandado, o clima de tensão manteve-se durante toda a noite, sendo o nosso Centro alvo da provocação das forças reacçãoárias: uma carrinha branca percorria rapidamente as ruas das redondezas.

De manhã, os arruaceiros,

Foram, entretanto pedidos reforços às Forças Armadas de Viana do Castelo, enquanto os efectivos da GNR eram reforçados para o dobro. Apesar de o bando de reacçãoários ter debandado, o clima de tensão manteve-se durante toda a noite, sendo o nosso Centro alvo da provocação das forças reacçãoárias: uma carrinha branca percorria rapidamente as ruas das redondezas.

De manhã, os arruaceiros,

Foram, entretanto pedidos reforços às Forças Armadas de Viana do Castelo, enquanto os efectivos da GNR eram reforçados para o dobro. Apesar de o bando de reacçãoários ter debandado, o clima de tensão manteve-se durante toda a noite, sendo o nosso Centro alvo da provocação das forças reacçãoárias: uma carrinha branca percorria rapidamente as ruas das redondezas.

De manhã, os arruaceiros,

A CONTRA-REVOLUÇÃO EM MATOSINHOS

Durante a tarde do dia 19 registaram-se graves incidentes em Matosinhos provocados por um grupo de reacçãoários perfeitamente organizados. As comissões de moradores da vila tinham convocado para essa altura uma manifestação a fim de exigir o saneamento da Comissão Administrativa da Câmara local, composta por membros do CDS e do PPD.

Pouco antes da hora marcada para o início da manifestação, um numeroso grupo de reacçãoários tomou posição junto à Câmara, armados de varapaus, correntes e até armas de fogo, demonstrando bem as suas criminosas intenções: impedir a realização da manifestação. Quando esta se iniciou, os confrontos foram violentos, registando-se tiros e agressões generalizadas, havendo a lamentar quinze feridos, que tiveram que ser hospitalizados.

A confrontação provocada pelos reacçãoários, só terminou uma hora depois, com o aparecimento de uma força militar de Leixões e de uma outra da PSP.

Não contentes com os sangrentos incidentes que acabaram de provocar, os contra-

revolucionários dirigiram-se então para a sede local do Movimento Democrático Português. Uma vez aí, gritaram **Abaixo o Comunismo e Viva o Socialismo**. Pouco depois, arrombaram as portas e as janelas do edifício, saquearam a sede do MDP/CDE e, trazendo todo o material para o meio da rua, lançaram-lhe o fogo, à boa maneira nazi.

As forças militares só compareceram no local uma vez consumado o acto de puro banditismo, limitando-se a limpar a rua.

Provocações nas barragens

Mas a escalada da reacção em Matosinhos não se resumiria a estes tristes acontecimentos. Já no dia 18, à tarde, se verificaram incidentes entre os membros das barragens e grupos provocadores. A determinada altura, numa das barragens, um grupo de indivíduos armados de varapaus, mactras e tubos de ferro carregou sobre os membros da barragem. A grande maioria ostentava emblemas do PS. Durante a refrega que se seguiu, o bando de provocadores berrava «**morte aos comunistas**».

reaccionários que ameaçam ir destruir o nosso centro.

Na sequência deste ataque, os caciques locais, saudistas do fascismo e elementos do PPD, mudam o palco das suas operações. Desmontam a barragem, marcham até à Câmara Municipal e exigem, historicamente, a demissão do presidente da Comissão Administrativa que, não podendo defender a Câmara, entrega as chaves ao maior Branco.

No dia seguinte, são presos quatro dos principais agitadores. Conduzem-nos a Lagos. Outros ficam para encenar o papel de vítima dos «infelizes» prisioneiros e arremeterem camadas da população pouco esclarecidas e facilmente maneáveis pelos seus inimigos de classe. Conseguem juntar mais de 300 indivíduos e montam uma cerrada barragem frente ao quartel da GNR, manifestando-se com toda a agressividade. Os militares ocupam a Câmara. Procurando arrefecer o clima de eferescência, retinam-se no destacamento de Lagos o comandante do quartel de Faro, o governador civil do distrito e o comandante do destacamento de Lagos. A eles se juntam, mais tarde, quatro elementos do PS e dois do PPD. É de presumir que estes indivíduos terão, mais uma vez, denunciado que as autarquias locais não foram eleitas democraticamente. Efectivamente, a forma de democracia que presidiu à escolha de elementos para as autarquias locais não tem nada a ver

com a «democracia» por eles praticada: intimidações, manifestações provocatórias, chantagem da violência para acederem a postos das autarquias.

E porque é preciso alimentar um certo ambiente que convença que sem a solução propocia — a reacção — as perturbações não cessam, os reacçãoários utilizam a arma do boato e do alarme. Assim, põem a correr que camionetas de comunistas partiram de Beja rumo a Monchique. Mais não é necessário para voltarem a montar barragens. Um carro percorre as ruas de Monchique, convidando as pessoas para as barragens e aconselhando a não abrir o comércio enquanto não forem libertos os agitadores detidos. Para aumentar a pressão, dez agitadores mantêm-se frente ao quartel.

Porém, as massas populares, mais esclarecidas e directamente envolvidas no processo revolucionário, confiam que as pressões e chantagem das forças reacçãoárias e seus aliados não surtirão efeito. Caso contrário seria estimuladas para o desencadear de acções paralelas em todo o distrito. O balão de ensaio da contra-revolução será rompido pela firmeza revolucionária das Forças Armadas e das autoridades locais. Esta é a esperança que anima as forças democráticas de Monchique.

AMEAÇAS À RÁDIO RIBATEJO

Nos distritos de Leiria e Santarém várias foram as actividades da reacção visando essencialmente os comunistas e os Centros de Trabalho do nosso Partido e todas as forças progressistas. No dia 19, em Figueirós dos Vinhos, um grupo de reacçãoários assaltou naquela localidade o Centro de Trabalho.

Em Porto de Mós os reacçãoários reuniram-se no dia 18 na cooperativa agrícola dirigindo-se depois para a sede da Associação 1.º de Maio que assaltaram. Em Alcancena verificou-se uma

concentração junto ao Centro de Trabalho e as Forças Armadas evacuam os nossos camaradas que lá se encontravam, mas o assalto não se concretiza. Em Leiria, depois da manifestação promovida pelo PDD, elementos deste partido fazem provocações em frente da sede do MDP. Em Ansião, próximo de Pomal, na noite de segunda-feira são assaltados e queimados o Centro de Trabalho do nosso Partido e a sede do MDP.

Entretanto, a Rádio Ribatejo, em Santarém, há vários dias que recebe telefonemas com ameaças de assalto. Muitos desses telefonemas vêm de Rio Maior. No último domingo, nesta cidade, realizou-se uma reunião da ALA (Associação Livre dos Agricultores) onde foi proposto a extinção da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores com a alegação de que tinha subordinação partidária ao mesmo tempo que era proposto também o saneamento do IRA por idênticas razões. Chegou-se ao ponto de ser eleita uma comissão, composta pelos agrários A. Espírito Santo, A. R. Neto e M. Galvão, destinada a sanear a Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura. Na referida reunião foi ainda aprovada uma moção para que não haja mais ocupações de terras e afirmado que era necessário escavar tudo no Centro de Trabalho do nosso Partido em Santarém e na Rádio Ribatejo.

concentração junto ao Centro de Trabalho e as Forças Armadas evacuam os nossos camaradas que lá se encontravam, mas o assalto não se concretiza. Em Leiria, depois da manifestação promovida pelo PDD, elementos deste partido fazem provocações em frente da sede do MDP. Em Ansião, próximo de Pomal, na noite de segunda-feira são assaltados e queimados o Centro de Trabalho do nosso Partido e a sede do MDP.

Entretanto, a Rádio Ribatejo, em Santarém, há vários dias que recebe telefonemas com ameaças de assalto. Muitos desses telefonemas vêm de Rio Maior. No último domingo, nesta cidade, realizou-se uma reunião da ALA (Associação Livre dos Agricultores) onde foi proposto a extinção da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores com a alegação de que tinha subordinação partidária ao mesmo tempo que era proposto também o saneamento do IRA por idênticas razões. Chegou-se ao ponto de ser eleita uma comissão, composta pelos agrários A. Espírito Santo, A. R. Neto e M. Galvão, destinada a sanear a Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura. Na referida reunião foi ainda aprovada uma moção para que não haja mais ocupações de terras e afirmado que era necessário escavar tudo no Centro de Trabalho do nosso Partido em Santarém e na Rádio Ribatejo.

ATAQUE AO MUNICÍPIO DE MONCHIQUE

No dia 19, a investida da reacção dá um salto geográfico. Das zonas de centro e norte litoral, desloca-se bruscamente para Monchique, zona interior do Algarve. Erro ou mudança de tática? Capricho dos caciques locais que, aquecidos pelas acções dos seus pares, decidem investir também a sul? Seria ingénuo concluir por alguma destas hipóteses. Trata-se, objectivamente, de mais uma etapa da ofensiva concertada das forças reacçãoárias. Uma etapa com fins concretos, cuidadosamente localizada, através da qual a contra-revolução pretende medir até que ponto lhe é oferecido terreno propício para ampliar a sua acção desagregadora e criminosas a sul do País. Não é por acaso que esta ofensiva iniciada a 19 e ainda não concluída se regista em Monchique, região de pequena propriedade, onde a dominação fascista criou laços de dominação, cultural e económica que favoreceram os manejos da reacção. Assistentes, pois, a uma criteriosa escolha das forças reacçãoárias relativamente ao espaço onde se propõem desencadear o ataque. Aplicadamente optam pelo terreno mais propício. O pretexto será o levantamento de barragens. O objectivo não é original; antes revela o retomar de um acozimento no qual as forças reacçãoárias se demonstram

ram já particularmente empenhadas: o assalto às autarquias. Monchique é o balão de ensaio para auscultar a passividade e aceitação possíveis das suas cargas intimidatórias. Por isso, da resposta a esta irrupção das forças contra-revolucionárias no Algarve depende a salvaguarda ou o favorecer do alastrar da investida da reacção, desejosa de ganhar, para o seu campo, espaços no Sul do País região onde a sua capacidade de acção se encontra bastante limitada.

Os acontecimentos e a sua cronologia atestam as intenções dos sectores contra-revolucionários.

No dia 19, à semelhança do que se verifica no País, as massas populares montam barragens. Atacadas por elementos reacçãoários, entre os quais se destacam ex-legionários e militantes do PPD, a barragem é desfeita. Camaradas do nosso Partido e da PSP são atacados e sequestrados pelos reacçãoários que se encontram bem equipados com paus e mactras. Alertados, os camaradas do Centro de Trabalho de Lagos dirigem-se para Monchique. São interceptados por uma barragem montada pelos reacçãoários na qual se encontram buldozers.

Simultaneamente intervêm um major do Quartel de Lagos, que procura, debalde, sanar o assunto. Registam-se danos em dois dos carros dos nossos camaradas. Há espancamentos por parte dos

reaccionários que ameaçam ir destruir o nosso centro.

Na sequência deste ataque, os caciques locais, saudistas do fascismo e elementos do PPD, mudam o palco das suas operações. Desmontam a barragem, marcham até à Câmara Municipal e exigem, historicamente, a demissão do presidente da Comissão Administrativa que, não podendo defender a Câmara, entrega as chaves ao maior Branco.

No dia seguinte, são presos quatro dos principais agitadores. Conduzem-nos a Lagos. Outros ficam para encenar o papel de vítima dos «infelizes» prisioneiros e arremeterem camadas da população pouco esclarecidas e facilmente maneáveis pelos seus inimigos de classe. Conseguem juntar mais de 300 indivíduos e montam uma cerrada barragem frente ao quartel da GNR, manifestando-se com toda a agressividade. Os militares ocupam a Câmara. Procurando arrefecer o clima de eferescência, retinam-se no destacamento de Lagos o comandante do quartel de Faro, o governador civil do distrito e o comandante do destacamento de Lagos. A eles se juntam, mais tarde, quatro elementos do PS e dois do PPD. É de presumir que estes indivíduos terão, mais uma vez, denunciado que as autarquias locais não foram eleitas democraticamente. Efectivamente, a forma de democracia que presidiu à escolha de elementos para as autarquias locais não tem nada a ver

com a «democracia» por eles praticada: intimidações, manifestações provocatórias, chantagem da violência para acederem a postos das autarquias.

E porque é preciso alimentar um certo ambiente que convença que sem a solução propocia — a reacção — as perturbações não cessam, os reacçãoários utilizam a arma do boato e do alarme. Assim, põem a correr que camionetas de comunistas partiram de Beja rumo a Monchique. Mais não é necessário para voltarem a montar barragens. Um carro percorre as ruas de Monchique, convidando as pessoas para as barragens e aconselhando a não abrir o comércio enquanto não forem libertos os agitadores detidos. Para aumentar a pressão, dez agitadores mantêm-se frente ao quartel.

Porém, as massas populares, mais esclarecidas e directamente envolvidas no processo revolucionário, confiam que as pressões e chantagem das forças reacçãoárias e seus aliados não surtirão efeito. Caso contrário seria estimuladas para o desencadear de acções paralelas em todo o distrito. O balão de ensaio da contra-revolução será rompido pela firmeza revolucionária das Forças Armadas e das autoridades locais. Esta é a esperança que anima as forças democráticas de Monchique.

ASSALTO AO MES

Na madrugada do dia 20, a sede do Movimento de Esquerda Socialista, em Oliveira de Azeméis, foi assaltada. Todos os livros ali existentes, jornais, bandeiras e cartazes foram destruídos.

Só na manhã se tomou conhecimento do facto, quando um militante do MES entrou no edifício e deparou com as destruições. Os assaltantes teriam entrado pelas traseiras do edifício e, no interior, deixaram três cartazes com inscrições a ameaçar de morte os membros do MES.

Na madrugada do dia 20, a sede do Movimento de Esquerda Socialista, em Oliveira de Azeméis, foi assaltada. Todos os livros ali existentes, jornais, bandeiras e cartazes foram destruídos.

Só na manhã se tomou conhecimento do facto, quando um militante do MES entrou no edifício e deparou com as destruições. Os assaltantes teriam entrado pelas traseiras do edifício e, no interior, deixaram três cartazes com inscrições a ameaçar de morte os membros do MES.

Na madrugada do dia 20, a sede do Movimento de Esquerda Socialista, em Oliveira de Azeméis, foi assaltada. Todos os livros ali existentes, jornais, bandeiras e cartazes foram destruídos.

Só na manhã se tomou conhecimento do facto, quando um militante do MES entrou no edifício e deparou com as destruições. Os assaltantes teriam entrado pelas traseiras do edifício e, no interior, deixaram três cartazes com inscrições a ameaçar de morte os membros do MES.

TENTATIVAS DE ASSALTO EM ÍLHAVO

Cerca da 1 hora da manhã de domingo, em Ílhavo, a sede do PCP foi também cercada. O ataque limitou-se ao apedrejamento das janelas.

A situação acalmou com a presença de elementos da PSP, nada mais havendo a registar.

O DIA DA OFENSIVA REACCIONÁRIA

«Paralisar o País» foi um dos primeiros alarmes. Falso alarme, evidentemente, mas mesmo assim com alarido bastante para logo solicitar adesões de quem melhor poderia e pode aproveitar-se da confusão e da mais pequena brecha numa formação de combate obrigada a estar permanentemente alerta, «Paralisar o País» é afinal o sonho da reacção. Que se pretenda oferecer-se-lhe de bandeja...

2.ª-feira, 7 de Julho—Multiplicam-se as provocações à ordem revolucionária. A reacção espalha boatos alarmistas e pasquins inqualificáveis. Caluniam-se dirigentes revolucionários, incluindo personalidades do MFA. O próprio MFA é atacado e aumentam os boatos no sentido de o dividir. Na Assembleia Constituinte um deputado do PS, secundado por outros do seu Partido e do PPD, ataca frontalmente a condução do processo revolucionário, levando os deputados do nosso Partido e de outras forças políticas a abandonar a sala, como protesto pelo tom reaccionário e calunioso das intervenções.

Entretanto, é convocada, mas não chega a realizar-se, um plenário de pequenos e médios comerciantes promovido pela União de Crémios de Lisboa e que deveria decorrer no domingo, 12, em Cascais. Sindicatos e outras organizações de massa alertam os comerciantes e a população em geral para o carácter reaccionário que se esconde por detrás do plenário.

O PS sai do Governo. Abordado à saída um membro destacado desse partido, o dr. Sottomayor Cardia, responde desta forma a um jornalista que lhe pergunta se não reconhece que as últimas decisões do MFA vêm ao encontro dos anseios de vastas camadas da população, nomeadamente da classe operária: «Pois eu admito que alguma fracção do povo português tenha essa perspectiva. Contudo, o que resulta das eleições é claramente um repúdio por esse tipo de concepções», as quais têm a ver com a organização e a participação concreta dos trabalhadores na Revolução.

Começam os assaltos e outras violências contra sedes do Partido Comunista Português e de outras forças revolucionárias. No domingo, 13, são destruídas as sedes do nosso Partido e da FSP em Rio Maior.

É apenas o começo. A reacção põe na rua o seu anticomunismo visceral, confundindo até, como sempre foi do seu interesse, pessoas honestas que actuam, levadas pela herança fascista, contra os seus próprios interesses de classe. A violência da reacção não prescinde das massas. Pretende mesmo aliciar os trabalhadores para as suas tarefas que promove, enquanto espreita por trás da vidraça a execução da obra que encomendou. Morre gente? Morrem inocentes. E o menos! Os reaccionários sabem proteger-se. E a obra reaccionária é fácil num País que há quinze meses saiu do fascismo. A reacção não precisa de andar de ouvido em ouvido soprando as calúnias, as provocações, o medo. Fica em casa, aqui ou no estrangeiro. Basta-lhe um falso alarme, um interesse individual mal compreendido, um interesse profissional impaciente, uma reivindicação mais irrealista, para abrir a boca de quem não se conforma com o privilégio perdido, com a terra que não cultivava e que agora os trabalhadores cultivam, com a empresa que não dirigia e que agora os trabalhadores dirigem, com os sindicatos que dominavam e que agora os trabalhadores defendem como coisa sua que lhes tinha sido roubada.

Mas a escalada ia em frente. Lançada a reacção ia atrair-se principalmente ao nosso Partido. Na sequência de uma manifestação reaccionária em Aveiro, do tipo «maioria silenciosa», é atacada a sede do nosso Partido nessa cidade. Depois vem Lourinhã, Cadaval, Minde, Valença do Minho, Matosinhos, Estarreja, Batalha, Vale de Cambra, Ilhavo, Santa Cruz, Porto de Mós, Bombarral, Caldas da Rainha, Alcanena, Figueiró dos Vinhos.

A reacção não pára. Sabe aproveitar as circunstâncias. Não perde a oportunidade de tensão política que se vive no País. E sabe onde atacar. Mobiliza facilmente ex-polícia, ex-legionários, ex-informadores, ex-provocadores a soldo da PIDE para provocar incidentes, lançar a agitação, disparar, matar. O alvo escolhido continua a ser o nosso Partido, os nossos militantes, cuja razão e coragem não vacilam perante as maiores violências, as calúnias mais torpes e as ameaças mais directas. Defendem-se e defendem o seu Partido. Não saltam à primeira provocação. Não se envolvem em arruaças. Mas perante indecisões, por vezes equivocadas, de quem tem por dever evitar violências e manter a ordem reagem firmes no seu direito de defesa, no direito que lhes assiste de defender o seu Partido.

Depois vieram os comícios e as manifestações do PS. Numa delas gritou-se «Oteló não é português». Sabemos como as provocações se espalham, como os provocadores se infiltram quando a escalada da reacção aumenta de volume e de eficácia: mas a resposta firme da Revolução contra a reacção não surgiu da boca dos dirigentes do PS. Bem pelo contrário.

Entretanto, o MFA tomava posição, prevendo «uma escalada das forças reaccionárias que poderá atingir o absurdo de pôr em causa a legitimidade revolucionária do MFA»: e, a dado passo do seu comunicado de quinta-ª-feira, 16, lembrava:

GRANDE MANIFESTAÇÃO

OS TRABALHADORES DO BARREIRO CONTRA AS MANOBRAS DA REACÇÃO

Para repudiar as manobras reaccionárias e contra-revolucionárias do último fim-de-semana, a população do Barreiro participou, na passada segunda-feira, numa grande manifestação de apoio ao Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, ao Presidente Costa Gomes, ao Conselho da Revolução e à Assembleia do MFA. A manifestação foi convocada pelas comissões de moradores, pelos sindicatos, pelo Movimento Democrático das Mulheres, pela UJC, pela UEC, pelo Movimento Democrático Português, pela Frente Socialista Popular e pelo Partido Comunista Português, a manifestação foi uma grande demonstração unitária da determinação das massas populares em avançar na Revolução.

A concentração teve lugar cerca das 19 horas num dos largos do Barreiro, após um desfile que agitou toda aquela localidade de grandes tradições de luta antifascista. Gritavam-se «eslogãos» bem elucidativos: Socialismo sim, vigiar-te não. A reacção não passou, a reacção não passará, socialismo de burgueses não interessa aos portugueses, Vasco amigo, o povo está contigo e o povo está com o MFA. Os manifestantes transportavam distícos e bandeiras com grande significado revolucionário: Poder Popular, Socialismo, Pelo Socialismo, Unidade Popular Povo-MFA, Batalha da Produção—Vitória da Revolução, Ferrovários apoiam Costa Gomes, Vasco e Oteló e condenam actos criminosos e traidores do Povo Português, A Reacção Ladrá e a Revolução Avança, Socialista que foste enganado junta-te a nós pela unidade e Povo-MFA, a Revolução triunfará.

O general Vasco Gonçalves, um dos alvos principais dos ataques da contra-revolução, era especialmente visado nos distícos e nas palavras de ordem dos manifestantes: Vasco amigo, os explorados estão contigo, Apoio total a Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves. A manifestação seguiu-se um vibrante comício, no qual ficou bem patente o irreflexivo desejo de construção do socialismo. Depois de se ter guardado um minuto de silêncio em homenagem ao soldado morto em Aveiro, durante os ataques desencadeados pelas forças da reacção, vários oradores usaram da palavra.

Construir o socialismo
Lenine Sobreiro foi o primeiro a usar da palavra, em nome das comissões de moradores. Após ter lembrado os acontecimentos de 28 de Setembro e 11 de Março, afirmou a determinação passo: «A reacção jogou mais uma cartada e em força, utilizando trunfos valiosos, a tal ponto que alguns camaradas se deixaram levar e enfiaram-se nas barreiras que a reacção quer ver derubadas. E alguns trabalhadores apoiam cegamente essa camarilha de sanguessugas que não trabalham. Camaradas! Não vos deixeis converter pelos que tentam pôr-nos uns contra os outros. O verdadeiro socialismo só pode ser o daqueles que trabalham. Jamais pode ser o dos exploradores.

Sequiu-se no uso da palavra José Antunes, pelos sindicatos que promoveram a manifestação que, a determinado passo da sua intervenção, afirmou: Repudiamos energeticamente os atentados da reacção e as palavras do dr. Mário Soares na manifestação-comício de sábado contra o camarada Vasco Gonçalves.

Finalmente, usou da palavra o camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central do nosso Partido, que começou por afirmar: Uma Revolução que se propõe acabar para sempre com a exploração do homem pelo homem não é nem pode ser um passo idílico entre as oliveiras.

Proseguindo, o camarada Dias Lourenço disse: Os incidentes de sábado vieram mostrar mais uma vez quem

está com a Revolução e quem está contra a Revolução. Não podem restar dúvidas sobre a posição do PS. Mais adiante, dirigindo-se a dois militares que se encontravam perto da tribuna, o nosso camarada Dias Lourenço teve ocasião de acentuar: Na tua pessoa, soldado, e na tua pessoa, marinheiro, nós saudamos os que conosco constituíram o socialismo em Portugal.

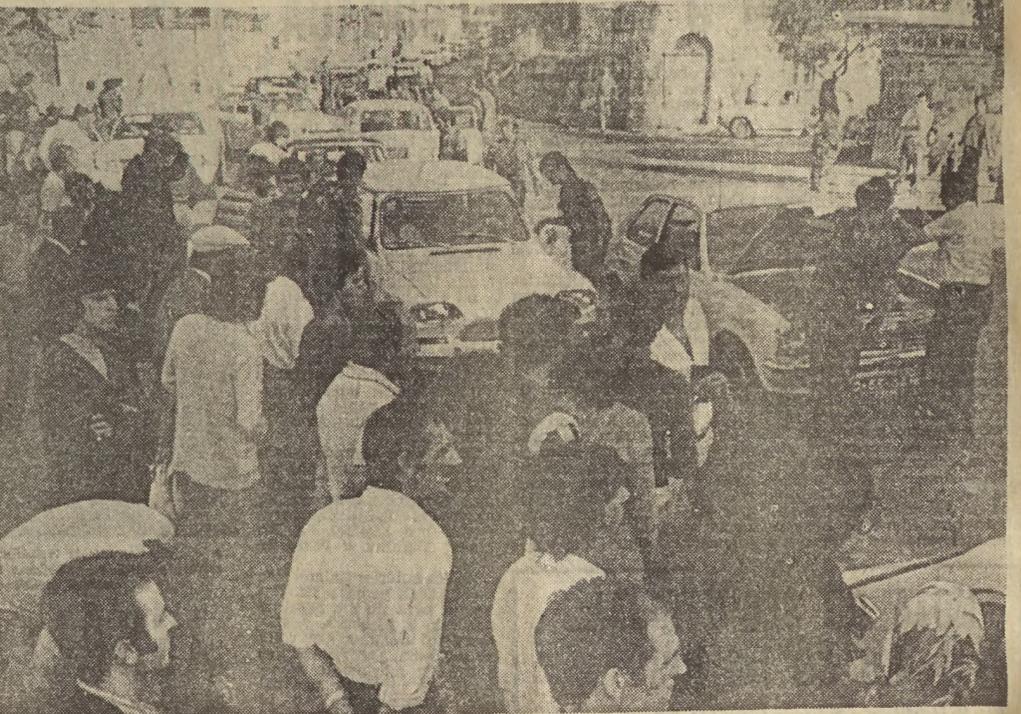
Salientando que se necessário a violência revolucionária responderá à violência reaccionária, o camarada Dias Lourenço fez um apelo aos trabalhadores socialistas para que não sigam os caminhos divisionistas que lhes são apontados pelos seus actuais dirigentes e terminou apelando para a vigilância popular.

JOAQUIM RAFAEL EVOCADO EM VALE DE VARGO

A Comissão Concelhia de Seipa do Partido Comunista Português promoveu no passado domingo, em Vale de Vargo, uma cerimónia evocativa da memória do camarada Joaquim Serrão Rafael (Albano), falecido há um ano. Esteve presente o camarada Francisco Miguel, membro do Comité Central do nosso Partido.

Joaquim Rafael foi um exemplo de abnegação revolucionária e de dedicação à causa da libertação do Povo Português. A dureza, o desgastado físico e mental provocado por 30 anos de luta clandestina arruinaram irremediavelmente a sua saúde. Ao contrário de outros camaradas, porém, a morte co-

lheu-o já depois da queda do regime fascista. Morreu, assim, com a satisfação de ver alcançado um dos objectivos principais que nortearam a sua vida de militante comunista. Além de uma romagem ao cemitério local, onde se encontra sepultado Joaquim Rafael, realizou-se em Vale de Vargo um comício. Usaram da palavra Francisco Miguel, o camarada Rosário, de Plas, um camarada da Comissão de Freguesia do PCP e a viúva do homenageado, camarada Catarina Machado Rafael. Estiveram presentes mais de 3 mil pessoas, muitas das quais vindas de vários pontos do concelho.



Mais uma vez o Povo não deixou de estar ao lado do MFA na defesa da Revolução. Como em 28 de Setembro e em 11 de Março a reacção deparou com a firme oposição das massas trabalhadoras em estreita aliança com as Forças Armadas. As barragens que se ergueram são prova disso

AS BARRAGENS QUE IMPEDIRAM A «MARCHA SOBRE LISBOA» CONSTITUIRAM PROVA DECISIVA DA FORÇA DA ALIANÇA POVO-MFA

A vigilância das massas trabalhadoras não fecha as ruas e as estradas por se ter aborrecido ou indignado, hoje mais do que ontem, com a acção deste ou daquele dirigente político, desta ou daquela formação partidária. Ao fim de oito ou mais horas de trabalho, um operário, um empregado de escritório, um trabalhador bancário ou da função pública não vai perder uma noite de descanso, num esforço pesado e perigoso, para impedir uma manifestação do PS. As barragens não são exercícios cívicos para que se convoquem militantes e demais povo trabalhador. Embora o seu civismo também aí se manifeste, trata-se, como já sobejamente se provou, de travar um perigo iminente para a Revolução. Trata-se de uma verdadeira tarefa revolucionária cumprida por todos aqueles que têm consciência perfeita das armadilhas que a reacção coloca no caminho do socialismo.

Mais uma vez isso ficou provado nas barragens que trabalhadores civis e trabalhadores fardados mostraram em vários pontos do País. Os perigos que alertam a consciência das massas não são invenções de ninguém.

Quantos participaram nas barragens que, nos passados dias 18 e 19, cortaram de facto o caminho à reacção, aperceberam-se da amplitude da gravidade da situação política criada pelas forças reaccionárias que, perante o avanço do nosso processo revolucionário, se encarnicam no combate jogando a sua própria sobrevivência de classe. Do mesmo modo, o povo português, aliado, na sua grande maioria consciente do perigo que ameaça a revolução portuguesa, ficou plenamente informado de que a chamada «invenção» — «eslogão» já tradicional dos dirigentes do PS perante a iminência de golpes reaccionários —, foi a mais séria investida da reacção verificada desde o 25 de Abril.

A apreensão de armas de diverso tipo efectuada nas barragens, instrumento potente da vigilância revolucionária, constitui apenas uma peça do xadrez manejado pela reacção. Uma peça nem sequer decisiva como demonstra a análise do conjunto de acontecimentos que caracterizam a ofensiva reaccionária. No entanto, uma peça cujo desvendamento terá um certo sabor popular que amargará, intensamente, aqueles que procurarem fazer crer que apenas uma pacífica manifestação desembocaria nas ruas de Lisboa. A dar-lhes, ingenuamente fé, seria, pelo menos, uma manifestação perigosamente original... Aliás, se é certo que a vigilância revolucionária exercida pela aliança Povo-MFA impediu a entrada de muitas armas, outras tantas escapando os veículos ao controlo popular — se vieram juntar às que em Lisboa, no fim da manifestação do PS, foram empunhadas, lado a lado, com bandeiras desse partido para desencadear uma feiúra batalha campal na Portela de Sacavém, o mesmo tentando na Calçada de Carriche e em frente do Jornal «República».

Só que a mobilização da reacção é, de facto, limitada. As barragens surgiram por todo o País, ainda que com maior incidência a sul do Tejo, pois que nesta zona a consciencialização política das massas populares se encontra num estado mais avançado. Antecedendo a montagem de barragens, trabalhadores de diversas empresas de viação, reunidos em plênios, decidiram não efectuar alugueres superiores a um determinado nível de normalidade. Apesar dos dirigentes do PS, numa triste manipulação da opinião pública, terem assumido o papel de vítimas da situação de vigilância popular, ficou amplamente demonstrado que as medidas de controlo revolucionário, conduzidas pelos trabalhadores e pelas massas populares em aliança com o MFA, não tinham nem podiam ter como objectivo impedir ou tentar desmobilizar os manifestantes do PS. Tratava-se, e a prática provou-o,

de impedir o êxito do culminar das manobras da reacção cujo desfecho estava previsto para este fim-de-semana. Para que esse desfecho, que se patentearia com a criação de um ambiente de violência e intimidação e perturbação da população de modo a forjar uma situação política insustentável e impor um governo de direita — os dirigentes do PS franquiveram, objectivamente, o caminho das forças reaccionárias, é um facto de que em número cada vez mais elevado, militantes do PS se vão apercebendo. Localizado o inimigo e as suas criminosas intenções foi sobre este que as forças progressistas e as massas populares exerceram uma rigorosa e indispensável vigilância. O povo português, empenhado na edificação de um país sem exploração, não confundiu os seus inimigos e se algumas camadas da população são ainda presas fáceis da acção das forças contra-revolucionárias, é porque pesada foi a opressão que sobre elas o fascismo abateu e ferrou ainda os laços de dependência económica que as enredam no jogo de caciques locais.

As barragens não foram apenas uma grandiosa muralha popular erguida contra as forças reaccionárias acotadas sob o projecto da grande concentração nacional que o PS se propunha fazer com a «grande concentração nacional», que teria lugar na Alameda Afonso Henriques, apesar das contradições que os dirigentes do PS cairam, assinando comunicados a convocar para a «grande concentração nacional», é a mobilizar para a marcha sobre Lisboa no comício da Agro-75, de Braga, e, no espaço de horas, a afirmarem que não haveria nenhuma marcha sobre a capital — apesar de todos estes factos, quantos quiseram assistir à manifestação do PS passaram nas barragens apenas sendo obrigados a respeitarem as regras da vigilância revolucionária, deixando revistar os veículos que os transportavam.

Mas as barragens não foram apenas uma muralha popular contra a reacção. Elas constituíram, simplesmente, um maior reforço da aliança Povo/MFA, componentes do processo revolucionário, que, como tal, actuaram em conjunto num clima de confraternização que é, em si mesmo, o símbolo desta aliança. As barragens constituíram também uma frente de trabalho unitária das forças activamente revolucionárias. Militantes do

nosso Partido lado a lado com militantes do MDP/CDE, da FSP, da LUAR, do MES, da LCI, do PRP-BR, representantes da organização sindical e muita gente sem filiação partidária cerraram fileiras e unidas exerceram a vigilância revolucionária indispensável à salvaguarda e avanço do processo revolucionário.

As massas populares assumiram nas barragens o seu papel revolucionário de defesa das liberdades e da democracia. Em muitas zonas, a mobilização das massas populares foi superior à verificada a 28 de Setembro e a 11 de Março. Por exemplo, no Alentejo, os trabalhadores mais uma vez deram o exemplo. Durante o dia 19, os campos ficaram esvaziados. Os trabalhadores estiveram na batalha da produção, no passado sábado, mas numa outra frente do mesmo combate e igualmente importante porque decisiva. Das intenções da reacção, passaram pelas barragens provas evidentes. Apesar da informação que se segue não ser de modo nenhum exaustiva, podemos assegurar que um número impressionante de matracas, paus e varapaus, barras de ferro, armas brancas e de fogo e até cavalos-marinhos foram apreendidos nas buscas a veículos. Muitos carros fugiram ao controlo das massas populares e dos militares, quer investindo contra a multidão, quer provocando a confusão para assim escapar ao controlo das barragens. Alguns exemplos concretos: em Linda-A-Velha, apreenderam-se paus grossos, correntes e pistolas de alarme; Linda-a-Pastora, matracas e uma respingadora automática Remington 13; em Benfica: quatro pistolas carregadas e cartuchelias e muitas matracas, paus, etc.; fora por exemplo, no Morris 1275 GT, vermelho, matrícula CM-19-69; num Simca verde LC-98-81 e na carrinha VW, creme, GE-83-77, até um cavalo-marinho foi apreendido; na ponte sobre o Tejo, entre os diversos instrumentos de agressão, encontrou na posse de um construtor civil, uma arma com mira telescópica; na Estrada de Sintra, junto à empresa Cabos de Avila apreenderam matracas, etc.; e duas metralhadoras; na Calçada Carriche, até uma machadinha de ferro foi apanhada no involuntário de um biberão; nos Quatro-Caminhos, Alverca, Estrada Velha, Porto de Mós, Caxias foram apreendidos diversos instrumentos de agressão desde as matracas aos chicotes, paus, barras de ferro, etc.; Na Amadora foram apreendidos muitos paus e matracas e 90 armas das quais uma G3.

Também em Setúbal se desmascararam os intentos da reacção tendo funcionado as barragens no Bairro (Coimã, Palhais, Santo António, etc.) no Seixal, em Setúbal, em Almada, Alcácer do Sal, Grândola, Cacilhas, etc.; um dos carros que transportavam armas brancas, finha como pistola GA-44-20; diversas matracas foram também apanhadas na margem Sul, No Porto, na portagem do Norte, eis a matrícula de alguns dos veículos que transportavam arsenal de matracas: Renault 12, HG-38-53; Datsun, EG-70-35; Opel, 71-91-XJ; Renault 16, HG-88-47; Datsun ED-99-04; Peugeot, BI-70-30. A amostra é elucidativa e consistente mais uma resposta contundente às calúnias que pretendem situar os acontecimentos do último fim-de-semana numa «invenção» do nosso Partido e de outras forças revolucionárias. Aliás, a reacção deixou, no seu negro rasto, outros testemunhos ainda mais evidentes. Focamos apenas alguns. Um deles verificou-se em Monsanto: cerca de 150 civis armados com matracas investiram junto ao Estádio Nacional numa manobra provocatória, envolvendo as Forças Armadas. Foram discursos pelo COP-CON. Note-se que as provocações às Forças Armadas, os insultos, as calúnias e ameaças foram amplamente usados pelas forças reaccionárias, quer nas barragens, durante o dia de sábado, quer nos acontecimentos nocturnos da Portela, verificados nessa noite. Na barragem da Portela, onde a mobilização popular se fez particularmente sentir, na tarde de sábado, um provocador do MRPP, o fugitivo Arnaldo de Matos, foi agredido por um popular em virtude de ter provocado os presentes à boa maneira fascista. A barragem da Portela seria o cenário escolhido, preferencialmente, pelos contra-revolucionários para desenvolverem uma acção de profunda agitação depois do encerramento da manifestação-comício do PS na Alameda Afonso Henriques. Porque o objectivo das massas populares não era a manifestação do PS, esta não foi o sinal para o levantamento das barragens que se mantiveram pela noite, na defesa da cidade. Cerca das 24 horas do dia 19, uma multidão de elementos com profusão de bandeiras do PS ocuparam — é este o termo adequado — a zona da portagem do lado da cidade. Os trabalhadores que se encontravam do outro lado da portagem, entre os quais elementos do nosso Partido e de outras organizações revolucionárias, foi desmobilizada para evitar confrontos com os manifestantes que se revelavam possuidores de uma histórica raiva, gritando «morte aos sociais-fascistas», e ameaçavam linchar os nossos camaradas, aos quais valeu a intervenção das Forças Armadas do RALIS. Sob uma chuva de insultos e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apetecido da sua sanha contra-revolucionária, o carro de um dirigente sindical que se encontrava estacionado. Depois de destruírem os vidros, os manifestantes tiraram do carro material de propaganda da Intersindical e do Sindicato dos Electricistas e queimaram-no em fogueiras. Um repórter e um redactor do nosso «Avante!», ainda que não se tivessem identificado, foram cercados pelos reaccionários em fúria, que exigiram a entrega de um rolo que continha provas avulsas e pedras o MFA foi agredido, tendo-se registado ferimento por pedrada num oficial. Foram disparadas balas de bóracha e granadas de instrução, sem que os manifestantes se dispersassem, mas antes intensificassem a violência. Elementos de organizações da extrema-esquerda muito activos nesta acção revoltante, a qual era orientada por fascistas exclusivamente exercitados na agitação contra-revolucionária. Sob a mesma bandeira, a do PS, cujos dirigentes favorecem o asilo da reacção, fascistas e pseudo-revolucionários da extrema-esquerda tomaram como alvo apete

SOLIDARIEDADE DOS PARTIDOS IRMÃOS AO PCP E À REVOLUÇÃO PORTUGUESA

Nas últimas semanas, ante a escalada da reacção em Portugal, caracterizada por uma feroz campanha anticomunista, numerosos partidos irmãos enviaram ao Comité Central do PCP mensagens de solidariedade nas quais manifestam o seu caloroso apoio à luta revolucionária do nosso Partido e das massas trabalhadoras em geral e condenam com firmeza as manobras reacçãoárias das forças que pretendem salvar o capitalismo, assim como as pressões imperialistas exercidas contra a Revolução Portuguesa, quer através de interferências directas quer da ajuda prestada aos seus aliados internos.

Na impossibilidade de publicarmos todos esses documentos, reproduzimos a seguir alguns trechos de expressivas tomadas de posição de destacados dirigentes de Partidos irmãos.

Partido Comunista Alemão

O Comité Central do Partido Comunista Alemão transmitiu ao nosso Partido as suas saudações fraternais, assegurando «estar firmemente ao lado dos comunistas e democratas portugueses». Seguem com grande atenção — declaram os nossos camaradas da República Federal da Alemanha — o desenvolvimento do processo revolucionário no vosso país e realizamos comícios e reuniões, tomando a decisão que a ingerência reacçãoária da parte das forças imperialistas da RFA na situação portuguesa acaba. Outro objectivo é fazer frente à actual campanha anticomunista contra o vosso país e em especial contra o vosso partido.

O presidente do Partido Comunista Alemão (DKP), camarada Herbert Mies, lançou simultaneamente um apelo a todas as forças democráticas do seu país para que se solidarizem com as massas trabalhadoras portuguesas e a sua luta contra as forças da direita. Herbert Mies protestou energicamente contra as declarações do social-democrata Bruno Friedrich que qualificara de «destruição das liberdades adquiridas» a decisão tomada pelo MFA de criar gradualmente órgãos de poder popular. O presidente do DKP considerou essas declarações como «uma expressão da contínua ingerência das forças reacçãoárias no processo de democratização de Portugal e uma acção de envenenamento político, destinada a confundir os trabalhadores, os sindicalistas e outros democratas da RFA e a romper a sua solidariedade com os seus companheiros portugueses. O camarada Herbert Mies acentuou também que a luta pela liquidação dos grandes monopólios, pelo afastamento das forças reacçãoárias do aparelho de Estado e pela unidade sindical e de acção em Portugal é em Portugal uma luta contra a reacção. E, dirigindo-se aos trabalhadores da RFA, afirmou: «Não vos deixeis enganar. Defendei os interesses dos vossos camaradas de classe portugueses, que são também os vossos próprios interesses.»

«Nos, comunistas da RFA, estamos firmemente ao lado do vosso Partido, ao lado dos operários e camponeses portugueses, de todas as forças do Povo Português, que, em conjunto com o MFA, conduzem a luta pela democracia e pelo socialismo.

«Ligamos a nossa solidariedade com os comunistas e todos os democratas de Portugal com a decidida repulção pelos ataques da reacção internacional ao processo revolucionário e democrático no vosso país. Neste «complo» participam os monopólios, o CDU/CSU, as forças de direita do FDP e da direcção do SPD.

«Os mesmos monopólios que no nosso país condenam dois milhões de trabalhadores ao desemprego e ao trabalho limitado procuram perturbar o desenvolvimento democrático em Portugal através da sabotagem económica e pelo apoio a forças reacçãoárias.

«Os políticos dirigentes do CDU/CSU dão a perceber que eles também exercem, com conspirações e intrigas, a sua autromissão repulsa nas leis de Portugal.

«O Governo Federal, o seu chanceler Schmidt, os ministros Leber e Gensher procuraram nas recentes reuniões da NATO e do Mercado Comum Europeu por Portugal sob pressão.

«Os dirigentes sociais-democratas como Brandt e Droscher procuram dividir o movimento revolucionário e democrático de Portugal com o anticomunismo, para pararem o progresso social, a abertura do caminho para o socialismo.

«A maior parte deles, que agora se arvoram como protagonistas da «Liberdade e Socialismo» em Portugal, colaboraram nos anos da ditadura fascista sobre os crimes da camarilha de Salazar e Caetano.

«Monopólios e Governo da RFA forneceram ao regime de Salazar e Caetano capital e armas para oprimir o Povo Português e conduzir a criminoso guerra colonial.

«Aqueles que afirmam preocupar-se com a democracia e a liberdade reduzem na RFA os direitos e as liberdades democráticas, recusam aos sindicatos todas as eficazes determinações, infligem aos membros do PCA, mas também a outros democratas, a proibição de emprego, fazem cair as responsabilidades da crise capitalista sobre os trabalhadores e ao mesmo tempo aumentam os armamentos da NATO. Nós exigimos: fim da intromissão da reacção internacional, dos monopólios e dos grandes bancos em Portugal! Fim da intromissão do CDU/CSU na situação interna do vosso país e do apoio a forças reacçãoárias e contra-revolucionárias! Fim da intromissão da direcção da direita da social-democracia, que exerce acção de sapa e de enfraquecimento da luta comum das forças socialistas e democráticas!

«A nossa solidariedade é dirigida à vossa luta pelos interesses da classe operária, dos camponeses e de todos os trabalhadores! A nossa solidariedade vai para os vossos esforços para a ligação comum de comunistas, socialistas e outros democratas, pelos interesses do vosso país! A nossa solidariedade vai para a vossa acção pela unidade do Povo com o MFA!

Partido Comunista da Noruega

A Conferência Nacional do Partido Comunista da Noruega aprovou, por unanimidade, a seguinte Resolução sobre a situação em Portugal:

«O ano que passou desde o derrube do regime fascista pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) confirmou que o desenvolvimento social do país vai numa direcção progressista. Encontra-se numa fase em que as principais tarefas são a consolidação da democracia — com a perspectiva de transformar Portugal num país socialista.

«A direcção nacional do Partido Comunista da Noruega saúda com satisfação o desenvolvimento que se processa depois da queda do regime fascista. A direcção nacional envia a sua saudação solidária ao partido irmão, ao Partido Comunista Português, que durante dezenas de anos lutou no país contra o domínio fascista e que hoje, juntamente com o MFA e outros progressistas, vela pelos novos direitos do povo. O PCN está seguro que o processo revolucionário de transformação, que está a decorrer, abrirá o caminho para um futuro seguro e uma vida melhor para o povo trabalhador de Portugal.

«Ao mesmo tempo ninguém pode fechar os olhos à campanha de mentiras e difamações, que foi desencadeada pelos reacçãoários nacionais e estrangeiros para destruir o tal desenvolvimento. Neste contexto há todas as razões para notar que os políticos da NATO noruegueses que nunca, quando os fascistas tinham o Poder no país, protestaram contra os abusos do poder contra o povo, de repente agora sentem uma tão inquietante preocupação pelo bem estar do povo português. Com o desenlace do conflito de trabalho local no jornal independente e sem partido «Republika», que se procurou transformar num porta-voz da orientação Soares no seio do Partido Socialista Português — e cuja aparição o MFA proibiu até à apaziguação do conflito interno —, são dirigidos violentos ataques contra o PCP, que será culpado de querer reduzir a liberdade de palavra e de imprensa no país.

«Isto não nos surpreende. Como sempre, quando o povo trabalhador de um país está preparado para escrever a História, jogam reacçãoários e anti-socialistas de toda a espécie no anticomunismo. Procura-se, e assim descrito, como se os comunistas tivessem uma influência forte injustificada no país, como se o PCP dominasse a Imprensa, os meios de comunicação das massas e possuísse o poder em todos os domínios do movimento sindical. O lugar do PCP no processo revolucionário é incontestável. Estas posições conquistou-as o PCP durante 48 anos de luta ilegal contra o domínio fascista.

«Mas o que se tem em vista pelas afirmações dos reacçãoários é por uma cunha na unidade de acção que se desenvolve entre comunistas, socialistas e sem-partido. Isto falhará como as tentativas de provocar antagonismos entre o MFA e o movimento dos trabalhadores do País.

«Nós estamos certos que a propaganda de difamação e mentiras contra as forças progressistas de Portugal não vencerá, quer em Portugal, ou no nosso país, quer nos outros países. Nós confiamos plenamente que o nosso Partido-irmão em Portugal, em conjunto com os seus aliados no Movimento Militar e no movimento operário português levará a cabo as suas tarefas históricas. Logo que a Democracia seja consolidada e que o fascismo nunca mais volte a dominar o País. Estamos certos que a unidade de acção do Povo Português pelo alcance de objectivos maiores e mais progressistas depende de uma estável e sólida base e que cada

Partido Comunista Francês

O Partido Comunista Francês também está a acompanhar atentamente a escalada das forças reacçãoárias em Portugal. O camarada Jean Colpin, membro da Comissão Política do PCF, declarou em Paris que o seu partido fazia «uma análise positiva da tomada de posição do PCP, mas que, ao fazê-la, não se intrometia nos assuntos internos» portugueses. «Verificamos — disse — que o PCP está atento à situação, que se empenha em salvaguardar e desenvolver a conquista preciosa criada pelo derrube do fascismo e pelo estabelecimento da democracia no país.» E acrescentou: «Adotamos de maneira consequente ao princípio de não ingerência nos assuntos dos outros partidos, respeitamos a independência e a autonomia de cada partido e vice-versa, e desejamos que os outros procedam da mesma forma para conosco.»

Partido Comunista da Holanda

Sob o título «Os portugueses podem contar com a nossa solidariedade amistosa», o camarada Hank Hoekstra, presidente do Partido Comu-

nista da Holanda, relatou no «Die Waarheid», órgão central daquele partido irmão, numa longa entrevista, as suas impressões da visita que fez a Portugal.

«Tivemos uma profunda e calorosa impressão» — declarou. Depois de aludir a conversações mantidas com dirigentes do CC do nosso Partido, disse: «Fomos muito amistosamente recebidos pelas organizações locais do Partido, o que deu maior projecção política à nossa visita. Em Portalegre fomos recebidos pelo governador do distrito, que não é comunista mas apoia as medidas progressistas. Visitámos um hospital onde vimos os esforços feitos para melhorar a assistência à população abandonada pelos fascistas. Esta iniciativa de base encontra-se em Portugal a vários níveis.

«Nas aldeias fomos espontânea e calorosamente recebidos. Foi para nós um apelo à solidariedade internacional (...) A queda do fascismo não foi um acontecimento espontâneo.

«Para os comunistas portugueses não foi um acontecimento imprevisto. Foi preparado e previsto (...) Essa luta reflecte-se hoje na actividade do Partido na base. O Partido está presente em todos os lados e os seus militantes estão confiantes. A actividade das massas e dos comunistas foi posta à prova no 11 de Março. A derrota acção política (...) Não se

deixe golpear por uma grande parte da população que em relação ao Governo e ao Estado há uma grande luta que ainda não acabou. O PCP adquire surpresas e viragens rápidas. A situação não se pode reduzir a esquemas.

«(...) A opinião dos comunistas portugueses, neste momento, é sobretudo necessário rasgar a tela de mentiras sobre os acontecimentos em Portugal. Na minha opinião é muito correcta essa posição. Muitas pessoas disseram-nos: «Que as pessoas progressistas de outros países da Europa Ocidental venham a Portugal, que olhem e nos ajudem. Não temos nada a esconder.»

Partido Comunista do Canadá

Durante a sua visita à RDA, o camarada William Kashtan, secretário geral do Partido Comunista do Canadá, manifestou igualmente o total apoio do seu partido ao PCP e a todas as forças progressistas portuguesas na defesa da Revolução Portuguesa.

«Condenamos — afirmou Kashtan — em declarações à Imprensa — a posição defendida por Mário Soares e a ala direita do Partido Socialista, porque sabemos que essa posição não visa a realização da revolução democrática, mas sim uma forma de democracia burguesa sem atender contra o poder do capital monopolista. Eles si-

tuaram-se, digamos, no centro da contra-revolução.»

Referindo-se, depois, à atitude do movimento comunista internacional em face da nossa Revolução, o camarada Kashtan disse: «O camarada Kashtan disse: «Todo o partido comunista e operário tem o dever de expressar a sua solidariedade com a luta do Povo Português em prol da vitória da Revolução.»

Partido Comunista Mexicano

O Partido Comunista Mexicano manifestou a sua solidariedade com o PCP ao enviar ao camarada Alvaro Cunhal o seguinte telegrama:

«Neste momento sumamente importante e decisivo da luta do povo e da classe operária portuguesa pela defesa das conquistas e pelo avanço do seu histórico processo revolucionário que está dando a Portugal uma verdadeira democracia e levará ao socialismo, exprimimos ao Partido Comunista Português e ao Movimento das Forças Armadas a sua total solidariedade em nome dos militantes reunidos na Assembleia Nacional Permanente do Partido Comunista do nosso país. Estamos confiantes no triunfo das forças populares portuguesas sobre as maquinções do imperialismo e da reacção interna e daqueles que fazem o seu jogo pretendendo criar condições para tentativas golpistas contra-revolucionárias e planos que visam restabelecer o regime fascista. A vitória do Povo Português sobre tais ten-

tativas será uma grande contribuição à luta do povo mexicano e dos povos latino-americanos contra o imperialismo e a defesa da independência nacional, da democracia, do bem-estar, da paz social e do socialismo. Fraternalmente, pelo Órgão Central Executivo, Manuel Terrazas e Edmundo Jardón.»

Partido Comunista da Venezuela

O Partido Comunista da Venezuela manifestou igualmente a sua solidariedade calorosa ao nosso Partido através de um telegrama enviado ao camarada Alvaro Cunhal. Essa saudação, assinada pelo camarada Gustavo Machado, presidente do Bureau Político, é do seguinte teor:

«Em nome do Partido Comunista da Venezuela, transmitimos o nosso firme apoio aos revolucionários portugueses nestes momentos em que sobre Portugal se concentra a fúria reacçãoária de diversas correntes políticas e interesses económicos, a nível nacional e internacional. A nossa solidariedade é extensiva ao processo de transformações, ao qual estão intimamente ligados os mais avançados combatentes civis e militares do vosso país. A consolidação do movimento anti-colonialista e de emancipação social a caminho de uma sociedade socialista exige a mais enérgica ajuda da parte dos revolucionários de todo o Mundo.»

«QUEM AMEAÇA A DEMOCRACIA EM PORTUGAL?» — PERGUNTA E RESPONDE O «NEUES DEUTSCHLAND»

Não é apenas através de mensagens de apoio que a solidariedade dos partidos irmãos de todo o mundo com a luta das forças revolucionárias portuguesas se exprime. Enquanto a grande Imprensa burguesa deturpa sistematicamente os acontecimentos, associando-se à escala reacçãoária em curso, os órgãos de Informação comunistas, diariamente insultados em Portugal por aventureiros e oportunistas e por todos aqueles que, consciente ou inconscientemente, fazem o jogo dos inimigos da Revolução — esses jornais ao serviço do Povo, da paz e do progresso ofereceram aos seus leitores a verdadeira imagem do Portugal livre e revolucionário.

Pela sua particular importância, transcrevemos na íntegra um lúcido artigo que o «Neues Deutschland», órgão central do Partido Socialista Unificado da República Democrática Alemã, dedicou à situação política portuguesa, pulverizando boatos e calúnias.

«Quem ameaça a democracia em Portugal?», pergunta o «Neues Deutschland», em título. E responde:

«Os órgãos de Informação de muitos países capitalistas vêm fazendo um alarido histórico sobre uma ameaça à liberdade e à democracia em Portugal. Se alguém acreditasse nesse palavreado chegaria à conclusão de que a democracia fora posta em perigo pelas próprias forças democráticas.

Em primeiro lugar, esclareçamos os princípios básicos da situação. Em Abril de 1974 foi derrubado o regime fascista. Foi obra dos oficiais progressistas das Forças Armadas, unidos a um movimento antifascista, democrático e popular, que foi e é encabeçado pelo heróico Partido Comunista Português.

Como é evidente, meio século de fascismo e todas as suas consequências não se podem abolir de um momento para o outro. Passo a passo constrói-se um novo Estado, desenvolve-se o poder do Povo. Entretanto, os caciques do regime de Caetano e os que vêm nele o representante dos seus interesses — os monopólios e os latifundiários — procuram resistir e impedir o avanço do processo revolucionário por todos os meios ao seu alcance.

No desenrolar deste processo agudiza-se a luta de classes. Enquanto, por um lado, as massas populares lutam pela democracia, por outro a reacção procura asenhorear-se das estruturas do Poder. Provam-nos bem os acontecimentos do 28 de Setembro de 1974 e do 11 de Março de 1975.

Contudo, a aliança do MFA com o Povo saiu forçada desses ataques. O processo revolucionário, que procura dar o Poder às massas trabalhadoras e correspondente aos seus interesses, tem feito progressos consideráveis. Mas eis que surge esta histórica campanha contra Portugal. A democracia estaria em perigo. A luz verde para esta campanha de calúnias, dirigida internacionalmente, foi dada pelos «leaders» do Partido Socialista Português, ao saírem do Governo. Também o conflito entre a administração do «República» e os trabalhadores daquele jornal — que se recusaram a imprimir os ataques ao desenvolvimento democrático e revolucionário — serviu de pretexto aos «leaders» do PS para intensificarem a tensão já existente.

Os factos apontados servem de capa a manobras contra a democracia portuguesa. Se isso não fosse evidente, por si só, as repercussões que estão a ter são suficientemente esclarecedoras. A Internacional Socialista, or-

ga-se a acabar com os ataques múltiplos, de examinar em conjunto a situação e de orientar as suas organizações para a realização de acções comuns.

A direcção do PS não aceitou esta proposta do PCP. Na sua declaração, o PCP sublinha que não só está interessado em reformas profundas em que participe a classe operária, mas também o camponês, a pequena burguesia, os intelectuais e mesmo alguns círculos da média burguesia. Na defesa de interesses comuns, baseia-se uma ampla política democrática de aliança.

Os partidos, que representam os interesses destas classes e camadas, terão de assumir a responsabilidade de levar a bom termo a democracia portuguesa, que é contrária aos interesses dos monopólios e latifundiários.

O PCP apela: a hora é de unidade de todas as forças que estão com o processo revolucionário. O Povo Português tem o direito de escolher e seguir o seu próprio caminho.

O apoio fraterno do povo do Vietnam

O povo heróico do Vietnam está também solidário com a luta do nosso Partido e de todas as forças autenticamente revolucionárias do nosso país.

«Trazer a público a realidade da situação em Portugal — escreve o «Nhan Dan», de Hanoi — constitui uma forma de apoio à justa causa da classe operária e do povo deste país, à causa daqueles que acabam de se libertar do jugo fascista e que lutam por uma vida melhor. Esse facto contribui, por outro lado, para desmascarar as intenções enganadoras dos partidos socialistas dos países capitalistas durante este período da História.»

Depois de analisar a situação criada em Portugal há mais de um ano, desde o triunfo da Revolução Portuguesa, o «Nhan Dan» observa:

«Compreender qual o regime democrático e por que via progredir para o socialismo é a pergunta mais difícil que se põe a todas as partes da actual luta em Portugal. Uma parte das forças políticas, representada pelo Partido Socialista, preconiza a criação de um regime democrático no género dos países capitalistas da Europa Ocidental. Esta é uma política anárquica e reacçãoária. O regime de democracia burguesa era progressista em comparação com o regime feudal, mas isso já passou à história. Os partidos socialistas desempenham um papel positivo no primeiro período deste século. Mas, após a Primeira Guerra Mundial, apareceram os partidos proletários de tipo novo e os partidos socialistas tornaram-se, pouco a pouco, paraventos e mesmo instrumentos de exploração dos trabalhadores dentro do seu país e de agressão e repressão contra as outras nações.»

E conclui: «As principais contradições actuais em Portugal são as contradições entre as duas vias de reali-

zação do regime democrático e de progresso para o socialismo. Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista, afirmou que estas são contradições entre o processo eleitoral no quadro tradicional do regime de democracia burguesa e o processo revolucionário decidido pela força das massas populares e das Forças Armadas. Entre elas duas vias, a História mostrou claramente qual a que é justa e qual está errada, onde está o progresso e onde está o anacronismo. A luta por uma democracia popular e pelo socialismo em Portugal é ainda complicada e árdua. Todavia, com condições vantajosas no País e no mundo, as forças revolucionárias e o Povo de Portugal poderão aplainar todas as dificuldades e avançar vigorosamente na sua via justa.»

«Golpe político contra o MFA»

O «Volkstimmes», órgão central do Partido Comunista Austríaco, dedica um editorial à situação portuguesa.

«Com a saída do PS do 4.º Governo Provisório — escreve — posterior ao derrubamento do regime fascista em 25 de Abril de 1974, a evolução de Portugal atingiu um novo ponto de viragem. Neste ponto chegou-se àquilo que membros dirigentes do MFA e do PCP vinham afirmando repetidamente nas últimas semanas: a verificar-se que a coligação que forma o Governo não é operacional, em virtude de certos partidos que nela participam entravarem na prática o trabalho do Governo, comportando-se como verdadeiros partidos da oposição, tem de se substituir por outra solução a coligação actual.»

Classificando a saída do PS do Governo como «um golpe político contra o MFA», o Partido Comunista Português, a Inter-sindical e as restantes forças que apoiam o MFA, o órgão do Partido Comunista Austríaco prossegue:

«O MFA quis construir juntamente com todos os partidos formados após o 25 de Abril de 1974 um Portugal democrático, independente e socialista. O mesmo se deve dizer dos comunistas, que «quiseram trilhar o caminho do socialismo juntamente com o PS e outros partidos». O PCP tentou repetidas vezes contactar, dialogar e cooperar com o PS. «Chegou a haver alguns contactos», mas «a cada combinação, seguiram-se novos ataques anticomunistas da parte de Mário Soares e seus amigos. Estes ataques constituem um dos pontos principais da luta subtil conduzida pela direcção direita do PS para salvar os interesses capitalistas em Portugal.»

Referindo-se à argumentação do PS, baseada no resultado das eleições que lhe deram a maioria, o «Volkstimmes» escreve que as massas eleitorais votaram pela plataforma proposta pelo MFA, a qual continha a orientação para o socialismo. «Foi neste sentido que as massas populares votaram e não para se fazer o contrário depois das eleições, como pretende Mário Soares.»

«Com esta política e sobre-

tudo com a sua retirada do Governo — prossegue o jornal — Soares ameaça intencionalmente a capacidade de trabalho da Assembleia Constituinte.

«Nestas circunstâncias — salienta — pode surgir a necessidade de também ir à Constituinte se encontrar uma solução. Uma solução que leve as classes trabalhadoras do Povo Português, em união com o MFA, a entregarem-se ao trabalho para, através das assembleias populares que vão surgir a todos os níveis, construírem um Portugal verdadeiramente democrático e verdadeiramente socialista — afirma a concluir o «Volkstimmes».

VISITA DE CAMARADAS CHECOSLOVACOS

Um grupo de especialistas de problemas agrícolas checoslovacos que veio a Portugal para participar na inauguração da Feira Agro-75, de Braga, visitou, antes do seu regresso a Praga, o Centro de Trabalho do Partido Comunista Português, em Lisboa, onde teve encontros com militantes do Partido do sector agrícola.

Da delegação checoslovaca faziam parte os camaradas F. Velehradsky, J. Kabržel, O. Dolak e J. Červinka, presidente da Associação das Cooperativas Agrícolas em Bhoemia.

Além do seu contacto com o PCP no Centro de Trabalho de Lisboa a delegação teve também numerosos contactos com outros sectores da vida política e social do País, tanto no Norte como no Alentejo, tendo igualmente visitado uma cooperativa agrícola do Sul.

EXIBIÇÃO DE FILMES CHECOS

O Comité Pró-Associação Portugal-Checoslováquia leva a efeito nos próximos dias 28 e 29, às 21 e 30, no Cinema do Palácio Foz, duas sessões de divulgação cultural com a exibição de filmes checos.

Esta realização assinala o início de uma actividade que visa o estreitamento das relações de amizade, o conhecimento mútuo e a cooperação entre os povos de Portugal e da Checoslováquia.

GRANDE COMÍCIO DA UJC NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

A PARTICIPAÇÃO E INICIATIVA DA JUVENTUDE TRABALHADORA É IMPRESCINDÍVEL AO AVANÇO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

A hora não é para isolamento nem para sectarismo. A hora é para unirmos todos os jovens, todos os trabalhadores, todos os democratas, todos aqueles que estejam interessados em defender as liberdades e em fazer prosseguir o processo revolucionário a caminho do socialismo...

ria, afirmando que se trata de uma escalada de manobras perfeitamente orquestrada, cuja bússola orientadora está sendo a cúpula social-democrata do PS.

As tentativas de assaltos às sedes do nosso Partido e de outras forças revolucionárias devemos responder com o esclarecimento e mobilização constante, para que a cada nova manobra da escalada contra-revolucionária saibamos encontrar uma resposta imediata e adequada.

Apela a todas as organizações revolucionárias da juventude para multiplicarem os contactos e iniciativas conjuntas.

revolução mais e mais muheres, mais e mais raparigas, sob pena de a construção do socialismo ficar seriamente comprometida.

Num momento em que atravessamos uma grave crise política, em que as forças reaccionárias e conservadoras, polarizadas em torno do PS, tentam desesperadamente travar o avanço do processo revolucionário, mais do que nunca se torna necessário e urgente o alargamento da participação da juventude e particularmente da jovem mulher, quer nas tarefas de esclarecimento, quer nas de vigilância.

Ha já bastantes exemplos desta participação, nas comissões de moradores assembleias populares, comissões «controlo» operário e nas mais variadas formas de organização unitária das populações.

Neste momento difícil da Revolução, queremos lançar um apelo a todas as jovens, sejam ou não comunistas para que lado a lado com os seus companheiros participem no trabalho da vigilância contra as manobras da reacção, dizendo com confiança: A REACÇÃO NAO PASSOU, A REACÇÃO NAO PASSARÁ.



As manobras reaccionárias e diversionistas nos sindicatos, devemos responder com a mobilização dos trabalhadores, com o reforço da sua unidade.

DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL

A encerrar o comício da UJC, falou, de improviso, o camarada Alvaro Cunhal. «Vós saudais — disse — o Partido Comunista Português. O Partido Comunista Português vos saudá, à UJC, e, se me permitis, também à UEC, a toda a nossa gloriosa juventude comunista.

«Este comício tem lugar num momento difícil para a nossa Revolução. «Acabais de dizer que «assim se vê a força do PC», mas temos de ver a força do PC na acção que nestes dias temos que desenvolver, a fim de travar o passo da reacção.

«Nós, comunistas, somos já muitos. A nossa vósta está muito trabalhadores que confiam no partido, as forças da nossa juventude comunista, estejam em acção, estejam operantes nos sítios decisivos e estejam prontas a intervir na defesa da Revolução.

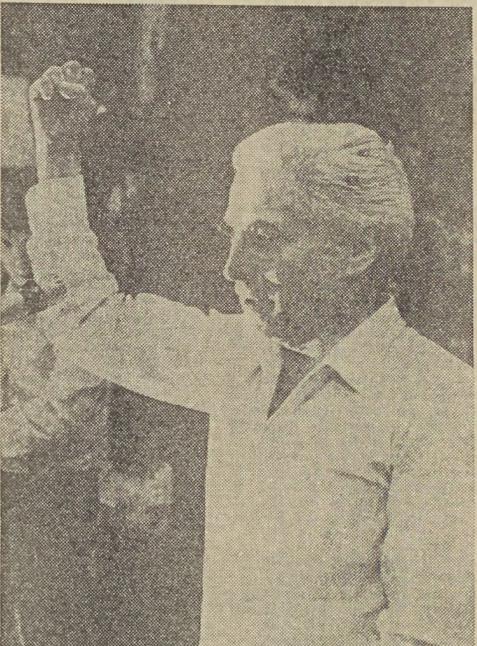
«Esta unidade é possível a todos os níveis com jovens sem partido e com os jovens de outras organizações que estão com a Revolução. Nas fábricas e nos campos em torno das tarefas da vigilância contra a sabotagem económica, pelo «controlo» operário e pela batalha da produção, pelo avanço da reforma agrária.

«Com esta pseudoliberalidade nós não estamos de acordo, e pensamos, sinceramente, que muitos militantes da JS também não o estão.

«UEC, UJC, juventude do PC»

«UEC, UJC, juventude do PC»

«UEC, UJC, juventude do PC»



Alvaro Cunhal, líder do PCP, durante o comício da UJC no Pavilhão dos Desportos.

«Mais adiante, o camarada Alvaro Cunhal aludiu a provocações e actos de vandalismo da reacção contra o Centro de Trabalho do PCP em Aveiro e as violências praticadas pelos grandes agrários no Alentejo — particularmente em Elvas, Montemor e Reguengos de Monsaraz — onde os senhores da terra tentam retomar a iniciativa.

«É uma grande ofensiva — salientou — que está a desenvolver-se e que deveria culminar, nesta fase, numa grande marcha sobre Lisboa e também sobre o Porto, dando o exemplo a qualquer eventual golpe das forças reaccionárias de direita, levando a uma alteração do Governo, à formação de um Governo de direita. A retirada dos socialistas do Governo, que inicialmente era uma acção de chantagem para obrigar a certas soluções políticas quanto à formação do próprio Governo, deu depois novo alento a esta grande ofensiva.

«No que respeita à manifestação de Lisboa do Partido Socialista, pensamos que, ao PS, como partido legal, como qualquer outro partido, tem todo o direito de fazer as reuniões que quiser, os comícios que quiser. Agora, o que nenhuma força política responsável tem o direito de fazer é convocar um comício ou uma manifestação e procurar fazer concentrações vindas de todos os pontos do País, que se convertem numa marcha da contra-revolução sobre Lisboa. A isto, o Partido Comunista, os trabalhadores, disseram: «A reacção não passou das outras vezes, desta vez também não passará.»

«Proseguindo, fez um vibrante apelo à vigilância popular e à acção popular, e, depois de acentuar que o dia não era de grandes discursos, disse: «Temos confiança em que, desta crise em que as forças reac-

«Temos confiança em que, desta crise em que as forças reac-

«Temos confiança em que, desta crise em que as forças reac-

«Temos confiança em que, desta crise em que as forças reac-

«Temos confiança em que, desta crise em que as forças reac-

COLECCÃO DO «AVANTE!»

Vão ser postos à venda nas Livrarias «Avante!» e no «stand» da nossa editorial na Feira Popular coleções encadernadas da série legal do «Avante!», abrangendo os números publicados em 1974. O preço é de 300\$00. Pedidos directos podem ser feitos à Editorial «Avante!» Av. Santos, Dumont, 57, 2.º, Lisboa.

ABERTURA DA LIVRARIA



SÁBADO, 26 DE JULHO DE 1975 ÀS 15 HORAS

GRANDE APRESENTAÇÃO DE NOVIDADES

COM A PRESENÇA DE RESPONSÁVEIS DAS EDIÇÕES AVANTE! QUE FALARÃO SOBRE O PROGRAMA EDITORIAL R. AVIZ, 26 - PORTO

LIVRARIAS «AVANTE!»

Dentro de poucos dias vão surgir as primeiras Livrarias «Avante!». Nelas poderão adquirir-se não só todos os livros e cadernos publicados pela nossa editorial, mas também outros livros lançados por editoras progressistas, assim como obras de autores soviéticos editadas em línguas estrangeiras, nomeadamente, espanhol e francês. A inauguração da primeira Livraria «Avante!» far-se-á no Porto, no próximo sábado, na Rua de Aviz, 26. No dia 31 será a vez de Lisboa, onde será inaugurada uma Livraria «Avante!» na Rua Santos Dumont, 57, c. Sabemos que esta é uma boa novidade para todos os que estão interessados em aprofundar os seus conhecimentos sobre o marxismo-leninismo, a política dos partidos comunistas e operários, a linha de acção do Partido Comunista Português. Camaradas e amigos, as Livrarias «Avante!» estão ao vosso dispor! Visitem-nas! Tornem-se seus clientes permanentes!

PESCADORES DE PENICHE

COM O SEU TRABALHO PESADO QUEM GANHA É O INTERMEDIÁRIO

Peniche é o principal porto pesqueiro do País, onde trabalham cerca de 2400 pescadores e 235 barcos, dos 5 aos 32 metros de comprimento. Todos os dias ali afluem toneladas de peixe das mais variadas qualidades que se destinam a abastecer (?) o País. O porto, junto à fortaleza, regista permanentemente uma azáfama enorme. Mal os barcos chegam, os caixotes começam a ser descarregados para a lota onde o peixe é vendido. Peniche é, pois, o principal porto pesqueiro do País e, como tal, onde os problemas daquela faina mais se fazem sentir.

Carlos Cordeiro, presidente do Sindicato dos Pescadores e que antes do 25 de Abril se mostrara já um lutador consequente pela defesa dos interesses dos pescadores,

e o pescador da pesca artesanal quando precisou de isenção para a compra de um veículo a 15500. Isto aqui em Peniche e no mesmo dia. Como o trabalho não compensa já chegámos a ter ali no porto cerca de três metros de sardinha que foi distribuída pela população.

Câmaras frigoríficas

Referindo-se às preocupações que os pescadores têm quanto ao seu trabalho, em relação ao qual não vêm uma recompensa merecida pelo esforço que fazem, o presidente do Sindicato afirmou-nos:

ção ao País para que se tire todo o poder que o intermediário hoje tem. Só assim o pescado pode chegar a todos os consumidores a um preço mais acessível e os pescadores deixarem de ser prejudicados na sua dura faina de todos os dias e todas as noites.

Referindo-se, depois, às condições do porto de Peniche, que são tremendamente deficientes para o trabalho dos pescadores, Carlos Cordeiro declarou que as obras estavam previstas para começarem no próximo mês de Novembro, pois atendendo à

sem contudo interferir nas decisões dos trabalhadores que se propõem tomar a iniciativa.

Relativamente à actividade sindical a ideia é formar um Sindicato único que englobe todos os portos. Beneficiando do apoio de Peniche e de outros centros piscatórios pensam, contudo, que a iniciativa não pode ser tomada sem bases definidas de molde a satisfazer os verdadeiros interesses da classe, prevendo-se que a primeira fase seria uma Federação de Sindicatos e só depois se avançaria para o Sindicato único.

C presidente do Sindicato referiu, depois, que na região do Norte do País se está a verificar um procedimento que vai contra os interesses dos pescadores. Assim, aqueles trabalhadores têm estado a ser manipulados para que o peixe que apanham não seja vendido na lota, fugindo deste modo às contribuições exigidas por lei. Ultimamente, em Viana do Castelo, Póvoa de Varzim e Vila do Conde mais de 55 mil contos não passaram pela lota. Com este procedimento apenas são prejudicados os pescadores e a Previdência pois desde o momento em que não entre dinheiro esta não pode prestar uma boa assistência. O único que beneficia é apenas o armador, pois se o pescador desconta 6,5 por cento do seu ordenado o armador desconta 17 por cento sobre os salários pagos. Daí utilizar todos os processos para não pagar, inclusive tentando convencer os pescadores a procederem contra os seus verdadeiros interesses.

Ainda quanto à assistência social, os pescadores sentem-se bastante prejudicados relativamente ao subsídio de doença e à maneira como é estabelecido. Quando um pescador adoce a Caixa faz a média dos ordenados recebidos nos últimos dez meses para então estabelecer um subsídio de 60 por cento. Como se sabe o salário do pescador não é fixo e depende do peixe que apanhou e do preço a que foi vendido.

Por outro lado, muitas vezes os barcos ficam retidos em terra devido a avarias. Isto é o bastante para alterar substancialmente a média dos salários, que nestes casos baixa assustadoramente, e é precisamente quando um homem mais precisa que menos recebe.

Relativamente aos pensionistas; isto é, os pescadores que nunca descontaram para a Previdência e que se encontram na situação de não poderem trabalhar, Peniche foi também o primeiro porto a dar o exemplo quanto a uma melhoria de vida daqueles homens. Deste modo, a Casa dos Pescadores, nos últimos quatro meses, passou a pagar uma pensão de 500\$00 em vez dos 200\$00 que o regime fascista dava como esmola.

Nesta época do ano Peniche registava um movimento desusado. Muitos turistas passeavam pelas ruas ou apreciavam a faina no porto. Segundo algumas opiniões este ano verificou-se uma maior afluência de turistas estrangeiros. Na doca, ao fim da tarde, o movimento era grande. Constantemente chegavam traineiras. Os homens descarregavam o peixe em caixotes que depois era transportado para a lota. Os apetrechos da pesca também eram alvo das atenções. Entretanto, junto aos botes as companhias preparavam-se para seguir para o mar. Enquanto uns chegavam outros partem.

Em Peniche a faina não para e por vezes os barcos estão 17 horas e mais na pesca e quando chegam é urgente regressar novamente para o mar. A vida para aqueles homens não é fácil. Trabalho pesado, sem comodidades, toda a rudeza de uma profissão que não tem contemplanções

pela vida humana. Mas o folclore da vida do mar é apreciado pelos turistas, e não só, que quase sempre desconhecem as privações, os desaires e a vida sem futuro dos pescadores. Assistindo-se no porto à chegada dos barcos, o colorido, o movimento são realmente agradáveis para quem está de fora e tem a sua vida assegurada no dia a dia sem grandes esforços.

«Quem ganha é o intermediário»

Belmiro Alves, candidato a deputado do nosso Partido pelo círculo de Leiria, há 24 anos que anda na faina da pesca. E fala-nos dos problemas que os pescadores hoje mais sentem:

— Com a greve tivemos uma nitida melhoria de salários, é verdade, mas o que presentemente mais afeta a classe é a venda do peixe. Quando os barcos vêm carregados os intermediários aproveitam-se disse para comprar por uma insignificância todo o trabalho de uma noite. Tem-se vendido sardinha

trolar os preços. Quando compram a sardinha a \$40 não a vão vender mais barata. Guardam-na e quando falta é vendida a bom preço.

O problema da comercialização do peixe é realmente o assunto que traz preocupados os pescadores de Peniche que devido à actuação parasitária dos intermediários não vêm recompensados os esforços do seu trabalho árduo. E a sua frustração é legítima quando, carregados de peixe, assistem a ofertas miseráveis para a sua compra numa autêntica provocação, à sua dignidade de trabalhadores.

Um outro pescador, Armando Fernandes, diz-nos:

— Não me lembro de vender peixe nesta época a 21500 o cabaz. Cada cabaz tem aproximadamente 22 quilos de sardinha. Entretanto, em Lisboa, é vendido ao consumidor a 20500 o quilo.

Outro pescador intervém na conversa para dizer que não é necessário ir tão longe pois ali a dois passos, nas Caldas da Rainha, é vendido, ao mesmo preço. Por outro lado, em

— O problema maior é a venda do peixe, que não há quem o compre. Principalmente a chaputa. (O barco aliás vinha carregado com aquela qualidade de peixe.)

Por vezes deixamos de ir ao mar quando o preço não compensa. Acho que a Secretaria das Pescas devia tomar mão nisto e estabelecer um preço mínimo na venda do peixe. Barato como está não compensa o nosso trabalho. E o pior é que nem sequer o consumidor aproveita a baixa do preço. Mas os intermediários enchem-se. Saímos ontem às dez da noite e regressámos agora, às sete da tarde. São sempre 18 ou 19 horas a trabalhar quando não chega às vinte e quatro. Vamos para longe a ver se apanhamos alguma coisa. Muitas vezes fazemos cinco horas de caminhar para lá e outras cinco para o regresso. É uma vida dura: sai-se a trabalhar e entra-se a trabalhar. Além disso ainda há o problema dos arrostos que não respeitam o trabalho dos outros. Ainda hoje, um arrastão nos deu



Antigamente, o pescador era obrigado a fazer este trabalho e não recebia um tostão

descreve-nos o que tem sido ultimamente a luta dos pescadores de Peniche e quais os problemas que pretendem ver resolvidos actualmente. A greve de Março último levou a que conseguissem uma melhor remuneração e quinze dias de férias anuais, regalia que pela primeira vez foi alcançada pelos pescadores. Entretanto, o trabalho em terra, fora da actividade da pesca, que não era pago,

que as empresas têm. Relativamente à pesca da sardinha o procedimento é diferente e é o sindicato que controla as despesas da empresa, a qual não pode negar a verificação das contas sempre que lhe sejam pedidas.

Alguns obstáculos

— Pela primeira vez — continua Carlos Cordeiro — os pescadores sentiram que estão igualados a qualquer trabalha-

— Em primeiro lugar precisamos que é necessário instalar câmaras frigoríficas nos principais portos do País e onde os pescadores são mais afectados. Por outro lado estabelecer-se um preço mínimo ao peixe. Deste modo, quando houvesse grande abundância o peixe seria instalado nas câmaras frigoríficas de onde sairia quando houvesse falhas na produção. Isto para não se chegar ao

situação actual tornava-se impossível apanhar muito mais peixe devido às condições de descarga.

— Aqui, o pescador apanha o peixe e faz o serviço de descarregar, chegando a transportar o peixe por terra a mais de trezentos metros. Por vezes levamos 10 e 12 horas para descarregar quando se houvesse outras condições era trabalho para uma hora, hora e meia.

Mesmo assim, Peniche é o porto que apanha mais peixe e o único que trabalha 24 horas por dia. E prossegue o presidente do Sindicato:

— Nos barcos da sardinha trabalham 22 homens. Se tivéssemos um porto devidamente apetrechado e unidades de pesca mais modernas poder-se-ia diminuir a tripulação, tornando mais rentável o trabalho e criando outros postos de trabalho. O que sucede é que as unidades de pesca são as mesmas que as existentes há 30 anos. Apenas são maiores, têm sonda e aladores — que são as máquinas para puxar as redes — mas o sistema de pesca é absolutamente igual ao que se praticava há 50 anos. Entretanto, nos países desenvolvidos o sistema de pescar é completamente diferente, donde resulta um rendimento muito maior.

Criar cooperativas

No prosseguimento da conversa foi abordado o problema da constituição de cooperativas de pescadores, tendo-nos sido informado que se está a formar uma cooperativa, em Peniche, composta por 30 pescadores, financiada pela Secretaria de Estado das Pescas, e que se propõe arrancar para a actividade da pesca artesanal longinqua. Em relação a esta iniciativa o Sindicato procura dar todo o apoio necessário.



A opinião geral é unânime em afirmar que o principal problema é a comercialização do peixe

passou a ser regulamentado: a partir de agora têm no respeitante ao trabalho em terra oito horas de trabalho e uma remuneração diária de 130\$00. Anteriormente, e só para exemplificar a injustiça que se cometia quando o barco ficava em terra, por avaria ou devido ao mau tempo, a companhia era obrigada a fazer as reparações tanto no barco como nas redes sem que o armador pagasse aos homens o esforço dado naqueles dias em que não iam para o mar.

— Agora o pescador sente-se mais seguro — acrescenta Carlos Cordeiro — pois já não há despedimentos sem justa causa. Quanto à pesca artesanal também foram alcançados 15 dias de férias e as oito horas de trabalho em terra a 130\$00 diários. Por outro lado, o pescador recebe 50\$00 por cada celha de aparelho feita, enquanto anteriormente levava meses e meses naquele trabalho sem que o armador lhe pagasse um tostão.

Prosseguindo, Carlos Cordeiro fala-nos do que os pescadores consideram a sua maior vitória: as Comissões de Controlo na pesca artesanal, compostas por quatro homens — um delegado sindical e três pescadores. As referidas comissões têm por função controlar todas as despesas feitas pela empresa e pelo armador. Assim, é a própria comissão que compra todo o material para o barco e o pró-

dor em Portugal. É certo que existem ainda alguns obstáculos, nomeadamente em relação à actuação de alguns mestres que vivem do seu poder e que ainda não se adaptaram ao sistema que estão a viver. No entanto, a situação está a normalizar-se com o apoio dos pescadores, sindicato e delegados sindicais.

Cada traineira possui um delegado sindical e todas as semanas se realizam reuniões no Sindicato com os delegados sindicais para esclarecimento e ainda sobre os acontecimentos verificados durante a semana de trabalho para que os delegados tenham directivas como actuar. O mesmo se verifica com as comissões de controlo da pesca artesanal que reúnem com um técnico da Secretaria de Estado das Pescas, para que os pescadores estejam mais a par do controlo da empresa.

Mas os grandes problemas começam a colocar-se aos pescadores de Peniche e a sua luta ganhou agora um rumo diferente. Carlos Cordeiro explica:

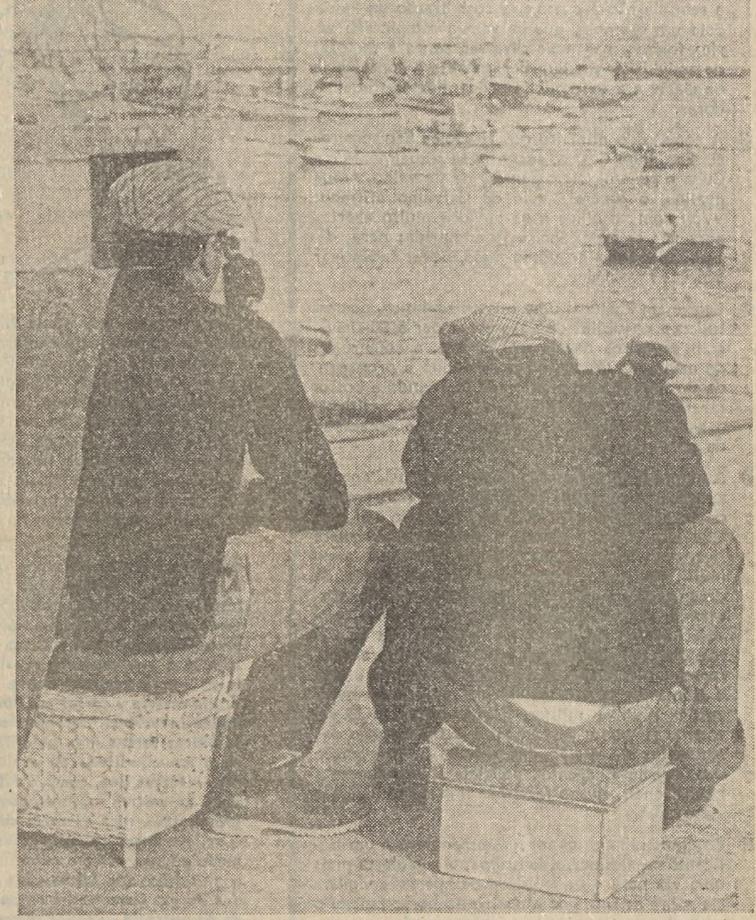
— O que nós estamos a sentir é que somos a única profissão que não pode estar ao lado da produção. Para o consumidor tanto faz que haja muito ou pouco peixe. Chegamos a vender peixe a \$40 o quilo e a vinte quilómetros de Peniche ele é vendido ao consumidor a 10500. E dou-lhe outro exemplo.

Ainda há pouco tempo vendemos sardinha a \$80 o quilo

ponto de os pescadores preferirem não ir para o mar pois não compensa o seu trabalho e para que não sejam os intermediários a ter as câmaras frigoríficas e a estabelecerem o preço aos consumidores.



O porto de Peniche precisa de ser ampliado. A aglomeração de barcos não permite um trabalho em condições



A espera, antes de partir para o mar

a \$40 o quilo, o que não dá para a despesa do barco e muito menos para pagar o pessoal. Mas isso não impede que o mesmo peixe não venha a ser vendido mais tarde,

muitas vezes não longe de Peniche, a preços exorbitantes. Quem ganha é o intermediário que se enche à custa do trabalho dos pescadores.

Na opinião da maior parte dos pescadores devia-se construir câmaras frigoríficas, por parte do Estado ou de cooperativas, ao mesmo tempo que se estabelecia um preço mínimo para o pescado. Assim, nas épocas de fartura, o peixe seria ali armazenado, e quando houvesse falta, seria então vendido. O que sucede é que quem possui presentemente as câmaras frigoríficas são precisamente os intermediários e utilizam-nas para con-

Peniche, num mercado ambulante que fica a 50 metros da doca, a sardinha é vendida a 10500 e mesmo a 15500.

E continua Armando Fernandes:

— Nestes dois dias não fizemos dinheiro nem para pagar o gasóleo. Admitte-se que um barco chegue cheio de peixe para fazer sete ou oito contos.

Por vezes os pescadores limitam-se a deitar o peixe apanhado a água pois nem sequer a fábrica de guano está na disposição de comprar o produto. Enquanto isto sucede largas zonas do País não comem peixe ou só raramente têm acesso àquele alimento.

Na lota o último peixe apanhado naquele dia estava a ser vendido. Os compradores não eram muitos e demonstravam pouco interesse. Assim, naquele dia a chaputa era vendida a 2550 o quilo. A como estaria no mercado quando o consumidor a quisesse comprar? Pescada a 61\$00, Pargo a 82\$00. Saffio grande a 40\$00 e saffio pequeno a 20\$00. Cherne a 70\$00. Goraz a 48\$00. Resta dizer que estas qualidades de peixe aparecem em menor quantidade pelo que o seu preço é mais elevado. Quanto à chaputa que aparecia na lota com grande abundância não despertava qualquer interesse e o preço estava tremendamente baixo. Explicaram-nos que antigamente esta qualidade de peixe era exportada para Espanha onde é aproveitada para conserva mas que por razões que os pescadores desconhecem a exportação deixou de se fazer, embora, segundo parece, não tenha sido aquele país a cortar a nossa exportação de peixe. Isto dizem os pescadores.

Uma traineira acabou de encostar à muralha. Os cabazes saltavam já de mão em mão. Numa pausa falámos com João António, da pesca artesanal, que nos afirmou:

um prejuízo de quase dois contos, sem contar com o peixe que lá estaria, ao estragarmos os aparelhos que tínhamos lançado.

Mas a unidade dos pescadores de Peniche é grande, pois sabem que só assim poderão combater e vencer quem os procura explorar. A prova dessa unidade revelou-se ainda há pouco tempo quando os amadores numa manobra divisionista pretendiam retirar algumas regalias aos motoristas das traineiras e aos ajudantes. Sucede que os armadores pretendiam, ao contrário do que está estabelecido, que o subsídio de doença revertesse a seu favor em vez de ser dividido pelo ajudante e pelo motorista, no caso de um destes estar e como sempre tem sido feito, bem pretendiam suprimir a garantia mínima que é de 1500\$00 e 2500\$00 respectivamente para o ajudante e para o motorista, no caso de o barco estar parado. A atitude dos armadores baseava-se um pouco numa certa rivalidade que existe entre os pescadores e os motoristas, tanto mais que têm sindicatos separados.

Mas os trabalhadores não se deixaram levar pelas manobras divisionistas e os pescadores apoiaram a luta dos motoristas que ao fim de três dias de greve viram satisfiças as suas reivindicações, o que só vem demonstrar que a unidade dos trabalhadores é o caminho certo para a vitória.

Mas o tema geral das conversas é o problema da comercialização do peixe que afaste definitivamente os intermediários parasitas e que satisfaça realmente os interesses dos pescadores e também do consumidor. Enquanto isto não suceder o trabalho ingrato da pesca será ainda mais ingrato na medida em que os pescadores se sentem desprotegidos relativamente a uma mais dízia de exploradores.

informação

A chantagem do mundo capitalista

O tradicionalmente chamado «mundo livre» manifestou recentemente, mais uma vez, através de uma das suas organizações internacionais mais representativas, o carácter ambíguo e falso do seu conceito de liberdade. Num momento em que forças políticas internas, objectivamente fazendo o jogo da reacção, tentavam jogar mais uma cartada no sentido de fazer recuar decididamente o processo revolucionário em curso no nosso país, o Conselho Europeu decidiu que a CEE só deverá conceder auxílio financeiro a Portugal, sob a condição de vigorar no nosso país o que a CEE entende por «um regime democrático pluralista». A Dinamarca, a Grã-Bretanha e a Holanda foram de opinião que a Comunidade deveria prestar sem demora a assistência teoricamente prevista a Portugal, para evitar que nos «desviássemos» para caminhos alheios aos seus interesses. A França e seus parceiros opuseram-se a qualquer auxílio financeiro imediato a Portugal. O Governo de Bona continua a reafirmar a sua determina-



ção em outorgar uma ajuda financeira de cerca de 209 milhões de contos, acrescentando entretanto um «mas» — a «esperança» de que em Portugal se desenvolva um «processo democrático». Divergindo embora na definição do caminho mais adequado (em sua opinião) para impor ao nosso povo rumos que lhe são alheios, o capitalismo europeu, e não só, congrega esforços para a batalha pela sufocação da verdadeira liberdade nascente em Portugal, uma liberdade que não lhe interessa, naturalmente, pois põe em causa os amplos privilégios de desenfreada exploração, de que sempre gozou no nosso país.

Enquanto o cerco económico a Portugal, por parte das forças e dos governos que vivem e se apoiam na exploração do homem pelo homem, se desenha de uma forma muito nítida, políticos e «teóricos» defensores dessa mesma exploração, desenvolvem as suas teorias pretensamente justificativas desse cerco efectivo que se está a estabelecer à revolução portuguesa. A tónica recai invariavelmente sobre os «perigos» que a democracia estaria a correr em Portugal. De uma forma igualmente invariável, chovem decisões e apelos para apoio às únicas forças que, na opinião destes senhores, estariam em condições de «salvar» Portugal da «ditadura» — forças que, como é evidente não são nem o MFA nem as outras organizações consequentemente progressistas — mas as centradas em volta do PS. Assim, o sr. Kissinger permite-se afirmar, ignorando a incómoda aliança entre o povo e o MFA que, no nosso país «as decisões são feitas cada vez mais pelo Movimento das Forças Armadas, que tem a sua própria definição de democracia — que é diferente da definição que tem sido historicamente aceite». Devendo nós entender que a definição de democracia aceite pela história é a defendida pelo sr. Kissinger, ou seja, a que se pode enquadrar de uma forma mais ou menos inócuca numa sociedade baseada na exploração das massas trabalhadoras. Por seu lado, o «New York Times», que em editorial aconselha a CEE a condicionar os seus empréstimos ao nosso país «à situação de liberdade» que aqui se respire — conselho manifestamente inútil, como a prática o está a provar —, acentua: «Os Estados Unidos e os seus aliados na NATO, precisam tornar claro a Moscovo que a União Soviética será considerada responsável, se os comunistas continuarem a seguir o caminho que trilham agora em Portugal, e que as democracias do Ocidente não podem aceitar a imposição, pela força ou subversão, do comunismo nesse país.» Estranha «análise!» As pressões, as descaradas ingerências nos problemas internos do nosso país, não têm vindo, como todos sabemos, dos países socialistas. Muito pelo contrário. É do mundo capitalista, habituado nos tempos do fascismo a explorar livremente as nossas riquezas e o trabalho do nosso povo (não se falava então da falta de liberdades e da existência de uma ditadura terrorista em Portugal), que têm surgido os gestos de inamistividade e de chantagem, as tentativas de imposição de uma situação política que se opõe aos verdadeiros interesses do povo português. Entretanto, a Internacional Socialista toma posição. Uma posição digna de si: «Somente através do socialismo democrático pode Portugal evitar três perigos: um golpe de direita, uma ditadura comunista ou uma ditadura militar», afirma, para concluir que a situação no nosso país «tem reflexos em toda a Europa» e que «a deterioração das condições para uma democracia em Portugal é, desta forma, um obstáculo à «détende» e ao diálogo na Europa». Tudo isto no meio de apelos os partidos seus membros para que apoiem o PS (em particular os partidos socialistas que se encontram no Governo) e inserido numa análise em que a saída do PS do Governo é apontada como um reflexo de uma crise em que «os acontecimentos ameaçam a evolução democrática em Portugal» — não se podendo tirar daqui a ilação de que a Internacional Socialista estivesse a alertar para os perigos da ofensiva reaccionária... O documento da Internacional Socialista aponta aliás, para um tipo de chantagem particularmente grave (que não é inédito). Já não se trata só de tentativas de ingerência no processo revolucionário que vivemos em Portugal. Trata-se de utilizar a situação política no nosso país — demagogicamente apontada como um «perigo» para a Europa — para levantar no-

vas dificuldades ao estabelecimento de condições para uma paz estável na Europa.

O cerco empreendido na prática pelo mundo capitalista à revolução portuguesa, as múltiplas formas de chantagem a que se tem recorrido, não alcançarão o seu objectivo. A reacção — quer a nível interno, quer a nível internacional — peca sempre por um defeito determinante nas suas análises e cálculos — a subestimação da força da vontade popular, do poder da determinação das massas quando defendem os seus próprios interesses, quando defendem o seu direito ao futuro e à liberdade.

Situação explosiva em Angola

Mais uma vez a escalada da reacção coincidiu em Angola e Portugal. Mais uma vez, a reacção não passou. «As Forças Armadas do Movimento Popular de Libertação de Angola controlam a situação do país — declarou o camarada Agostinho Neto. «O MPLA — acrescentou — goza do pleno apoio do povo em todas as regiões angolanas.» Em Angola controlam a situação do país — declarou o camarada Agostinho Neto. Angola é quase um continente — um rico continente — em que está em jogo uma intrincada teia de interesses imperialistas. Essa teia tem, como sempre, os seus defensores dentro do país. Defensores que se autodenominam de forças de libertação, defensores que dizem agir em nome dos interesses do povo angolano — o que em nada invalida a sua qualidade de ponta de lança do neocolonialismo no coração de Angola. «Toda a gente deve compreender que as forças revolucionárias têm dificuldades em entender-se com os reaccionários — afirmou justamente o camarada Agostinho Neto. — Tudo o que fizemos até aqui para acalmar a situação e estabelecer a paz em Angola foi rejeitado pela direcção da FNLA.» É sobre a muito contingente unidade — a toda a hora desmentida pela prática — de forças que defendem interesses radicalmente opostos, que se pretende acentuar a estrutura de um país novo. Esse o nó do problema. Sem a sua solução, não será possível dar passos em frente.

O agudizar da crise política em Angola e a significativa vitória do MPLA em Luanda permitiram uma maior clarificação dos meandros da situação política angolana. As forças da reacção mostraram dum forma mais clara o seu carácter contra-revolucionário, têm hoje mais dificuldade em aparecer como uma das forças libertadoras, empenhadas na independência e no progresso de Angola, ainda que defendendo vias não coincidentes. Torna-se cada vez mais evidente o seu intuito de criar condições que surjam como justificativas de uma intervenção externa. Os ataques ao MFA, às forças progressistas portuguesas, aos órgãos de Poder do nosso País multiplicam-se. O Estado português é acusado de neocolonialista, numa utilização da velhíssima tática de atribuir a outrem as suas próprias pechas, antes que a verdade dos factos possa ser esclarecida. Há mesmo actos de agressão às Forças Armadas portuguesas, nomeadamente o alvejamento de aviões militares. E outras ameaças ainda mais graves.

Angola está a poucos meses da declaração de independência. É fundamental que nesse dia se possa festejar uma independência de facto, não a submissão a uma qualquer forma de neocolonialismo comandado do mundo imperialista por mão de agentes seus no interior. As recentes vitórias do MPLA, a determinação e implantação de massas mais uma vez demonstrada, a vontade de paz e de liberdade do povo angolano, dão-nos razões de confiança quanto ao futuro do grande país que em breve será Angola.

Um acordo do cessar-fogo contribuiu, agora, para que a vida em Luanda se tenha normalizado. Mas os factos demonstram que em Angola as forças da reacção não respeitam acordos de qualquer tipo.

Os jornais que a TAP oferece aos passageiros

Antes do 25 de Abril, os postos-chave da TAP estavam quase todos nas mãos de fascistas. O saneamento esbarrou depois com muitas resistências. Tantas que só recentemente, para darmos um exemplo, foi afastado o director para a América Latina, Joaquim de Carvalho, um indivíduo que até a Imprensa brasileira vinha denunciando pelas suas escandalosas negociatas e pelas ligações que mantinha com os sectores mais reaccionários da colónia portuguesa e com personalidades da ultradireita brasileira.

Mas há ainda muita coisa a fazer na TAP em matéria de saneamento. Os trechos que, a seguir, transcrevemos, extraídos de uma carta enviada ao «Avante!» são elucidativos a esse respeito: «Viajo muito de avião, mas raramente encontro um conjunto de jornais e revistas tão reaccionário como o que me foi oferecido no voo da TAP Rio-Lisboa do dia 10. Não havia a bordo um único jornal progressista. As hospedeiras deram-me a escolher entre «Le Figaro», o «Daily Telegraph», o «Herald Tribune» e o «Jornal do Brasil». Todos eles publicavam artigos e notícias recheados de ataques e calúnias contra a Revolução Portuguesa. Quanto a revistas, além da tradicional «Time», dispunham do semanário alemão «Stern», especializado em temas pornográficos. O único diário português que pude obter foi o «Jornal do Comércio». Perguntei se tinham o «Avante!» ou o «Sempere Fixe» e responderam-me que «não costumamos trazer esses jornais». Resta-me acrescentar que a maioria dos passageiros só entendia português.»

A carta dispensa comentários. Os responsáveis pela selecção de publicações da TAP continuam, como os factos demonstram, a adoptar métodos de trabalho anteriores ao 25 de Abril. Seria difícil escolher 4 publicações mais empenhadas na campanha de calúnias contra Portugal do que «Le Figaro», o «Herald Tribune», o «Daily Telegraph» e o «Jornal do Brasil». Um por país... Para cúmulo, num avião português, de uma companhia nacionalizada, numa linha onde os passageiros são quase todos portugueses e brasileiros, não havia um só dos grandes diários portugueses. Para não falarmos já da exclusão do «Avante!» e do que ela revela.

Com tais jornais, que imagem da Revolução Portuguesa pretende a TAP oferecer aos seus passageiros da linha da América do Sul?

A reacção tenta sabotar a reforma agrária

O Gabinete do ministro da Agricultura e Pescas emitiu um importante comunicado, em que são denunciadas tentativas de sabotar e levantar os mais diversos entra-

ves à concretização prática da Reforma Agrária, justamente considerada elemento essencial num processo político que, como o que hoje se vive em Portugal, visa atingir a sociedade socialista.

Destacamos alguns extractos deste documento, em que ressaltam particularmente a forma clara como são definidas e enquadradas as manobras dos latifundiários nos campos, manobras que têm mesmo atingido foros de provocação e de agressão física.

A clarificação dos objectivos do processo político iniciado em 25 de Abril de 1974 determina, por si só, que as contradições entre classes antagónicas se agudizem, implicando, necessariamente, situações de rotura que só pela própria dinâmica do mesmo processo irão sendo ultrapassadas.

O documento do Ministério da Agricultura prossegue a caracterização do actual momento político, salientando em particular a agudização política que se verifica no momento actual, resultante inevitável do confronto entre as forças seriamente empenhadas no avanço do processo revolucionário e os defensores da minoria de exploradores outrora detentores do poder, apontando depois para a questão específica da Reforma Agrária e a denúncia, no concreto, das actividades reaccionárias da ALA e da APA — associações que defendem os interesses dos grandes agrários.

«Organizando-se numa associação ao mesmo tempo denominada por Associação Livre de Agricultores (ALA), os grandes latifundiários tentaram, em vão, impedir o avanço das forças populares, num esforço para manter os seus privilégios.

«Esta Associação, formalmente pouco actuando após 11 de Março, possibilitou, no entanto, uma subversão constante, só não mais visível pela determinação dos trabalhadores rurais e pequenos agricultores. O momento político actual, caracterizado por uma clarificação das posições de classe, em que as forças conservadoras e reaccionárias se empenham na intensão da evolução do processo revolucionário, difamando o MFA, forças políticas consequentes organizações de classe, abriu caminho a uma nova posição de força por parte dos grandes agrários, tanto mais compreensível quanto se atender a proximidade com que as leis reguladoras da reforma agrária irão ser publicadas.

«As constantes reuniões efectuadas pelos mesmos, ultimamente já não com características de clandestinidade como outras anteriores, as posições públicas assumidas na Imprensa regional, mais facilmente controlável, e, em que se revelam bem as intenções confusionalistas identificando, por vezes, reforma agrária com formação de «apertados quintais», como se pode ler nos últimos números do jornal «Linhas de Elvas» — as provocações constantes e a todos os níveis, as manobras divisionistas junto dos trabalhadores, inclusivamente com oferecimento de heranças abrangidas, certamente, pelas leis de Reforma Agrária, a sabotagem económica, a nomeação de comissões de trabalhadores de sua confiança, são, entre outros sintomas, claros da sua disposição em não perder os privilégios a que secularmente se habituaram.

«É neste contexto que se formaliza uma nova associação (não já a ALA) mas agora a APA (Associação de Produtores Agrícolas) que, integrando as mesmas forças se insurge as mesmas forças, se insurge contra a reforma agrária que visa satisfazer os direitos dos trabalhadores rurais e pequenos agricultores, apresentando inclusivamente «cadernos reivindicativos» em que, contraditoriamente, apelidam de contra-revolucionários os trabalhadores rurais e afirmam paralelamente a sua intenção de formação de «grupos de agricultores», autênticas milícias armadas de pseudo-autodefesa visando a desocupação de propriedades, algumas com intervenção estatal e a intimação física dos trabalhadores.

Foi com pretexto da entrega de um desses cadernos reivindicativos que, no passado dia 14, se verificou o agrário e seus lacaios (cerca de 260), à semelhança do já verificado junto dos Centros de Reforma Agrária de Évora e Beja, e com representantes de todos os concelhos do distrito e alguns dos de Évora e Beja, o que demonstra uma verdadeira orquestração, ocupou o Centro de Reforma Agrária do Distrito de Portalegre, em Elvas, impondo uma reunião com o director do mesmo.»



Como todas as medidas verdadeiramente revolucionárias que, por o serem, põem em causa os privilégios do punhado de monopolistas e latifundiários que dominava a nossa terra, a Reforma Agrária será, e já o está a ser, violentamente atacada pelos que vêm os seus privilégios ameaçados. Como todas as medidas verdadeiramente revolucionárias, que correspondem aos justos anseios das massas populares e, paralelamente, às necessidades de um processo revolucionário que aponta decididamente para o socialismo, a Reforma Agrária terá de ser firmemente defendida pelos que dela beneficiam — os assalariados agrícolas, que têm vindo a dar sobejas provas da sua determinação em não ceder às provocações dos latifundiários, e os pequenos camponeses. Terá que ser igualmente defendida pelos órgãos de um poder interessado e empenhado no processo revolucionário. Medidas como a expropriação automática, total e sem indemnizações de todos os agrários que recorram a uma oposição armada à concretização da Reforma Agrária constituem, tal como o documento dimanado do Ministério da Agricultura, medidas positivas e coerentes na necessária defesa da concretização da Reforma Agrária.

informação

Em 12 de Agosto cumpre 17 anos de prisão o camarada António Maidana, presidente do Partido Comunista do Paraguai, juntamente com os camaradas Julio Rojas e Alfredo Alcorta, membros do Comité Central. Para além das centenas de presos políticos que desfilam constantemente pelos departamentos de investigação e pelos comissariados, em particular camponeses, que são retidos na prisão de seis meses a um ano, torturados e humilhados pela polícia do Paraguai, há muitos outros presos com 3, 5, 8, 10, 12 e mesmo 16 anos de prisão. A solidariedade internacional é um factor importante na luta pela sua libertação. Impõe-se activá-la em Portugal.

Catorze países latino-americanos pediram a convocação de uma reunião do Conselho Permanente da OEA (Organização de Estados Americanos), que se realizará na próxima semana, onde será apresentado um projecto de resolução que dará aos países da OEA plena liberdade para o estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas com Cuba. Trata-se de mais uma importante derrota do imperialismo americano, que durante anos impôs um bloqueio económico de toda a América à República de Cuba.

Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe passaram a fazer parte da Organização de Unidade Africana (OUA).

O Movimento para a Paz e Soberania dos Povos, num apelo à opinião pública mundial, denuncia o delicado estado de saúde em que se encontra o camarada Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista Chileno, e exige garantias para a sua vida.

O primeiro Governo de Cabo Verde prestou juramento perante o presidente da República. O primeiro-ministro, camarada Pedro Pires, no discurso proferido na cerimónia de posse, destacou a importância de assegurar rapidamente a independência económica, num país votado até agora à fome e à emigração.

Vinte e um oficiais foram a Tribunal Militar por participação numa tentativa de derrubar o actual Governo grego, num esforço de retorno ao fascismo.

A inflação na Grã-Bretanha cifra-se, actualmente, entre 26 e 32 por cento — o número mais elevado entre os países industriais do Ocidente. O desemprego sobe em flecha, sendo de temer que se venha a agravar sensivelmente num curto espaço de tempo.

Como consequência da crise económica do mundo capitalista, o ano de 1974 foi particularmente mau para o turismo. Portugal e a Grécia foram dos países mais atingidos. A crise económica aliou-se a propaganda reaccionária, a sistemática política de desinformação dos órgãos de informação dos países capitalistas.

A produção industrial da União Soviética registou no primeiro semestre de 1975 um aumento de 7,7 por cento em relação a 1974 — conforme anunciou o jornal soviético «Izvestia». Este número representa um aumento de um por cento em relação à taxa de crescimento prevista para este ano. Em toda a Europa Ocidental regista-se uma baixa sensível de produção industrial.

O Exército americano admitiu oficialmente que cerca de 1500 soldados e civis tinham sido submetidos a experiências com LSD, para estudo do efeito desta droga sobre o homem.

O Banco Central chileno anunciou mais uma desvalorização do escudo, passando de 5800 para 6000 escudos por cada dólar, no câmbio financeiro, e de 5300 para 5500 escudos por cada dólar, no câmbio comercial. É a 14.ª desvalorização do escudo chileno este ano e a segunda este mês.

«Na sua tentativa de institucionalizar o regime fascista, os militares brasileiros no Poder tentam por todos os meios isolar o Partido Comunista e demais forças progressistas desse país» — afirma-se numa declaração do Partido Comunista de Cuba de solidariedade com o Partido Comunista Brasileiro. «O povo brasileiro não se manteve impassível com esta situação, respondeu por todos os meios ao seu alcance e luta para derrotar o vergonhoso e criminoso regime militar fascista que o oprime.»

O Governo brasileiro possuirá, em breve, uma empresa de Estado para fabricação de armamentos utilizando tecnologia estrangeira. Esta empresa de Estado controlará outras oito fábricas das forças terrestres brasileiras e quatro arsenais localizados em diversos pontos do país. São dadas facilidades a empresas estrangeiras de armamento que se queiram instalar no país e exportar depois uma parte da sua produção. Por outro lado, o Governo brasileiro assinou em Junho, com a RFA, um acordo para aquisição de tecnologia nuclear. Estes alguns dados que revelam o reforço da indústria de guerra num país conhecido pelo seu carácter agressivo e pela sua política imperialista na América Latina.

A República Democrática do Vietnam e o Vietnam do Sul, hoje livre, pediram a sua admissão na ONU.

Mais de 87 000 mulheres foram incorporadas nos diversos sectores produtivos de Cuba durante o primeiro semestre deste ano — informa o diário cubano «Gramma», órgão central do Partido Comunista Cubano, que recorda que 13 400 mulheres começaram este semestre a trabalhar em tarefas produtivas dirigidas pelo Instituto Nacional da Reforma Agrária.

Conforme foi oficialmente anunciado, o sector público mexicano reduzirá as suas importações em 40 por cento. Assim, passar-se-á a importar exclusivamente os materiais necessários para fins industriais ou o que corresponda à satisfação de necessidades urgentes, tais como as de alimentos.

Foi pedido o processo criminal do ex-ministro argentino do Bem-Estar Social, Lopez Rega, por um advogado que o acusa de estar implicado na organização terrorista Aliança Anticomunista Argentina (AAA).

Ricardo Alarcón, representante permanente de Cuba nas Nações Unidas, pediu a adopção de medidas energéticas contra a Junta fascista do Chile e a aprovação de medidas visando auxiliar o povo chileno na sua luta.

Lá como cá

A reacção peruana atacou novamente. Em vários pontos do Sul do País registaram-se incidentes provocados por elementos contra-revolucionários. Posteriormente, a Federação Regional dos Trabalhadores de Arequipa decretou uma greve de 48 horas e apresentou ao Governo uma série de reivindicações salariais.

O Governo do general Velasco Alvarado decretou o estado de sítio no Departamento de Arequipa e o estado de emergência nos Departamentos de Moquegua, Puno e Tacna, próximo das fronteiras do Chile e da Bolívia. «Os acontecimentos registados em Arequipa — segundo uma nota oficial — são ocasionados por agitadores que em determinados momentos se movem em distintos pontos do país com o objectivo de alterar a ordem revolucionária e criar problemas ao Governo.» Esclarece-se ainda que muitas das reivindicações apresentadas pelos trabalhadores são justas, mas «impossíveis de atender na sua totalidade» porque se tal ocorresse «precipitariam o país numa crise económica insuperável.»

A reacção peruana imitou sempre os métodos da reacção chilena. Mas tem sofrido sucessivas derrotas. Não é por acaso que a sua actual ofensiva se verifica mais uma vez na região de Arequipa e nos departamentos da fronteira chilena e boliviana. Arequipa — a segunda cidade



de do país — é o maior baluarte da reacção. Foi aí que em 1973 se verificaram graves distúrbios provocados por proprietários que se opunham ao avanço da Reforma Agrária e que se estenderam depois a Cuzco, Puno e Ayacucho. Agitadores da APRA — o partido pró-imperialista de Haya de la Torre — e elementos da CIA infiltrados em grupos ultra-esquerdistas aliciaram pequenos e médios proprietários, desencadeando acções de violência que culminaram numa contestação frontal do projecto revolucionário. No Cuzco até os arquivos da Reforma Agrária foram incendiados.

Agora é novamente a APRA quem comanda a ofensiva, contando outra vez com a ajuda de inexpressivos grupelhos pseudo-revolucionários. Empolando as reivindicações dos trabalhadores, a APRA procura criar condições para um clima de paralisações à escala nacional que provocaria uma crise económica gravíssima facilmente explorável pela direita. Tudo isto acontece num momento em que o Governo estava discutindo o próximo aumento do salário mínimo e acabava de tomar a decisão revolucionária de transferir para o sector da propriedade social os grandes complexos agro-industriais da Costa onde a formação de cooperativas autogestionárias prejudicaria todo o desenvolvimento da Reforma Agrária.

No Peru as conquistas revolucionárias têm sido acompanhadas por inegáveis êxitos económicos. Para chileneizar o país, como pretende, a reacção precisa provocar o caos económico. Ora o produto nacional bruto cresce a uma média anual superior a 5 por cento. A actual ofensiva da APRA tem objectivos claramente contra-revolucionários. E, como sempre, o partido de Haya obteve o apoio de grupos marginais da ultra-esquerda a cujas palavras de ordem certos trabalhadores são mais sensíveis. «A tática que esta aliança utiliza — salienta «La Cronica», de Lima — é muito clara. Pretende criar um clima de crise político-social que desmobilize as atenções e consuma as energias do Governo revolucionário em negociações com grupos distintos, vindo-se deste modo obrigado a protelar decisões de grande importância.»

Lá como cá...

Declaração de unidade e luta dos 24 Partidos Comunistas da América Latina

Em Havana realizou-se em Junho uma Conferência de significado histórico em que participaram os 24 Partidos Comunistas da América Latina e das Antilhas. A Declaração divulgada no final dos trabalhos — um extenso documento que ocupa quatro páginas compactas do «Gramma» — principia com uma análise do quadro socio-económico em que o imperialismo, após a Revolução da Independência, no início do século XIX, estabeleceu o seu domínio sobre toda a América Latina. Salientando que os povos latino-americanos nunca deixaram de combater contra a apropriação crescente das suas riquezas pelo imperialismo americano e contra a brutal opressão a que este, aliado às oligarquias locais os submete, a Declaração sintetiza momentos importantes da luta revolucionária em curso, realça as grandes conquistas realizadas pelos povos do Peru e do Panamá, condena com veemência as ditaduras fascistas do Chile, do Brasil, do Uruguai e da Bolívia e contém um apelo à unidade de todas as forças democráticas e progressistas da América Latina. As extraordinárias vitórias da Revolução Cubana merecem uma atenção particular. «Conforme proclamou o camarada Fidel Castro — sublinha-se — foram a existência do primeiro Estado socialista e a política firme do Partido Comunista da União Soviética que tornaram possível, com a solidariedade e a ajuda directa às claras posições ideológicas e políticas cubanas, que a pequena Cuba, disposta inclusivamente a perecer na sua determinação de obter

a independência nacional e realizar o socialismo, emergisse vitoriosa em face das forças aparentemente todopoderosas do ameaçante e agressivo vizinho imperialista. (...) A Força da União Soviética e dos demais países socialistas, força que será ainda mais decisiva na medida em que se eliminem as divisões no movimento comunista internacional, constitui para os povos da América Latina, como parte do vasto conjunto que hoje forma o mundo que emerge do neocolonialismo para o desenvolvimento, uma firme garantia no meio da sua difícil e desigual batalha pela plena libertação.»

O problema das formas de luta revolucionária é tratado em várias passagens da Declaração. E, pela primeira vez, num documento conjunto de todos os Partidos Comunistas latino-americanos o ultra-esquerdismo é alvo de duras e unânimes críticas, sendo dada total prioridade à luta de massas. «O socialismo — afirmam os 23 Partidos — é o nosso objectivo irrenunciável. No entanto, nós, comunistas, compreendemos que o socialismo só se converterá num programa de realização imediata no conjunto dos países da América Latina através de um período de intensas lutas e transformações radicais, de experiências directas dos trabalhadores e de luta ideológica consequente e tenaz de todos os que aspiram ao socialismo, a fim de vencer as deformações ideológicas e as confusões que os meios de comunicação e educação, dominados pelo imperialismo e as oligarquias, introduziram nos sectores das forças populares latino-americanas. (...) A classe operária melhora a sua organização e projecta-se como a força social capaz de determinar o quadro político nos diferentes países da América Latina. O proletariado tende também a converter-se no factor aglutinante principal dos demais sectores sociais democráticos e anti-imperialistas.»

«A experiência das eleições que levaram ao governo os partidos da Unidade Popular no Chile demonstra que as formas democráticas podem ser desenvolvidas pela classe operária e o povo. E confirma também o desprezo total do imperialismo e da oligarquia pela vontade democrática dos povos.»

Vários parágrafos da Declaração são dedicados ao esquerdismo e ao sectarismo: «Os Partidos Comunistas não calam as suas divergências com essas correntes, mas estabelecem diferenças entre essas posições erróneas e as atitudes aventureiras que condenam. Não é concebível uma esquerda anticomunista ou anti-soviética e, dentro deste critério, os comunistas trabalham pelo isolamento daqueles que adoptam semelhante atitudes. A polémica entre forças da esquerda deve partir sempre de posições de unidade e servir a unidade na base dos princípios e propósitos comuns e das táticas adequadas às circunstâncias e condições em que se trava a luta comum.»

A Revolução Portuguesa é saudada com entusiasmo pelos 24 Partidos. «A crise do sistema colonial português — salienta a Declaração — promovida pela heroica resistência dos povos por ele oprimidos, conjuntamente com a não menos heroica luta da classe operária e do povo de Portugal, levou ao derrube da ditadura fascista pelo Movimento das Forças Armadas, o que constitui igualmente uma nova e importante expressão da actual correlação de forças, favorável à luta dos povos pela democracia, o socialismo e a paz.»

O dia 25 de Abril assinalou o auge de uma prolongada luta do povo português em que a classe operária e seu Partido Comunista estiveram na primeira linha. O processo que liquidou a velha tirania fascista sustentada pelo imperialismo internacional criou as premissas para a arrancada de Portugal em direcção ao socialismo na base da unidade do MFA com as organizações populares. A solidariedade com o novo Portugal é dever de todas as forças revolucionárias e democráticas do Mundo.»

O documento termina com um vibrante apelo à unidade: «Temos o dever de tornar cada vez mais correctas a nossa estratégia e a nossa tática para encurtarmos o caminho em direcção ao destino histórico da América Latina. Nessa via os Partidos Comunistas da América Latina e das Antilhas exprimem a sua firme vontade de lutar decididamente pela futura integração económica e pela unidade política dos nossos países, que estão destinados a constituir uma grande comunidade — o nosso sonho dos pioneiros heróicos da nossa independência, hoje condição indispensável de sobrevivência e desenvolvimento — que, pelos seus enormes recursos naturais, pela inteligência e espírito laborioso dos seus povos, terá de ocupar um lugar digno e honroso no mundo de amanhã. Só os comunistas poderão realizar um dia essa grande tarefa histórica.»

A política universitária de Franco

No próximo ano escolar, os estudantes espanhóis ficarão sujeitos a expulsão sumária, sempre que o governo entenda que causavam «perturbações» na Universidade. A nova lei agora divulgada cria comissões disciplinares especiais, presididas por reitores de universidades, com o poder de expulsarem estudantes, sem qualquer espécie de formalidade. Isto, num momento em que estudantes e professores espanhóis têm conduzido uma luta persistente por uma reforma do ensino, que se mantém em moldes profundamente reaccionários; num momento em que a presença de fortes destacamentos da Polícia nas universidades, em particular nos grandes centros de Madrid e de Barcelona, faz parte do dia-a-dia.

A nova lei publicada pelo governo de Franco em relação aos estudantes espanhóis é um exemplo concludente do carácter cinicamente demagógico das declarações oficiais de «liberalização» do regime, que entretanto continuam a ser periodicamente proferidas.

O anticomunismo na República Dominicana

Numa entrevista à agência Prensa Latina, o secretário-geral do Partido Comunista Dominicano (PCD), camarada Narciso Isa Conde, destacou a grande importância da Declaração divulgada pelos 24 Partidos Comunistas da América Latina como guia para a acção das forças revolucionárias mais consequentes do Continente americano.

Isa Conde salientou que na República Dominicana, por exemplo, uma parte das forças ditas de esquerda assumiu um comportamento negativo no tocante à política de alianças face ao regime reaccionário de Joaquín Balaguer. Lembrou, concretamente, que forças esquerdistas tentaram unir-se aos sectores da extrema-direita que se opõem a Balaguer. «Entendemos — declarou — que o problema deve ser colocado fundamentalmente na sua dimensão social e que a unidade das forças revolucionárias e das

forças democráticas anti-imperialistas deve realizar-se em bases bem definidas.» Depois de reafirmar o seu apoio a medidas que restrinjam a importação de artigos de luxo, o camarada Isa Conde condenou a política de repressão governamental desencadeada a pretexto da entrada no país de três ex-guerrilheiros relacionando a escalada de terror policial com tentativas para dificultar a normalização de relações com Cuba. Defendeu também calorosamente uma política externa de independência e a abertura de relações comerciais com os países socialistas.

O anticomunismo foi sempre, também na América Latina, uma arma da reacção. É significativo que na República Dominicana grupos que pretendem ser revolucionários se unam à direita fascista para combater o regime de Balaguer. Enquanto na pequena República das Caraíbas se forma uma vasta frente de forças anti-imperialistas e democráticas para lutar contra o regime corrupto de Joaquín Balaguer, submetido às ordens de Washington, há elementos esquerdistas que rejeitam a aliança natural e preferem alinhar com a ultradireita numa aliança degradante. Balaguer e o imperialismo são os grandes beneficiários dessa escolha absurda.

Encontro no espaço

A histórica ligação da Soyuz com a Apolo foi realizada dois dias depois dos lançamentos, do cosmódromo de Baikonur e de Cabo Canaveral, respectivamente. As naves espaciais soviética e americana mantiveram-se unidas cerca de 44 horas. Após dois dias de voo em conjunto, separaram-se durante cerca de meia hora para voltar a unir-se antes da sua definitiva separação. Durante todo o período de voo — para além das experiências feitas em comum pelos astronautas americanos e soviéticos — foram permanentemente permutados dados científicos. As comunicações do espaço eram traduzidas instantaneamente. Estes os dados de síntese de uma experiência inédita, em que pela primeira vez exploradores do espaço americanos e soviéticos conjugaram os seus esforços num campo particularmente importante da investigação científica.

O voo conjunto da Apolo e da Soyuz foi o 55.º voo espacial tripulado por equipas humanas, desde que em 12 de Abril de 1961 o camarada Yuri Gagarine subiu no espaço. Gagarine, o primeiro homem a participar na empolgante experiência da descoberta do mundo extraterrestre. Hoje, muitos e importantes passos foram dados neste domínio. Enquanto a Soyuz e a Apolo viajavam acopladas, outros astronautas soviéticos — os tripulantes da Soyuz-18 — continuavam a sua viagem pelo espaço, uma viagem que se prolonga desde 26 de Maio.

Comentando a experiência realizada, o «Pravda», órgão do Partido Comunista da União Soviética, afirmou: «A cooperação da URSS com os Estados Unidos, na exploração dos Cosmos, é o resultado já adquirido da coexistência pacífica — e concluiu — os exploradores do espaço de ambos os países trabalharam separadamente os seus quinze anos, mas puderam finalmente reunir os seus esforços, graças à mudança do clima internacional, a viragem nas relações soviético-americanas, a passagem do estado de «guerra fria» ao de coexistência pacífica e a cooperação construtiva.»

A experiência conjunta de astronautas soviéticos e norte-americanos é sem dúvida, mais do que um símbolo, um exemplo concreto das imensas possibilidades que um clima de paz e de cooperação internacional pode abrir ao progresso de toda a Humanidade, progresso de que os avanços no campo da ciência constituem um elemento particularmente importante e não negligenciável. Entretanto, apesar dos múltiplos, pas-



sos dados para a criação de um clima de coexistência pacífica, não se deve ignorar os imensos perigos que ainda rodeiam a frágil estrutura da paz alcançada graças a persistência, a determinação, da batalha de há muito empreendida pelos países socialistas encabeçados pela URSS e por todas as forças progressistas e pelos povos do Mundo. A guerra é ainda uma ameaça, em particular a guerra em zonas em que a cobiça do imperialismo se faz particularmente sentir. A paz, uma conquista de todos os dias. Por baixo das mãos fraternalmente estendidas no espaço, continuam a tecer-se teias de conspirações reaccionárias e de aventuras bélicas, o imperialismo continua a manobrar para se furta a acordos imperativos. Sem a solidez da paz na terra, dificilmente serão sólidas as perspectivas de continuidade de experiências tão importantes como a realizada, que aliás constituem por seu lado um negável contributo para essa paz.

CUBA, 26 DE JULHO DE 1953

OS HERÓIS DE MONCADA PERMANECERÃO NA MEMÓRIA DO POVO

O 26 de Julho é comemorado anualmente em Cuba com grandes festejos populares que coincidem com o Carnaval cubano. Mês de férias quase total, Julho tem esse dia grande na história do Povo, data que assinala o início da Revolução, com o ataque dos futuros guerrilheiros da Sierra Maestra ao quartel Moncada, em Santiago de Cuba, no ano de 1953.

Convidados de todo o Mundo assistem a essa festa popular ao lado do primeiro-ministro Fidel Castro, dos governantes e dirigentes do Partido Comunista Cubano. Este ano, entre outros compatriotas, assistirá ao 26 de Julho o general Otelo de Carvalho, homem do MFA e da Revolução portuguesa.

Celebrado cada ano em local diferente, o aniversário do ataque a Moncada decorrerá dentro de dias na cidade de Santa Clara, capital da província de Las Villas. O «Avante!» participa também nessa festa do povo cubano, abrindo as páginas ao passo inicial da gloriosa Revolução que abriu o caminho do socialismo ao primeiro território livre da América.

Pela minha parte, se tiver da minha honra para salvar que ceder a mais pequena uma vida, prefiro perdê-la mil vezes: um princípio justo, no fundo de uma cova, vale mais que um exército. Assim terminava Fidel Cas-

tro Ruz, em 26 de Setembro de 1953, um requerimento ao Tribunal, pedindo para estar presente na sala onde ia ser julgado. Estas palavras em que alguém poderá descobrir a exaltação de um sentimento excessivo, ou até alguma dose de retórica, são afinal a expressão fiel de uma realidade vivida. A realidade da brutal e sangüinária repressão que se abateu sobre os primeiros combatentes da Revolução cubana.

Que pretendia o ditador Batista ao proibir a comparecimento de Fidel no tribunal? Manter as fantásticas falsidades que se teceram à volta dos factos de 26 de Julho, para que não se tornassem conhecidos os crimes horrendos cometidos nesse dia em que se pôs em cena a mais espantosa matança da História de Cuba. Friamente abatidos, cruelmente torturados, dezenas de jovens revolucionários pagaram com a vida a sua dedicação a um povo subjugado por uma ditadura terrorista, a uma pátria vendida ao imperialismo americano.

Que se passou nesse 26 de Julho de 1953, data cheia de significado, que a primeira República Socialista da América Latina comemora todos os anos? Apenas um primeiro esforço. Mas um esforço que abriu caminho ao povo para a conquista do poder revolucionário: o ataque, em Moncada, a um quartel do ditador Fulgencio Batista. Assim se iniciou a luta armada que, seis anos depois, derrubaria definitivamente o fascismo em Cuba.

Não eram muitas as armas que conseguimos obter. Tão-pouco era boa a sua qualidade. De uma a uma, compraram-se algumas dúzias de espingardas automáticas de 5 cartuchos calibre 12 e mais ou menos a mesma quantidade de pequenos rifles semiautomáticos calibre 22. Só conseguimos uma pistola metralhadora, uma «Browning» calibre 45, uma carabina M-1, várias espingardas «winchester» de cano curto, calibre 44, das que usam os «cowboys» nas películas americanas da conquista do Oeste e ainda algumas pistolas de vários calibres. Era esse todo o nosso armamento. Entregando uma arma a cada um, era suficiente para armar uns 150 homens, conta Raul

Castro, combatente revolucionário da primeira hora e hoje ministro das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba.

O ataque a Moncada falhou. Mas não faliu o impulso que o moveu. Foi um combate desigual e difícil que abriu caminho a uma luta de sete anos. Não foi o fim, mas o começo. Com uma dificuldade não vencida, surgiu naquele dia uma característica essencial da Revolução cubana: A confiança do povo em si próprio, a fé do povo na sua causa, a convicção do povo de que não haverá dificuldade, por grande que seja, que não consigamos vencer, que não haverá caminho, por difícil que seja, que não sejamos capazes de seguir até ao fim.

Fidel Castro, lembrando assim a dedicação revolucionária do seu povo, recorda-nos que a acção de uma centena de homens em Moncada não foi um «putsch», um golpe qualquer em busca de um triunfo fácil apenas para afastar Batista e os seus cúmplices do Poder. Tratava-se de um acto revolucionário para desarmar o inimigo e armar o povo, para com ele, para com as massas, se iniciar a luta pela transformação de todo o regime político e económico-social de Cuba, acabando com a opressão estrangeira, com a miséria, com o desemprego, com a doença e a ignorância que esmagavam o povo e a pátria cubana.

Foi duro o primeiro embate daquele movimento que, mais tarde viria a chamar-se 26 de Julho e que revelou Fidel Castro como organizador e dirigente. Contados por ele, finalmente autorizado a comparecer em tribunal, os crimes horrendos contra os assaltantes detidos formam uma história dantesca: uma festa de cadáveres, uma au-

têntica bebedeira de sangue. O quartel de Moncada transformou-se numa oficina de tortura e de morte e homens indignos converteram o uniforme militar em avental de carneiro. Havia olhos e órgãos genitais arrancados, fragmentos de pele e de ossos que as balas incrustaram nas paredes. Os esbirros de Batista não respeitaram sequer os feridos. Foram buscados a vários hospitais como abutres que perseguem a presa.

E não se limitaram aos combatentes. Terminado o combate — conta ainda Fidel — lançaram-se como feras em fúria sobre a cidade de Santiago de Cuba e saciaram as primeiras iras na população indefesa. Em plena rua e muito longe do local da luta mataram crianças e o pai de uma delas que se aproximava para levantar do chão o cadáver do filho.

Mas a resistência e os sofrimentos não foram em vão.

Abriu-se uma nova etapa nas lutas do povo cubano pela independência e a soberania nacional, revelaram-se os principais dirigentes da Revolução, aumentou a consciência das massas forjada no combate, iniciou-se um período de luta armada que só terminou com a derrota total da ditadura e da opressão, fascistas. A palavra de ordem de Libertade ou Morte teve na vida o seu seguimento e na liberdade a sua expressão.

PRIMEIRO TERRITÓRIO LIVRE E PRIMEIRO PAÍS SOCIALISTA DE TODA A AMÉRICA LATINA

Companheiros:

Dentro de algumas horas, poderão vencer ou ser vencidos. Mas, de qualquer maneira, oçam bem, companheiros, este movimento triunfará. Se vencerem amanhã, teremos mais depressa aquilo por que aspirou Martí. Se acontecer o contrário, o gesto servirá de exemplo ao povo de Cuba, para que tome nas mãos a bandeira e siga adiante. O povo nos apoiará em Oriente e em toda a ilha. Jovens do Centenário do Apóstolo (Martí) como em 68 e como em 95, aqui em Oriente damos o primeiro grito de LIBERDADE OU MORTE!

Já conhecem o objectivo do plano. Não há dúvida que é perigoso e todos os que saiam comigo daqui esta noite devem fazê-lo de absoluta vontade. Ainda estão a tempo para decidir. Os que estão prontos a ir que deem um passo em frente. A ordem é não matar, a não ser em extrema necessidade.

Ninguém recuou perante estas palavras de Fidel na noite de 25 de Julho de 1953. E não era a coragem paga do mercenário, nem a exaltação fugaz do romântico. Era a consciência clara de Fidel, de Abel Santamaría e de tantos outros jovens revolucionários que conheciam a realidade do seu país, a importância e os riscos da luta que iam desencadear.

Da sua determinação de seguir em frente até derrubar Batista e o seu regime fascista, até expulsarem os «tanques» de Cuba, é um bom exemplo a defesa política de Fidel Castro, conhecida hoje pela designação de «A História me Absolverá». Pela voz do seu dirigente, a geração do Centenário de José Martí fazia em tribunal uma denúncia indelével dos assassínios, da corrupção e das trações da tirania de Batista e uma análise da crise que a República atravessava.

A defesa de Fidel incluía ainda um autêntico programa para uma etapa da Revolução. Da análise que o sustinha constava o problema da terra (oiteenta e cinco por cento dos pequenos agricultores cubanos paga renda e vive sob a constante ameaça de ser desalojado. Mais de metade das melhores terras de cultivo estão em mãos de estrangeiros. Em Oriente, que é a província mais vasta, as terras da United Fruit Company e da West Indian nem a costa norte com a costa sul); o problema da industrialização (a excepção de umas quantas indústrias alimentares, madeiras e têxteis, Cuba continua a ser uma feitoria produtora de matérias-primas. Exporta-se açúcar para importar caramelos, exportam-se conros para importar sapatos, exportam-se ferro para importar arados); o problema da habitação (há em Cuba duzentas mil cubatas e choças, quatrocentas mil famílias do campo e da cidade vivem em barracas (...), dois milhões e duzentas mil pessoas (...), pagam alugueis que absorvem entre um quinto e um terço dos seus salários); o problema do desemprego (Fidel explicava que um milhão de pessoas, numa população de cinco milhões e meio de habitantes, se encontrava sem emprego desde Maio a Dezembro de 1952, somando Cuba mais desempregados que a França e a Itália com uma população de mais de quarenta milhões cada uma); o problema da educação (em qualquer pequeno país da Europa existem mais de duzentas escolas técnicas e de artes e ofícios. Em Cuba não passam de seis e os jovens saem com os seus diplomas sem terem o direito de empregar-se); o problema da saúde (Noventa por cento das crianças dos campos são devoradas por parasitas que se infiltram pelas unhas dos pés descalços. E como é que

um chefe de família, que trabalha quatro meses por ano, pode comprar roupas, sapatos e remédios para os filhos? Crescerão raquíticos e aos 30 anos não terão um único dente, terão ouvido dez milhões de discursos e morrerão de miséria e decepção. O acesso aos hospitais do Estado, sempre repletos, só é possível mediante a recomendação de um magnate político, que exigirá ao infeliz o seu voto e o de toda a família para que Cuba continue sempre igual ou pior).

Do programa dos jovens combatentes do quartel Moncada constavam cinco leis revolucionárias, que instaurando de imediato as liberdades democráticas, previam algumas medidas de reforma agrária, a reforma integral do ensino, nacionalização de algumas indústrias, e outras medidas para dar início à resolução dos problemas mais graves que afectavam o povo cubano no campo da saúde, da habitação, do direito ao trabalho.

As grandes realizações de um País novo

Desse núcleo de jovens revolucionários, operários, trabalhadores intelectuais e estudantes que, em 26 de Julho de 1953, atacaram Moncada, saíram os principais dirigentes da Revolução cubana. Formaram o núcleo do Exército Rebelde e o Exército Rebelde foi, por sua vez, o núcleo do Partido. Desse núcleo e de outras forças políticas que a ele se juntaram nasceu o actual Partido Comunista de Cuba.

De primeiro território livre da América, em 1959, Cuba depressa se transformou no primeiro país socialista da América Latina. As transformações revolucionárias, destruindo o mito do fatalismo geográfico do imperialismo e as burguesias nacionais sempre pretenderam cimentar para melhor defenderem o jugo opressor, firmaram-se com a resistência heroica e a disposição para a luta demonstrada pela classe operária, com a direcção lúcida e eficaz dos seus dirigentes, com a solidariedade internacional dos povos da América Latina e do mundo inteiro, com a ajuda dos países socialistas e muito especialmente com o apoio político, militar, técnico e económico da União Soviética.

As ilusões de Washington depressa desapareceram. A reforma agrária, as nacionalizações, a criação de um novo poder autenticamente popular destruíram por completo as ideias imperialistas de que o Movimento poderia ser colocado sob o seu controlo ou até destruído. Apesar do ódio imperialista, concretizado no corte de abastecimentos de combustíveis, no bloqueio comercial, nos atentados contra dirigentes, nas intervenções armadas, na sabotagem, nos esforços bem conhecidos da CIA e do Pentágono, pode-se hoje afirmar que a Revolução cubana não cessou de se fortalecer, de aumentar o seu poderio militar que defende um clima de segurança e de estabilidade e desenvolvimento para o povo cubano.

Nos últimos quinze anos, Cuba quase quadruplicou a sua capacidade de produção de energia eléctrica. A produção de oimento triplicou e em 1980 será seis vezes superior à de 1959. A rede de estradas aumentou duas vezes e meia. O sector da construção civil, que, em 1970, atingia um valor de 339 milhões de pesos cubanos anuais, em 1974 estava muito próximo dos mil e duzentos milhões, a preços constantes. Em 1980, o valor da produção deste sector superará os três milhões, o que representará um crescimento de mais de oito vezes em dez anos.

Opazo, muito breve, que mediou entre a libertação nacional de Cuba e a sua transformação em regime socialista capaz de responder vitóriasmente a agressão militar do imperialismo americano deveu-se sobretudo à unidade revolucionária e à formação e fortalecimento de um partido de vanguarda da classe operária e dos restantes trabalhadores. Função importantíssima tiveram também nesse avanço da Revolução as modificações favoráveis na situação internacional com o avanço do socialismo e a luta anti-imperialista em todo o Mundo.

Exemplo extraordinário para todos os movimentos revolucionários da América Latina e para todos os povos que lutam contra o imperialismo pela independência nacional, a democracia, o bem-estar popular, a paz e o socialismo, o exemplo cubano manifesta-se nas maiores realizações em todos os campos do desenvolvimento económico e social.

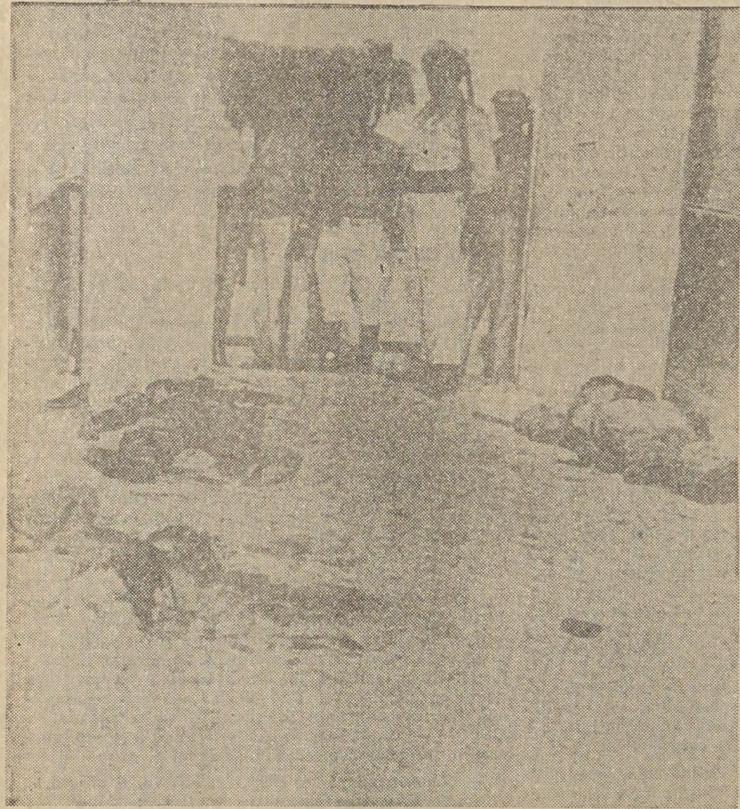
No programa educacional, por exemplo, que desperta a admiração dos especialistas dos países mais avançados. Noventa e nove e meio por cento da população escolar cubana frequenta as escolas do ensino primário. Cento e cinquenta mil jovens passam anualmente para o ensino médio que agrupa actualmente quase 500 mil estudantes, quando eram apenas 80 mil no início do período revolucionário. Em todo o sistema escolar, incluindo as escolas secundárias no campo, as escolas tecnológicas, os institutos politécnicos, tecnológicos e pré-universitários, se dá grande atenção ao respeito pelo trabalho, parte de uma formação moral e política que coloca a juventude cubana num plano nunca atingido pela dos países imperialistas. Com 65 mil estudantes universitários (mais três vezes e meia do que no período pré-revolucionário) Cuba diplomou, em 1973, 12 mil técnicos médios.

O povo cubano tem hoje ao seu serviço 10 300 médicos, um dos três índices mais altos da América Latina. Depois de ter enfrentado um êxodo maciço de médicos para os Estados Unidos, Cuba, que ocupa o terceiro lugar na América Latina quanto ao consumo de proteínas e atingirá no próximo quinquénio os níveis dos países desenvolvidos, reduziu de modo impressionante a mortalidade anual para a taxa de seis por mil, ao mesmo tempo que eliminava de vez doenças endémicas como a poliomielite e o paludismo.

Na agricultura, centro da estratégia económica inicial, o crescimento tem sido espectacular, o mesmo sucedendo com a indústria destinada a servir a agro-pecuária. A produção de fertilizantes atingiu mais de 660 mil toneladas e em breve duplicará. A pesca, que pouco ia além das 20 000 toneladas anuais ao começar o período revolucionário, atinge hoje mais de 200 mil. A marinha mercante passou de 57 mil toneladas de peso morto em 1958 para 586 mil em 1974.

A indústria açucareira foi consolidada. A cultura intensiva e a máxima mecanização da colheita proporcionaram brevemente uma capacidade para 600 combinadas anuais que poderão cortar e entregar diariamente ao transporte umas 100 mil toneladas. O mesmo desenvolvimento se nota na produção de níquel, na petroquímica do plástico e em muitas outras realizações revolucionárias que dão a medida do que pode um país libertado do imperialismo, do que pode um povo que trabalha para si próprio.

Vinte e dois anos depois do ataque revolucionário ao quartel Moncada, dezasseis anos depois da derrota do fascismo e do imperialismo em Cuba, o povo cubano dá provas magníficas de quanto pode a unidade revolucionária, de quanto pode um partido de vanguarda, a verdadeira construção do socialismo.



Os corpos dos revolucionários mortos junto de uma das entradas do Quartel de Moncada

POUCOS HOMENS, POUCAS ARMAS, UM «PEQUENO MOTOR» E CUBA SEGUIU EM FRENTE COM TODO O POVO CUBANO

Em 10 de Março de 1952, 80 dias antes das eleições, o ditador Fulgencio Batista encabeça em Cuba um golpe de Estado sob as ordens do imperialismo. O Governo desmorojava-se em poucas horas como um castelo de cartas e o presidente Carlos Prío fugia cobardemente para o estrangeiro. Terminava, assim o ciclo das instituições democrático-representativas da burguesia, estabelecidas pela Constituição de 1940.

Tomava o Poder a ditadura batistina. Segurando-a com a força dos dólares, da corrupção sem freio e do obscurantismo, estava a Embaixada dos Estados Unidos da América, o clero reaccionário, as classes dominantes, um sem-número de políticos venais e um poder judicial corrompido até à medula.

Fidel Castro dizia que as classes exploradoras lhes convinha ter um Batista no Poder. Mesmo sabendo-o ladrão, criminoso, chefe de vícios e imoral, pouco lhes importava, desde que os guardas rurais estivessem à disposição dos grandes agrários para responder, de catana em punho, ao operário que reclamasse perante um salário de fome ou ao camponês que exigisse um pouco de terra.

Faz falta pôr a andar um motor pequeno que ajude a arrancar o motor grande — dizia Fidel por essa época, falando da necessidade de erguer um movimento de massas para destruir a tirania e a miséria.

O motor pequeno seria a tomada da fortaleza de Moncada. A data escolhida foi 26 de Julho de 1953.

Os trabalhadores invadiam as ruas com os seus protestos. Confiavam, porém, ainda um pouco nas eleições gerais para que todos se preparavam. Confiavam, embora cada vez com menos alento, numa corte de políticos desonestos, que ofereciam cargos importantes a um sem-número de velhos politiqueros, latifundiários, banqueiros... Começavam a tornar-se claras para as classes trabalhadoras a incapacidade e as vacilações de que, ao longo de sete anos de luta contra Batista, os dirigentes oposicionistas deram provas.

O povo trabalhador começou a compreender que o golpe de Batista não era contra os que estavam no poder (e

por trás dos quais estava o mesmo Batista e as forças que o apoiavam) mas contra o povo trabalhador, contra a classe operária dos campos e da cidade. Prosseguiu e intensificava-se, com o ditador no Poder, o assalto à mão armada contra os sindicatos, a destruição dos dirigentes honestos, a imposição de falsos dirigentes com métodos de «gangsters». Prosseguiu e intensificava-se a destruição de algumas das conquistas mais significativas dos trabalhadores. O imperialismo americano, sempre atento, fomentava o divisionismo. A Embaixada americana empunhava a bandeira do anti-comunismo, através dos seus agentes infiltrados nos sindicatos.

Os auto-intitulados dirigentes oposicionistas («abstenционistas», «insurreccionistas» e «mediadores») acordavam de um sono prolongado. Vinham de 1934 e começavam a agitar um curdo oportunista. Queriam fazer esquecer as trações dessa época. Eram os assassinos do grande dirigente comunista Jesús Menéndez, os que atacaram Trejo, Mella, Guiterras. Ladrões e «corrompidos», queriam atribuir-se a representação das massas, que Batista oprimia e explorava como eles tinham oprimido e explorado antes.

Em vão. O caudal brotava agora de outra nascente. Fidel analisando a situação dizia que a indecisão dos líderes, o pessimismo que poderia assaltar alguns, ao depararem com as realidades cubanas dessa época, seria coisa nenhuma perante a força indestrutível das massas e dos homens íntegros que sairiam das suas fileiras.

Assim foi, durante uma luta dura e gloriosa de sete anos, iniciada precisamente em 26 de Julho de 1953 com o ataque ao quartel Moncada. O motor pequeno funcionava. Moncada falhou, mas a prova estava feita. O «motor grande» não tardaria a arrancar. E arrancou com homens como Fidel Castro, Abel Santamaría, José Luis Tassende, Renato Guitart, António Lopez Fernandez (Nico), Raul Castro, Pedro Miret, Jesús Montané e muitos outros que os cubanos e os povos oprimidos não esqueceram. Homens que, encarnando a tradição heroica do povo cubano, que sempre se

levantou contra a opressão, reuniram à sua volta um grupo de jovens trabalhadores e intelectuais, num movimento revolucionário, cujas vitórias estão bem presentes na nossa memória de Sierra Maestra e de Playa Girón.

Era o ano do centenário do Apóstolo (José Martí) grande herói da pátria cubana. Falhado o ataque a Moncada, presos Fidel e outros dirigentes do Movimento, assassinados a sangue frio dezenas e dezenas de combatentes desarmados, a primeira tentativa de luta armada parecia ter terminado

num banho de sangue com os louros para Batista e para o imperialismo. 1953: Parecia que o Apóstolo ia morrer no ano do seu centenário, que a sua memória se extinguiu para sempre, tão grande era a afronta! Mas, nas palavras de Fidel, o seu povo (o povo de Martí) é digno da sua doutrina. Há jovens que, num magnífico desagravo, vieram morrer junto ao seu túmulo, dar-lhe o seu sangue e a sua vida, para que ele continue vivendo na alma da Pátria!

E desde aí Cuba seguiu em frente.



Fidel Castro quando era interrogado pelos militares